



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

O NOMADISMO DE CARLOS MAGNO NAS VOZES DO CORDEL

WILLIAN LIMA DE SOUSA

JOÃO PESSOA/PB

ABRIL/2013

S725n Sousa, Willian Lima de.

*O nomadismo de Carlos Magno nas vozes do cordel /
William Lima de Sousa.-- João Pessoa, 2013.*

103f. : il.

Orientadora: Beliza Áurea de Arruda Mello

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL

*1. Magno, Carlos, 742a.C-814a.C. - crítica e interpretação.
2. Linguística. 3. Nomadismo. 4. Voz - narrativa. 5. Discurso.
6. Religiosidade.*

UFPB/BC

CDU: 801(043)

WILLIAN LIMA DE SOUSA

O NOMADISMO DE CARLOS MAGNO NAS VOZES DO CORDEL

Willian Lima de Sousa em 5 de abril, de 2013

Conceito/Nota: 10,0 (10)

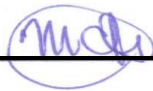
Banca Examinadora



Dra. Beliza Áurea de Arruda Mello – UFPB
(Orientadora)



Dr. Lucrécio Araujo de Sá Junior – UFRN
(Examinador 1)



Dra. Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira – UFPB
(Examinadora 2)

Dr. Linduarte Pereira de Araújo – UEPB
(Examinador suplente)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao bom Pai Celestial, pela proteção, saúde (física e espiritual), *insights* e pelas adversidades do percurso;

Aos meus pais, Salete e Jessé, pessoas humildes no que concerne ao conhecimento secular, e que muitas vezes nem entendiam ou entendem o que eu faço. Amo vocês;

À Lia, minha amada mulher, pela paciência, incentivo, meu amor eterno;

Ao meu pequeno Theo, parte de mim, carne da minha carne, meu amor;

À minha pequena Cecília Naya, parte de mim, carne da minha carne, meu amor;

Ao meu jovem Rodrigo, o primeiro nenê;

Ao Tiago, que precisa acordar para a vida e acordou;

Ao amigo Fábio Ferreira, uma simples conversa mudou nossas vidas;

Ao meu povo de Rio Tinto, de São Paulo, do Piauí, do Rio Grande do Norte, de João Pessoa;

Aos amigos;

Às quatro mulheres, Naia, Tomiko, Aurizete e Maria do Carmo. Elas sabem o motivo;

À Beliza Áurea, orientadora, por acreditar nesse projeto. Além disso, pelas risadas, pontuações, carões, risadas, disponibilidade, cobranças, risadas, incentivo, paciência... por fim, orientadora não só de orientações acadêmicas, mas de orientações para a vida;

À banca, Dr. Lucrécio Araujo de Sá Junior, Dra. Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira, Dr. Linduarte Pereira Rodrigues.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING-UFPB), na Pessoa de Regina Celi;

Ao programa de bolsas Reuni – UFPB.

Pelo que concerne à poesia, a escritura parece moderna; a voz, antiga. Mas a voz “moderniza-se” pouco a pouco: ela atestará um dia, em plena “sociedade do ter”, a permanência de uma “sociedade do ser”.

(ZUMTHOR, 1993)

RESUMO

A presente investigação objetiva examinar a popularidade das narrativas pesquisadas sobre Carlos Magno no cenário nordestino, assim como o processo de nomadismos das narrativas que envolvem as personagens carolíngias no trajeto Europa - Nordeste brasileiro e sua atualização lingüístico-cultural para a voz e escritura que habita o imaginário popular do povo nordestino. Após a morte de Carlos Magno, e principalmente, no século VIII, uma série de narrativas envolvendo essa personagem e seus companheiros passaram a circular em alguns países da Europa, partindo da França. Neste país, a narrativa é de suma importância para o desenvolvimento da literatura popular. Fixada na camada popular em Portugal, as narrativas envolvendo Carlos Magno iniciam seu processo de nomadismo rumo ao Brasil por volta de 1769 e 1826. No Brasil, principalmente no Nordeste, a narrativa se estrutura primeiramente no suporte oral, dos cantadores. Segundo Cascudo, a voz do cantor é o primeiro suporte dessa narrativa. Ao voltar às páginas dos cordéis em 1909, a voz foi fixada nas escrituras de Leandro Gomes e alcançou um grande índice de consumo em meio à comunidade nordestina. Esses folhetos são comercializados até hoje e são famosos no interior nordestino, pois estes cavaleiros carolíngios com seu código de honra, suas indumentárias se atualizaram miticamente em uma figura expressiva do imaginário popular nordestino: o cangaceiro. A partir dessas discussões, buscou-se nessa pesquisa compreender dois processos significativos que envolvem essas narrativas, a partir do conceito zumthorianos de nomadismo. Primeiro, o nomadismo da narrativa carolíngia favorece a atualização do signo Carlos Magno na figura do cangaceiro nordestino; segundo, se nesse processo de nomadismo da narrativa de Carlos Magno da estrutura de prosa para a estrutura de verso, o discurso exemplar, pautado pela ótica do catolicismo é reeditado nos folhetos nordestinos. Por meio desses dois questionamentos, os resultados auferidos nessa dissertação demonstram que o processo de atualização do mito Carlos Magno na figura do Cangaceiro, assim como a força do discurso católico favoreceram a popularidade dos folhetos de Carlos Magno no Nordeste.

PALAVRAS-CHAVE: nomadismo, voz, narrativa, folheto, religiosidade, discurso.

ABSTRACT

The present research aims at examining the popularity of Charlemagne's narrative in the Northeastern Brazilian scenario, as well as the process of nomadisms related to the narratives involving carolingian characters in the course between Europe - northeastern Brazil and its linguistic and cultural *mouvence* to the voice and letter that inhabits the popular imaginary of northeastern people. After the death of Charlemagne, and mainly, in the ninth century, a series of narratives involving this character and his companions began to circulate in some countries in Europe, starting in France. In this country, the narrative is relevant in importance for the development of popular literature. Fixed in the popular stratum in Portugal, the narratives involving Charlemagne begin their process of nomadism towards Brazil around 1769 and 1826. In Brazil, principally in the Northeast, the narrative is structured primarily on an oral support. According to Cascudo, the cantador's voice is the first support of this narrative. Returning to the pages of folhetos in 1909, the voice was fixed on the pages written by Leandro Gomes de Barros and it achieved a high rate of consumption amid the Northeastern community. These folhetos are sold today and are famous in Northeast lands, because these carolingian knights with their honor system, their costumes are updated on a mythically figure present in the Northeast popular imaginary, the cangaceiro. Based on these discussions, this research sought to understand two significant processes that involve these narratives, however anchored on Paul Zumthor's concept of nomadism. First, the nomadism of carolingian narrative favors the actualization of the Charlemagne sign in the figure of northeastern cangaceiro. Second, if in this process nomadism of Charlemagne's narrative from the prose structure to verse structure, the catholic discourse current in the prose text is reissued in the Northeast folhetos. Through these two questions, the results reached in this dissertation demonstrate that the process of updating the myth of Charlemagne in the Cangaceiro figure, as well as the strength of the Catholic discourse favored the popularity of the Charlemagne folhetos in northeastern Brazil.

KEYWORDS: nomadism, voice, narrative, *folheto*, religiosity, discourse.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro <i>História do Imperador Carlos Magno</i> (1864).....	33
Figura 2: <i>Batalha de Oliveiros com Ferrabrás</i> (quadrinhos).....	37
Figura 3: Fragmento da obra <i>História do Imperador Carlos Magno</i> (1864).....	42
Figura 4: Última página do folheto <i>Batalha de Oliveiros com Ferrabraz</i> (1913).....	46
Figura 5: Lamento de Carlos Magno sobre a morte de Roldão.....	54
Figura 6: Trecho do folheto <i>As lágrimas de Antônio Silvino por Tempestade</i>	54
Figura 7: Folheto <i>Batalha de Ferrabraz com Oliveiros</i> (1909).....	76

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1: Eixo sintagmático proposto a partir da perspectiva teórica de Kabatek.....	49
Esquema 2: Eixo paradigmático proposto a partir da perspectiva teórica de Kabatek...	51
Esquema 3: A convergência entre signo carolíngio e o cangaceiro nordestino.....	55
Esquema 4: A interação de três visões teóricas.....	61
Esquema 5: harmonia enunciativa entre arquétipo bíblico e o folheto carolíngio.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 NOMADISMO DAS VOZES: TRADIÇÃO DISCURSIVA NOS FOLHETOS CAROLÍNGIOS.	15
1.1 Um emaranhado de letras e vozes nos folhetos carolíngios: a revisão da bibliografia crítica sobre o objeto de estudo.	16
1.2 Um nomadismo movente e circulante nos folhetos de Carlos Magno	21
1.2.1 O nomadismo antropológico: Os contadores e cantadores	23
1.2.2 O nomadismo da voz: <i>verba volant</i>	25
1.2.3 O nomadismo da escritura: letra errante.	30
1.2.4 O nomadismo dos gêneros: orais e escritos	34
1.3 Tradição discursiva	38
1.3.1 Tradição discursiva e linguística: o eixo sintagmático	40
1.3.1.1 Tradição discursiva e linguística: o eixo sintagmático e o folhetim do povo nordestino	43
1.3.2 Tradição discursiva e linguística: o eixo paradigmático	49
2 A TEMÁTICA RELIGIOSA NOS FOLHETOS CAROLÍNGIOS: A OUTRA BATALHA DE FERRABRAZ COM OLIVEIROS	63
2.1 A questão dos ciclos temáticos: a consagração da fragilidade	64
2.2 Religiosidade: <i>leitmotiv</i> do cenário dos folhetos carolíngios	70
2.3 Da influência religiosa no poeta de cordel	74
2.4 A configuração do discurso religioso no folheto Batalha de Ferrabraz com Oliveiros	77
2.4.1 O discurso religioso e a equivalência da simbologia de Carlos Magno a Jesus Cristo	78
2.4.2 A recorrência do mito de Davi e Golias em <i>A batalha de Ferrabraz com Oliveiros</i>	83
2.4.3 O discurso católico de Oliveiros	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

Introdução

Esta dissertação é fruto do projeto de pesquisa intitulado de *Cordel na Hipermídia: conexões com a sala de aula* (PROLICEN-UFPB 2009/2010). Durante o procedimento das leituras de folhetos de cordel e do arcabouço teórico vinculado à pesquisa, ainda no período da graduação, algumas inquietações surgiram a respeito da *popularidade* dos folhetos carolíngios, no cenário nordestino. Dois direcionamentos foram fundamentais nesta pesquisa: a aproximação simbólica entre Carlos Magno e o cangaceiro nordestino, o discurso religioso presente no folheto *Batalha de Ferrabraz com Oliveiros*.

Baseado nessas inquietações, este compêndio dissertativo intitulado de *O nomadismo de Carlos Magno nas vozes do cordel* discute a desterritorialização das narrativas que envolvem as personagens de *Carlos Magno e dos Doze Pares de França* da Europa para o Brasil, e a sua reterritorialização linguístico-cultural para a literatura de cordel nordestina. Nesse processo de reterritorialização da narrativa francesa para os folhetos são relevantes dois fatores pontuais:

- 1º) a aproximação simbólica entre Carlos Magno e o cangaceiro nordestino;
- 2º) o papel do discurso religioso nos folhetos carolíngios.

Após elencar os dois pontos analíticos cotejados nessa pesquisa e de uma visualização diacrônica do trajeto das narrativas carolíngias até chegar ao Brasil partiu-se para o levantamento do *corpus*, assim como os procedimentos metodológicos que viabilizaram o cumprimento dessa pesquisa. Destaca-se que, esta é uma pesquisa de cunho qualitativo/ bibliográfico, pois por meio da leitura *corpus*, análise e aplicação da teoria aos dados levantados, visou-se contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos encontrados nos textos carolíngios atualizados pelos poetas nordestinos.

O *corpus* deste trabalho é constituído dos seguintes folhetos:

Autor: João Lopes Freire	Folheto: <i>História de Carlos Magno e os Doze Pares de França</i>		
Editora: [s.n]	Local: RJ	Ano: 19--	Extensão: 43 p.

Autor: Leandro Gomes de Barros	Folheto: <i>A Batalha de Ferrabraz com Oliveiros</i>		
--------------------------------	--	--	--

Editora: [s.n]	Local: Recife – PE	Ano: 1909	Extensão: 37 p.
----------------	--------------------	-----------	-----------------

Autor: Leandro Gomes de Barros	Folheto: <i>A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz</i>		
--------------------------------	--	--	--

Editora: [s.n]	Local: Recife – PE	Ano: 1913	Extensão: 55 p.
----------------	--------------------	-----------	-----------------

Autor: Leandro Gomes de Barros	Folheto: <i>A Batalhas de Oliveiros com Ferrabraz</i>		
--------------------------------	---	--	--

Editora: [s.n]	Local: Guarabira – PB	Ano: 1920	Extensão: 36 p.
----------------	-----------------------	-----------	-----------------

Autor: Leandro Gomes de Barros	Folheto: <i>A prisão de Oliveiros e seus companheiros</i>		
--------------------------------	---	--	--

Editora: [s.n]	Local: [s.l]	Ano: [s.d]	Extensão: 47 p.
----------------	--------------	------------	-----------------

Autor: Antônio Eugênio da Silva	Folheto: <i>O cavaleiro Roldão</i>		
---------------------------------	------------------------------------	--	--

Editora: Estrella da poesia	Local: Campina Grande – PB	Ano: 1958	Extensão: 32 p.
-----------------------------	----------------------------	-----------	-----------------

Autor: Leandro Gomes de Barros	Folheto: <i>Roldão no Leão de Ouro</i>		
--------------------------------	--	--	--

Editora: Tipografia Lira Nordestina	Local: Juazeiro do Norte - CE	Ano: 1977/1980	Extensão: 40 p.
-------------------------------------	-------------------------------	----------------	-----------------

Autor: Marcos Sampaio	Folheto: <i>A Morte dos 12 Pares de França</i>
-----------------------	--

Editora: [s.n]	Local: Juazeiro – CE	Ano: 1978	Extensão: 32 p.
----------------	----------------------	-----------	-----------------

Autor: Leandro Gomes de Barros	Folheto: <i>As Lágrimas de Antônio Silvino por Tempestade</i>
--------------------------------	---

Editora: [s.n]	Local: [s.l]	Ano: [s.d]	Extensão: 10 p.
----------------	--------------	------------	-----------------

Destaca-se que, o folheto norteador da pesquisa é a *Batalha de Ferrabraz com Oliveiros / Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*. Esse levantamento do *corpus* sucedeu-se da seguinte forma, por meio do acervo particular da professora Beliza Áurea de Arruda Mello, além dos folhetos disponibilizados em acervos virtuais. Os acervos públicos consultados foram:

- a) Casa Rui Barbosa¹.
- b) Projeto *Memória de Leitura*, coordenado pelas professoras Márcia Abreu e Marisa Lajolo².
- c) Fundação Joaquim Nabuco³.
- d) Coleção Sebastião Nunes Baptista⁴

Posteriormente à leitura do *corpus*, foi realizado o levantamento do material bibliográfico disponível sobre a temática carolíngia e que se restringisse ao objetivo da pesquisa – artigos, periódicos, livros, entrevistas – referentes às discussões nas quais a presente proposta de estudo se inseria, desse modo, foi realizado um mapeamento do debate acadêmico sobre a temática carolíngia, com o objetivo de aprofundar a fundamentação teórica e crítica sobre o tema. Após a leitura da bibliografia levantada, pois nessa etapa, a pretensão maior concernia à condensação dos textos através de fichamentos, cuja meta se deu pela metodologia de separação gradativa de material que suprisse, ou esclarecesse as inquietações propostas na pesquisa.

¹http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_colecao_docpro_lista_ctd.html

²<http://www.unicamp.br/iel/memoria/>

³<http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/home/index.php>

⁴<http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=RuiCordel&pagfis=64&pesq=&url=http://docvirt.no-ip.com/docreader.net#>

Por fim, houve o tratamento dos dados auferidos através da correlação entre corpus – categorias analíticas e fundamentação teórica, culminando com a construção da redação do texto dissertativo. Na perspectiva estrutural, o texto dissertativo está dividido em dois capítulos.

Primeiro capítulo: “Nomadismo das vozes: tradição discursiva nos folhetos carolíngios”. Neste capítulo é realizada uma sistematização do conceito de *nomadismo*, na perspectiva zumthoriana. Visou-se compreender os trajetos percorridos pelas tramas carolíngias até as suas cheganças no folheto de cordel nordestino. Após o que, apoiado na conceituação kabatekiana de *tradição discursiva* pôde-se apreender o processo de aproximação semântica entre narrativas e signos de culturas distintas, assim como a ressignificação do signo carolíngio nos folhetos nordestinos.

Segundo capítulo: “A temática religiosa nos folhetos carolíngios: a outra batalha de Oliveiros com Ferrabrás”. Este capítulo inicia-se com uma discussão sobre o modo como é elencado um folheto a um ciclo temático, pois percebe-se uma fragilidade ímpar nesse processo associativo. Após essa reflexão, a temática religiosa presente no folheto *Batalha de Ferrabraz com Oliveiros* é analisada, assim como, a função da mensagem religiosa no *locus* em que o folheto circula, a verve do poeta em relação à mensagem religiosa e por fim, têm-se uma análise da “outra” batalha de Oliveiros com Ferrabraz, a batalha discursiva.

Após a introdução do procedimento de composição dessa dissertação, eis que os resultados estão disponibilizados para que sejam cotejados. Essa pesquisa visa dar continuidade aos trabalhos já realizados sobre a temática carolíngia, todavia inovando em alguns pontos analíticos. Porém, por se tratar de um material que não encerra um veredito definitivo sobre o que foi analisado nessas páginas, entende-se que o movimento dialético, renovador e movente da ciência pode trazer novas contribuições sobre as mesmas temáticas contempladas nessa pesquisa.

CAPÍTULO I

Nomadismo das vozes: tradição discursiva nos folhetos carolíngios

Tinha o duque de Nemé
Que era uma espada medonha,
O grande Guy de Borgonha
Geraldo de Monde Fé.
Carlos Magno tinha fé
Em todos seus Cavalleiros,
Pois entre todos os guerreiros
De que nos trata a historia,
Vê-se sempre a maior gloria
De Roldão e Oliveiros.

Batalha de Ferrabraz com Oliveiros,
Leandro Gomes de Barros.

Nós somos como que anões montados em
ombros de gigantes.

Bernardo de Chartre.

1. Um emaranhado de letras e vozes nos folhetos carolíngios: a revisão da bibliografia crítica sobre o objeto de estudo.

No Nordeste brasileiro difundiu-se um tipo de literatura que se tornou singular entre a população acantonada nesta parte do Brasil e, posteriormente, se espalhou para todo o território nacional, o folheto de cordel. Essa produção, desde o final do século XIX, desempenha funções pedagógicas, lúdicas, e simbólicas entre outras. Há uma vasta produção de folhetos que desenha um território carolíngio no imaginário das vozes nordestinas, revelando novos “reis” neste lado do Atlântico.

Esses folhetos – verdadeiros jornais do nordestino como lembram muitos poetas de cordel e muitos críticos – abordam poeticamente em seus enredos os seguintes temas: os crimes, a seca, o cangaço. Desse modo, essas histórias chegaram ao conhecimento do povo por meio da voz (canto) e/ou do escrito do folheto.

Esses cordéis feitos de papel de jornal atravessaram o século XX e adentraram em um novo século ainda no suporte antigo e em outras diagramações. Esses folhetos concentraram a atenção de diversas pessoas ao redor das mesas após o jantar, portas das casas, praças e principalmente nas feiras, um público que ouvia as narrativas e visualizava a *performance* do cantador/contador e se enriquecia com ecos de narrativas do presente e do passado.

De acordo com muitos estudiosos desse fenômeno literário, tais como: Câmara Cascudo, Silvio Romero, Jerusa Pires Ferreira, Márcia Abreu, Idelette Santos, esses folhetos são oriundos da cultura européia, precisamente França (Literatura de *Colportage*), Espanha (*Pliegos sueltos*, ou *volantes*) e Portugal (cordel), neste caso, o título cordel advém da prática dos vendedores de colocar os folhetos em barbantes para serem vendidos. No Brasil, o título literatura de cordel é pura importação européia, pois os poetas nordestinos vendiam seus folhetos em malas e/ou bancadas de feira. Muitos manuais⁵ já contemplaram o percurso diacrônico da literatura de cordel até chegar ao Brasil, não é objetivo dessa pesquisa reeditar tais estudos, busca-se nessa apreciação investigar o processo de nomadismo das vozes e escritura presente nos textos/folhetos

⁵ Dois textos que demonstram o caráter diacrônico da literatura de cordel são: *Os cinco livros do povo*, de Câmara Cascudo (1953) e *História de cordéis e folhetos*, de Márcia Abreu (1999).

carolíngios desterritorializados⁶ rumo ao nordeste brasileiro e a sua popularidade e permanência entre o povo nordestino.

O objeto de estudo dessa pesquisa já foi analisado por muitos pesquisadores que privilegiam o texto carolíngio como *corpus* para suas análises, ou seja, o tema que envolve Carlos Magno e os Doze Pares de França já foi considerado sob diversas perspectivas analíticas. Um dos primeiros estudos de grande relevância que considera a presença das narrativas e personagens carolíngias nos folhetos nordestinos foi realizado por Câmara Cascudo, obra intitulada *Os Cinco Livros do Povo* (1953).

Nessa obra, Cascudo (1953) aborda cinco histórias assaz famosas entre a população nordestina, são elas: “Donzela Teodora”, “Imperatriz Porcina”, “Roberto do Diabo”, “Princesa Megalona” e “João Calais”. No entanto, Cascudo destina em um espaço no final de sua obra, uma espécie de apêndice, para as peripécias de Carlos Magno e seus paladinos nos folhetos nordestinos. A partir de uma leitura crítica do texto de Cascudo, entende-se que esse “apêndice” aborda outro grande sucesso da literatura popular nordestina.

A obra de Cascudo elenca os cinco livros mais populares entre o povo nordestino, porém na enunciação apreende-se que o título poderia ser os “seis livros” do povo. A certa altura de sua pesquisa sobre os heróis e tramas carolíngias, nos folhetos nordestinos, o pesquisador potiguar destaca que há uma grande popularidade das narrativas de Carlos Magno entre a população nordestina. Cascudo (1953, p. 125) descreve que:

A HISTÓRIA DE CARLOS MAGNO E DOS DOZE PARES DE FRANÇA⁷ foi, até poucos anos o livro mais conhecido pelo povo brasileiro do interior. Dessa escassa popularidade nos grandes centros urbanos, mantinha seu domínio nas fazendas de gado, engenhos de açúcar, residências de praias, sendo, às vezes, o único exemplar impresso existente em casa.

⁶ Conceito de Deleuze e Guattari. Este processo requer uma reterritorialização, a “criação” de um outro novo território. Vale lembrar que o conceito de desterritorialização era usado inicialmente para processos psicanalíticos, foi depois ampliado para a filosofia considerando a “criação” de novos territórios, como mais móveis e descontínuos, diferente dos conceitos originais que levaram milênios para modificações. Assim, ao se usar o conceito deleuziano de desterritorialização neste texto, é no sentido mais relacionado às questões físicas e antropológicas da humanidade e não propriamente a um território geográfico.

⁷ sic

Desse modo, podem-se vislumbrar as tramas carolíngias como outro livro do povo, o sexto livro, pois, a partir do que é descrito pelo próprio estudioso, o sucesso das narrativas é flagrante em meio à comunidade acantonada nas bordas sociais. Dois quesitos são proeminentes no estudo de Cascudo, são eles:

1. O trajeto antropológico⁸ da trama carolíngia que trafegou por solos de França, Espanha, Portugal até a reterritorialização em terra brasileira;
2. a presença de exemplares das histórias de Carlos Magno *impresso* entre a população nordestina.

O termo “impresso” é de grande destaque devido ao ambiente em que a narrativa circula, “fazendas de gado, engenhos de açúcar, residências de praias”, *locus dramaticus* em que há uma primazia do oral sobre o escrito.

Outro estudo que pode ser levado em consideração sobre a popularidade das tramas carolíngias no nordeste brasileiros, é a obra de Sílvia Romero, intitulada de *Estudos sobre a poesia popular do Brasil* (1977). Nesta obra de Romero (1977), têm-se citações sobre importantes narrativas da poética popular brasileira, nesse caso é um inventário das tramas mais populares e de repercussão no cenário brasileiro. É importante destacar que esse estudo é de cunho documental, portanto, sem grandes aprofundamentos analíticos. O que se pode destacar como algo relevante desse estudo, principalmente no que tange a história de Carlos Magno e os Doze Pares de França, é a popularidade das narrativas, assim como é observado na obra de Cascudo.

O autor destaca que essas tramas – folhetos carolíngios – eram os “folhetos mais vulgares nos cordéis de nossos livreiros de rua.” (ROMERO, 1977). Ressalta-se que o termo “vulgar” está sendo utilizado pelo autor com o sentido de “comum”, desse modo, era comum encontrar folhetos sobre Carlos Magno nos livreiros de rua.

Após as investigações de Cascudo (1953) e Romero (1977), obras que dialogam devido ao caráter demonstrativo/documental, surge um estudo analítico de grande repercussão sobre a temática carolíngia nos folhetos de cordel, que foi realizado por Jerusa Pires Ferreira, *Cavalaria em Cordel, O Passo da Águas Mortas* (1979).

⁸ Essa terminologia é usada por Gilbert Durand para explicar, a partir da teoria do imaginário, a dinâmica de determinadas imagens no inconsciente coletivo.

Ferreira (1979) traça um paralelo entre as novelas de cavalaria medieval – carolíngias e arthurianas – e os folhetos de cordel nordestino. Nessa análise, a autora percebe a recorrência da gesta carolíngia representada nos folhetos de cordel. Além de constatar essa representatividade de citações a respeito da gesta medieval nos folhetos nordestinos, têm-se também referências sobre como o vate nordestino teve acesso à matriz da trama de Carlos Magno. Segundo a autora, a fonte em que o poeta popular coteja com o intento de criar os seus folhetos é de cunho escrito e em prosa, provavelmente uma versão portuguesa de a *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França* (1864), o que corrobora o termo *impresso* descrito por Cascudo (1953).

Após a leitura de algumas publicações que dizem respeito à literatura de cordel, sobretudo à temática carolíngia, observa-se um diminuto avanço em relação ao ressaltado pelos pesquisadores supracitados. Desse modo, houve uma recorrência aos estudos que abordam a mesma categoria analítica privilegiada por Ferreira (1979), a presença da gesta medieval nos folhetos nordestinos.

Um exemplo de análise que contempla a mesma temática de Ferreira (1979) é o texto de Martine Kunz, publicado na revista APROPUC em 2000, cujo título é *Cordel, criação mestiça*. Neste ensaio, Kunz (2000) aborda a mesma problemática estudada por Ferreira em 1979, alguns comentários retomam o que já havia sido observado pela autora de *Cavalaria em Cordel*, tal como:

A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás, A Prisão de Oliveiros, O cavaleiro Roldão, A Morte dos Doze Pares de França... Os títulos de folhetos evocam a presença do ciclo carolíngio da canção de gesta francesa na literatura de cordel. *La Chanson de Roland* integra esse ciclo de poemas, que tem Carlos Magno como personagem central. Sua versão manuscrita mais antiga data provavelmente do final do século XI, e relata a Batalha de Roncesvales, travada na Espanha, em 15 de agosto de 778, entre mouros e cristãos. (KUNZ, 2000).

O que se observa com a constatação descrita acima é uma recursividade de trabalhos que privilegiam sempre a mesma temática. Dessa forma, os pesquisadores não estão/estavam contemplando outras categorias analíticas presentes nesses folhetos produzidos pela poética nordestina. Assim, percebe-se que as tramas carolíngias arquitetadas nos folhetos de cordel apresentam uma série de outras categorias que merecem ser cotejadas de uma forma mais crítica pelos pesquisadores.

Um avanço analítico em relação às tramas carolíngias nos folhetos de cordel é o ensaio de Sylvia Nemer, *O ideal cavalheiresco: entre o romanceiro medieval, o cordel e o cinema* (2007). Nesta pesquisa, a autora parte das observações estabelecidas por Ferreira (1979), todavia inova em sua análise quando demonstra a associação/atualização feita pelo poeta popular entre as personagens francesas e as personagens nordestinas. Neste caso, o poeta ao reinventar as tramas carolíngias associa, por meio do arquétipo, os heróis franceses as personagens do imaginário nordestino, como a figura do cangaceiro.

A problemática, descrita por Nemer (2007), está estritamente relacionada às conclusões que Gilvan de Mello Santos chegou em sua tese de doutorado intitulada: *Escrituras Nômades: o folheto de cordel como signo motivador do cinema nas décadas de 1950 e 1960* (2009). No terceiro capítulo dessa pesquisa que aborda a representatividade dos cangaceiros em folhetos nas décadas de 50 e 60 do século passado, no momento em que Santos (2009) descreve a composição simbólica do cangaceiro nas décadas supracitadas, o autor destaca que há por parte dos poetas populares uma aproximação simbólico-mítica entre Carlos Magno e os Doze Pares de França com os cangaceiros nordestinos.

A partir dos estudos evidenciados até o momento, é possível destacar que outras características do texto carolíngio que podem ser observadas sob outros prismas. Percebe-se também que, há rastros deixados pelos pesquisadores em seus textos que devem ser retomados. Uma série de investigações foram realizadas nesta pesquisa com a finalidade de confrontar, aprofundar e ampliar os estudos sobre a recorrência da gesta francesa em solo nordestino. Os folhetos que abordam as aventuras de Carlos Magno e seus paladinos não se esgotaram no que diz respeito a estudos que podem ser realizados tendo como *corpus* esses folhetos. Dessa forma, inicia-se uma nova apreciação sobre esses folhetos, nessa oportunidade, privilegiando outras peculiaridades contidas e pouco exploradas pela crítica que se debruçou sobre os folhetos do “ciclo carolíngio” ultimamente.

1.2. Um nomadismo movente e circulante nos folhetos de Carlos Magno

“O universo conceitual de Paul Zumthor” abrange uma série extensa de conceitos teóricos que em alguns casos são utilizados de forma equivocada pela crítica. Um dos conceitos zumthorianos que será apreciado neste estudo é o nomadismo. Previamente, se faz necessário alertar que muitos conceitos zumthorianos estão intrinsecamente relacionados, logo, o sistema conceitual de Zumthor preconiza ou permite uma associação entre um conceito e outro visando uma melhor compreensão de um fenômeno linguístico.

O conceito de nomadismo é assaz utilizado e disseminado no universo conceitual de Paul Zumthor. Em diversas obras⁹ desse autor, o termo nomadismo pode ser associado pelos críticos e pesquisadores a outros conceitos arquitetados pelo próprio Zumthor, tais como: movência e circularidade da voz. Semanticamente, essas três categorias dialogam entre si e os pontos de intersecção entre eles são relevantes, todavia, observando a aplicação desses conceitos pelo autor em suas obras, e apesar das relações existentes entre os conceitos supracitados, compreende-se que haja algumas sutis diferenças.

O nomadismo, através da ótica zumthoriana, conserva uma equivalência semântica e conceitual com a movência, entretanto, o nomadismo abrange pelo menos quatro categorias significativas, são elas: movimento do homem de um lugar para outro, de uma narrativa oral de pessoa para pessoa, de uma narrativa oral e a sua fixação na escritura, de um texto escrito que migra de um gênero para outro.

A movência conserva particularidades conceituais que interferem no conceito de nomadismo. Segundo Zumthor (1993), a movência está conexas ao conceito de intervocalidade e ao arquétipo. Sobre a movência/intervocalidade, o autor descreve que:

Todo texto registrado pela escritura, como lemos, ocupou, pelo menos, um lugar preciso num conjunto de relações móveis e uma série de produções múltiplas, no corpo de um concerto de ecos recíprocos; uma *intervocalidade*, como a “intertextualidade” (ZUMTHOR, 1993, p. 144).

⁹ A letra e a voz (1993), Introdução à poesia oral (1997), Escritura e nomadismo (2005).

Tendo como objeto estudar a voz, o autor estabelece uma nova categoria analítica diferente da intertextualidade, pois a pluralidade de vozes moventes e que estão amalgamadas em uma narrativa oral preconiza essa intervocalidade. Além desse conceito, o termo arquétipo está associado à movência, pois “o arquétipo aparece como o relé das linhas de semelhanças que ligam um texto a outro” (ZUMTHOR, 1993, p. 145). Apreende-se então que o ponto de intersecção entre movência e nomadismo recai sobre o movimento de uma narrativa oral, precisamente os ecos de vozes errantes que participam da constituição de uma nova narrativa, assim como no processo de transferência de uma narrativa do oral para a escritura.

O conceito de circularidade da voz também está relacionado ao nomadismo zumthoriano, entretanto, a circularidade da voz proposta por Zumthor (1993) está vinculada ao mito. Uma voz *sinie die* é recontada/reinventada em um movimento uroborístico, movimento este que tem a seguinte funcionalidade:

A função mais importante do mito é, pois, “fixar” os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação, etc. comportando-se o ser humano plenamente responsável, o homem imita os gestos exemplares dos deuses, repete as ações dele. (ELIADE, 1992, p. 87).

O movimento circular do mito corrobora para a fixação de modelos mesmo em culturas diferentes, contudo essas narrativas poderão sofrer transformações, em virtude do processo de atualização, sem por isso apagar as vozes matrizes¹⁰ que continuaram como ecos e/ou rastros. Isto repercute na tradição discursiva e na teoria do imaginário.

A partir das explanações acima, parte-se para uma sistematização do conceito de nomadismo proposto por Zumthor, assim como, a associação salutar com outros conceitos zumthorianos, pois objetiva-se compreender a função do nomadismo no trajeto percorrido pelas narrativas de Carlos Magno. Ressalva-se que esse conceito pode ser desdobrado em pelo menos quatro categorias de nomadismos como visto anteriormente. São eles:

1. *O nomadismo antropológico;*
2. *O nomadismo da voz;*

¹⁰ Segundo a terminologia usada por Jerusa Pires Ferreira para as narrativas que servem como suporte arquetípico.

3. *O nomadismo da escritura e*

4. *O nomadismo do gênero textual.*

Esses quatro tipos de nomadismos contribuíram decisivamente para a desterritorialização da temática carolíngia para o nordeste brasileiro, assim como sua fixação e reinvenção proposta pelo poeta nordestino.

1.2.1. O nomadismo antropológico: Os contadores e cantadores

O processo de circulação das narrativas/vozes carolíngias para a literatura de cordel brasileira depara-se com a questão do nomadismo. Segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda, nômade ou nomadismo é “aquele que não tem habitação fixa”, “vagueia sem residência fixa” e “que leva um tipo de vida não sedentária¹¹”. O sentido primário da palavra nômade ou nomadismo, neste caso, tem uma semântica relacionada ao homem, o homem que não tem habitação fixa, o homem que vagueia sem residência fixa, errante. Os ancestrais do *homo sapiens sapiens* eram caracterizados pela não fixação em uma determinada região, pois de acordo com as condições climáticas, de solo, vegetação, habitação, esses homens se deslocavam em busca de melhores condições de vida. Desse modo, vagueavam por diversos lugares, levando consigo uma cultura peculiar, uma História peculiar, histórias peculiares. Neste caso, tem-se um primeiro tipo de nomadismo, o nomadismo antropológico, muito comum na Idade Média e entre os poetas do cordel.

Em Benjamin (1994), observam-se desdobramentos teóricos que podem exemplificar o conceito de nomadismo antropológico, principalmente para a difusão de narrativas. Segundo o autor, “o marinheiro comerciante”, uma espécie de tipologia criada para designar o narrador/contador itinerante, favorece decisivamente o processo de desterritorialização de uma narrativa de seu *locus* primário para um secundário. Benjamin descreve que “quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe (BENJAMIN, 1994, p. 198). Essa movimentação do contador descrita por Benjamin foi intensamente verificada no período medieval, e principalmente nas feiras medievais, em que não somente artigos,

¹¹ <http://www.dicionarioaurelio.com/Nomade.html>

especiarias, roupas eram comercializadas, mas, também havia uma considerável permuta cultural, ou melhor, um compartilhar intenso de narrativas. Um exemplo adequado para ilustrar essa efervescente permuta diegética ocorrida na Idade Média é a obra *The Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer¹².

A partir desse nomadismo antropológico, há uma memória coletiva que circula na Europa, dessa maneira, o poema épico francês – *La Chanson de Roland* – é o arquétipo/matriz das múltiplas narrativas de Carlos Magno atualizadas em Portugal. Logo, justifica-se o nomadismo antropológico das narrativas carolíngias em locais diversos da Europa, propiciando as narrativas de Carlos Magno uma popularidade anteriormente à data de sua publicação em terras lusitanas (ZUMTHOR, 2005).

O contador/poeta nordestino é um arquétipo do narrador medieval. Curran (1973), destaca essa característica nômade do poeta popular, que tinha como característica o seguinte movimento:

(...) foi de feira em feira, de casa grande em casa grande, recitando e improvisando seus versos nas fazendas, povoados e cidades pequenas do nordeste; hoje temos o menos móvel autor de folhetos. Este pode ficar em um lugar a maior parte do tempo, desde que suas poesias podem ser vendidas por agentes chamados de folheteiros, que viajam vendendo folhetos. (CURRAN, 1973, p. 17).

Ressalta-se que outrora, o poeta se deslocava entre várias regiões compartilhando por meio da oralidade e da *performance* uma gama de narrativas. Na atualidade, esse processo de deslocamento do contador/poeta ainda ocorre, todavia é menos significativo em relação ao passado. Na contemporaneidade, a tecnologia favorece a disseminação das narrativas produzidas pelos poetas por meio da mídia, logo, esse contador/poeta itinerante passa a figurar em outra categoria benjaminiana, o dito narrador sedentário

O contador essencialmente marcado por circularidades de vozes contribuiu para espalhar as narrativas, apontando como a voz foi o principal suporte da memória coletiva. Este contador é responsável pelo processo de difusão de narrativas em

¹² *The Canterbury Tales* – *Contos da Cantuária* é uma coletânea de histórias contadas por peregrinos que estão indo visitar a Catedral da Cantuária. Durante o percurso, os romeiros de diversas classes social relatam algumas histórias de suas vidas para o público das cidades em que estão trafegando.

múltiplos lugares, comumente através da voz e *performance*. Estabelecendo assim, conexões entre o imaginário medieval e o imaginário nordestino no final do século XIX e início do século XX, ambas as época convergem para um denominador comum, uma voz em *performance*.

A transmissão das narrativas ocorreram tanto na Idade Média, quanto no nordeste brasileiro por meio da dupla voz e *performance*. Segundo Zumthor (1993), pelo contato boca-ouvido, pois esse movimento da voz era proeminente nesses dois locais, devido ao grande número de ágrafos. No nordeste, a propagação de narrativas alcançou um tom significativo através de gêneros orais, como a cantoria, peijas e o canto dos folhetos de cordel. De acordo com Santos (2006), era indispensável¹³ para esse cantador/poeta nordestino o conhecimento da *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*.

1.2.2. O nomadismo da voz: *verba volant*

O nomadismo antropológico contribui decisivamente para outra natureza de nomadismo, o nomadismo da voz. Intrinsecamente associado ao nomadismo antropológico, o nomadismo da voz é o processo de movimentação de um texto através do contato intitulado por Paul Zumthor de “boca-ouvido” (ZUMTHOR, 1993). O período medieval foi uma época em que muitas narrativas foram transmitidas pelo processo “boca-ouvido”. Um exemplo singular desse procedimento é observado no texto matriz referente às narrativas de Carlos Magno. Segundo a pesquisadora Anne Caufriez¹⁴, e como visto anteriormente, as narrativas de Carlos Magno – *La Chanson de Roland* – foram publicadas em Portugal no século XI, entretanto muito antes desse período, a fama do rei carolíngio já era de conhecimento do povo português, pois o narrador itinerante e a sua voz performática chegaram primeiramente a Portugal.

¹³ Segundo Santos (2006) era indispensável, principalmente para o cantador, o conhecimento das tramas carolíngias, pois essas narrativas eram usadas nas cantorias e nos prélios orais.

¹⁴ A palestra fez parte dos cursos ligados ao Projeto Memória das Culturas Populares da Paraíba desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa e Documentação Popular (Nuppo) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). 20/05/2011.

Os nomadismos antropológico e da voz contribuíram para essa movência da trama carolíngia de uma forma muito célere, pois ocorreu através de um suporte natural do ser humano, a voz, que é tida como *verba volant*. Outro fator que contribuiu para a preponderância do nomadismo da voz é a sua expressividade no que tange ao processo de recriação de um texto. Por se tratar de um ambiente em que a voz reina absoluta, o dito popular de “quem conta um conto aumenta um ponto” torna-se significativo nessa discussão. Nesse caso, nomadismo e movência dialogam na constituição gradativa de uma nova narrativa, pois a intervocalidade contribui para a criação de vertentes de uma trama, todavia vislumbra-se um fio condutor que aproxima essas vertentes diferentes de uma mesma narrativa, isso é observável por meio do arquétipo.

Ressalva-se que nesse processo de nomadismo e movência, uma gama de variações, adequações, interpretações são inseridas na narrativa matriz, além do esquecimento de trechos da narrativa primeira. Zumthor descreve esse fenômeno em *La Chanson de Roland*, texto matriz para as tramas de Carlos Magno.

La Chanson de Roland, que remonta o século XI, assim como outras obras do mesmo tipo, tiveram durante muito tempo uma existência unicamente vocal. Felizmente, a uma certa época, copistas tiveram a idéia de anotar em pergaminho o conteúdo desses poemas. Mas isso, não interrompeu, de forma alguma, a tradição oral. Possuímos seis ou sete manuscritos da *Chanson de Roland*, todos diferentes (ZUMTHOR, 2005, p.104).

Infere-se que, assim como no dito popular ou no contato “boca-ouvido” zumthoriano, *La Chanson de Roland* sofreu várias transformações devido à tradição oral. O vai-e-vem das vozes, essa tradição peculiar na Idade Média tornou-se paradigma no nordeste brasileiro, ambiente em que a voz foi predominante no final do século XIX e início do século XX. Neste *locus dramaticus* em que a voz desponta como meio de difusão de saberes, a figura do copista descrita por Zumthor pode ser substituída pela do poeta popular, e os pergaminhos, pelos folhetos de cordel, pois de acordo com Santos (2006, p. 19), no nordeste “história de cantadores e histórias cantadas viraram folhetos”.

Tomando o Nordeste brasileiro como um arquétipo do período medieval, haja visto que o tempo histórico é outro, assim como o espaço, porém ambas as realidades estão imersas em um *locus* de voz nômade. Uma ilustração retirada da obra ficcional de Suassuna (2006) demonstra o nomadismo do texto oral na cultura nordestina. Em *d’A*

Pedra do Reino, o narrador da trama Dom Dinis Quaderna, no *folheto XII*, intitulado de *O reino da Poesia*, uma teorização ficcional sobre o fazer poético do poeta popular, destaca a influência da voz em seu contato com a poética do povo:

“Eu ouvia, decorava e cantava inúmeros folhetos e romances que me eram ensinados por Tia Filipa, por meu Padrinho-de-crisma João Melchíades Ferreira e pela velha Maria Galdina [...]” (SUASSUNA, 2006, p. 89).

A fala da personagem Quaderna conforme se pode conferir no trecho supracitado está alicerçada em três verbos que revelam o percurso da transmissão vocal das narrativas contida nos folhetos e romances. São eles: ouvir, decorar e cantar. Estes três verbos compreendem o ciclo pelo qual um texto “oral” é difundido. O sujeito ouve o romance, decora e depois o canta, isto contribui para a difusão de uma narrativa em uma comunidade em que a voz predomina. Desse modo, o contato que Zumthor define como “boca-ouvido”, pode ser reinterpretado como “boca” – transmissão, “ouvido” – recepção/memorização, e “boca” – retransmissão/adaptação/*performance*. Essa nova conceituação “boca-ouvido-boca” é um dos pontos fundamentais que contribuem para a transformação, recriação dos textos carolíngios em solo nordestino.

Como observado acima, o folhetos produzidos no nordeste, assim como os romances europeus, eram produzidos para serem declamados/cantados nas feiras públicas. O poeta vocaliza/canta o texto que estava escrito, todavia este escrito está preenchido pela oralidade, segundo Zumthor (1983), o folheto nordestino é “a última instância em oralidade”. O itinerário que o texto percorrerá através do contato “boca-ouvido-boca” contribuiu para as novas versões dos textos carolíngios, arquitetados/reinventados através do nomadismo da voz e da movência em terras nordestinas.

Segundo Cascudo (1953), o *locus* em que a trama carolíngia tem grande sucesso no nordeste é nas “fazendas de gado, engenhos de açúcar, residências de praia”, por ilação pode-se associar essas localidades ao que Certeau (1994) menciona como locais em que prevalece a “prática mítica antiga”, a voz. Nesse processo de cantar os folhetos, a *performance* do cantador e a recepção do ouvinte é significativa para o nomadismo da voz, logo contribuindo para a transformação da narrativa. Zumthor (1997, p. 229 – 230) descreve que:

O componente fundamental da recepção é assim a ação do ouvinte que recria seu próprio uso e de acordo com suas próprias configurações interiores, o universo signifiante que lhe é transmitido. Os traços que lhe imprimem esta recriação pertencem a sua vida íntima e não aparecem necessariamente e imediatamente no exterior. Mas pode ser que eles se exteriorizem em uma nova performance: o ouvinte torna-se, por sua vez, intérprete, em seus lábios, em seus gestos, o poema se modifica de forma, quem sabe? Radical. É em parte assim que se enriquecem e se transformam as tradições.

Um exemplo do que se pode observar nas palavras exposta acima por Zumthor, encontra-se em outra ilustração retirada de *d'A Pedra do Reino*. Quaderna descreve como ocorre o processo de criação das narrativas versadas, sob a tutoria de João Melchiades, poeta, cantor e preceptor de Quaderna na trama de Suassuna:

Um exercício que nos obrigava a fazer: pegar um romance desrimado qualquer e “versá-lo”, contando em verso o que era contado em prosa. Lia para nós a História de Carlos Magno e os Doze Pares de França (...). (SUASSUNA, 2006, P.92).

Esse processo de aprendizagem descrito por Quaderna se dá pelo viés destacado por Zumthor como oralidade mista, ou seja, a narrativa envolvendo Carlos Magno trafega tanto pela voz quanto pela escrita. Vê-se que o primeiro tipo de aprendizado de Quaderna se dá por meio da voz/recepção-memória/transmissão-*performance* (boca-ouvido-boca) quando ele traz à baila Tia Filipa e Maria Galdina (primeira ilustração da obra de Suassuna). Na segunda citação, tem-se a presença da escritura, pois João Melchiades é detentor da leitura e escrita, além de ser poeta e cantor. Segundo Santos (2006), o processo de aprendizagem de histórias pela população nordestina ocorreu pela leitura e oralidade. A autora ainda descreve que “esses conhecimentos podem ser adquiridos pela leitura, mas resultam também de um aprendizado oral junto a um cantor de renome” (SANTOS, 2006, p. 36-37). Este é o caso de Quaderna. Outro processo significativo que se deve observar está relacionado à como se desenvolve arte de recriação de uma narrativa, até mesmo a mudança de suporte e gênero textual.

A partir do discurso do Personagem Quaderna, infere-se como acontece este processo. Primeiro, ele *ouve* uma narrativa, segundo *decora*. Têm-se aqui o uso da memória no processo de (re)criação e por fim, a narrativa é *reinventada* de forma diferente, pois segundo Zumthor, o “ouvinte que recria seu próprio uso e de acordo com

suas próprias configurações interiores”, além de concebê-lo em outra formatação/gênero textual, o verso.

Abreu (1999) considera essa mudança na forma da narrativa relevante no que tange à caracterização entre o folheto português e o folheto brasileiro. A autora menciona que:

Os autores nordestinos operam uma decisiva modificação nos textos ao fazer a transposição da prosa para o verso. Ao afirmar que “só fez rimar a história”, na verdade, está-se indicando que os textos foram convertidos ao padrão poético da literatura de folhetos, o que faz muita diferença. (ABREU, 1999, p. 131).

Essa diferença descrita pela autora é realmente significativa. O poeta, nesse processo de ouvir e recriar uma vertente da narrativa usará traços, signos, personagens, do imaginário local, visando a uma aproximação arquétipo/interacional do público com a nova vertente construída a partir da narrativa europeia, todavia sem a ausência de um fio condutor.

Outras características dessa nova vertente do texto europeu estão relacionadas à forma do texto – a rima, o ritmo e a métrica, pois estes artifícios tendem a favorecer decisivamente a fixação da narrativa do folheto na memória do povo. Essa nova configuração enunciativa visa ao canto do poeta. Essa práxis do poeta torna o texto, outrora em prosa, agora em verso, acessível mnemonicamente ao ágrafo, pois a métrica fixa a estrutura da narrativa na recepção do ouvinte.

No folheto *A incrível história da Imperatriz Porcina* (2004), de Evaristo Geraldo da Silva, o poeta cordelista demonstra os passos descritos por Quaderna em seu fazer artístico. Destaca-se nesse caso a equivalência poética entre o fazer artístico de Suassuna e do poeta popular, pois a *poiesis* descrita por Suassuna é idealizada a partir da experiência com os poetas populares. Assim, no final desse folheto, precisamente no último verso do folheto, o poeta aborda o processo de confecção de uma narrativa. Ressalta-se a seguinte explicação:

- 1 Esta minha narrativa
- 2 Verte da imaginação.
- 3 Avaliei toda história,
- 4 Refiz com outra versão.
- 5 Igual só há os relatos,
- 6 Segundo esta narração

7 Transcrevi pra ficção
8 O conteúdo dos fatos.
(SILVA, 2004, p. 16).

Compreende-se, nessas palavras do poeta popular, todo o processo de interação entre o poeta e o texto oral ou escrito. Nos versos 1 e 2, tem-se o processo pelo qual o vate descreve que sua narrativa nasce da imaginação, ou seja, é o fazer artístico do poeta, sua individualidade na concepção do texto ficcional. Já nos versos 3 e 4, percebe-se que houve uma apreciação de uma vertente primordial do texto em voga, assim como no caso descrito acima, na obra de Suassuna, Melchiades lê para Quaderna um texto prosaico (sobre Carlos Magno), e Quaderna o transforma em um texto versificado levando em consideração o seu ambiente, sua cultura. Ora, essa ilustração corrobora decisivamente o processo de interação de Leandro Gomes de Barros – primeiro poeta nordestino que abordou as peripécias de Carlos Magno em folhetos de cordel – com a narrativa em prosa de Carlos Magno, no que tange ao material escrito, base para sua vasta produção sobre a temática carolíngia.

Nesse processo de (re)invenção/variação do enredo, o poeta descreve uma mudança no texto, suas palavras são: “refiz com outra versão”. Os versos 5 e 6 descrevem que há várias vertentes da trama, uma tradição discursiva. O poeta as conhece, mas o que vai circular no folheto é uma mescla entre “o conteúdo dos fatos”, memória da trama original e a visão cultural do poeta nordestino em relação ao local em que esse texto irá circular. Dessa forma, nos folhetos nordestinos tem-se a aproximação simbólica entre Carlos Magno e um personagem do imaginário nordestino.

1.2.3. O nomadismo da escritura: letra errante

Observado o processo dinâmico do nomadismo da voz em uma comunidade em que a oralidade é o veio principal na comunicação entre sujeitos, outro tipo de nomadismo que pode ser descrito em relação aos textos carolíngios é o nomadismo da escritura. Decodificar a trajetória de um texto milenar como as narrativas de Carlos Magno pode tornar-se um trabalho sisífico, pois desde *La Chanson de Roland* aos quadrinhos brasileiros, os textos carolíngios circulam sem território fixo. Nesse caso, a *verba volant* estará fixada na *scripta manent*, essa ocorrência está atrelada ao

nomadismo da voz para a escritura, assim o texto movente adentra a letra dos folhetos nordestinos.

Para que se compreenda esse tipo de nomadismo, é necessário observar o caráter de popularidade dos folhetos carolíngios no nordeste brasileiro. Cascudo (1953, p. 441), descreve o potencial de popularidade da narrativa de Carlos Magno nas bordas sociais.

A HISTÓRIA DE CARLOS MAGNO E DOS DOZE PARES DE FRANÇA foi, até poucos anos o livro mais conhecido pelo povo brasileiro do interior. Raríssima no sertão seria a casa sem a história de Carlos Magno, nas velhas edições portuguesas. Nenhum sertanejo ignorava as façanhas dos Pares ou a importância do Imperador da barba florida. (CASCUDO, 1953, p. 441).

Dessa popularidade pontuada pelo autor destacam-se alguns elementos que devem ser levados em consideração nesse processo de nomadismo da escritura. São eles: o termo *livro*, *único exemplar impresso*, e a referência ao termo *as velhas edições portuguesas*.

Primeiramente, o que se pode entender do uso do termo “livro” utilizado por Cascudo (1953) diz respeito a como os folhetos eram/são *percebidos* pelo povo do Nordeste, assim sendo, esses folhetos e romances eram/são considerados pela população nordestina como seus “livros”. Sobre os títulos que são dados aos folhetos, Galvão (2000, p. 21), faz uma tipologia de nomes dados aos folhetos.

“Folheto”, “livrinho de feira”, “livro de histórias matutas”, “romance”, “folhinhas”, “livrinhos”, “livrozinho ou livrinho véio”, “livro de história antiga”, “livro de poesias matutas”, “foiето antigo”, “folheto de história de matuto”, “poesias matutas”, “histórias de João Grilo”, “leitura e literatura de cordel”, “história de João Martins de Athayde” ou simplesmente “livro”.

Curran (1973) demonstra que aquilo que é produzido pelo poeta popular pode ser entendido como livro. O autor destaca que “o poeta popular é um profissional, de seus livros” (CURRAN, 1973, p. 274). Desse modo, o termo livro não deve ser interpretado como o suporte livro, na perspectiva do povo nordestino o folheto de cordel pode ser vislumbrado como um livro.

No que concerne a matriz/referência de onde parte o impulso criativo para o poeta popular, tem-se uma menção, núcleo duro, ou *plot* para a concepção desses folhetos nordestinos, um livro português em prosa, *História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França*, que aborda a trama carolíngia que data o ano de 1864. Neste caso, tem-se o objeto “livro”, ponto de partida para o processo de criação dos textos carolíngios pelo poeta popular.

Cascudo (1953) descreve sem maiores desdobramentos a questão das “velhas edições portuguesas”, ou seja, livros que serviram de apoio e inspiração para a criação de textos sobre a temática carolíngia no nordeste. Todavia, o estudo de Ribeiro (1987, p. 86), acrescenta que:

Quando Cascudo nos diz que a lenda de Carlos Magno circulava no interior do Nordeste “nas velhas edições portuguesas”, isso permite supor que seriam edições livrescas de onde o tema passou à literatura de cordel.

No processo de nomadismo da escritura, a presença de um texto matriz é relevante para a elaboração dos folhetos nordestinos. Esta é a consideração que Jerusa Ferreira (1979) estabelece entre a expressividade de detalhes encontradas nos textos carolíngios, e a escassez desses mesmos detalhes presentes nos folhetos arthurianos. Segundo a autora, o fator preponderante que diferencia essas duas tradições discursivas (carolíngia e arthuriana) é a presença de um texto carolíngio matriz, texto que o poeta pôde manusear, no caso da tradição discursiva arthuriana há a ausência de um texto matriz para a confecção dos folhetos.

A obra descrita como “pedra de toque” (SANTOS, 2006) para a criação de uma tradição discursiva sobre Carlos Magno nos folhetos de cordel é a *História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França* (1864), segundo pesquisadores dos folhetos nordestinos, esta é a matriz ou estímulo primário para os poetas populares, como Leandro Gomes de Barros que concebeu seus “livros”, narrativas homônimas aos eventos encontrados nesse livro português. A esse respeito, Ribeiro (1987, p. 86) associa a figura de Leandro Gomes de Barros ao texto em prosa português.

Muitos poetas nordestinos cantaram as aventuras de Carlos Magno e os Doze Pares. Leandro Gomes de Barros, lembra Cascudo, “versejou” aproveitando motivos da História do Imperador Carlos Magno, A Batalha de Ferrabrás e A

prisão de Oliveiros. Na verdade, poucos poetas trataram o tema com a força expressiva, a riqueza de episódios, o domínio da arte narrativa, que distinguiram o velho mestre paraibano.

A partir do que foi exposto, pode-se inferir que a fonte em que o poeta retira a inspiração para a criação de seus folhetos é esse antigo livro português. Ora, todos os temas evocados por Ribeiro (1987) estão contidos na versão portuguesa em prosa da *História do Imperador Carlos Magno* (1864). Essa variante é considerada por alguns pesquisadores como matriz para o processo de criação dos folhetos por parte de Leandro Gomes de Barros.

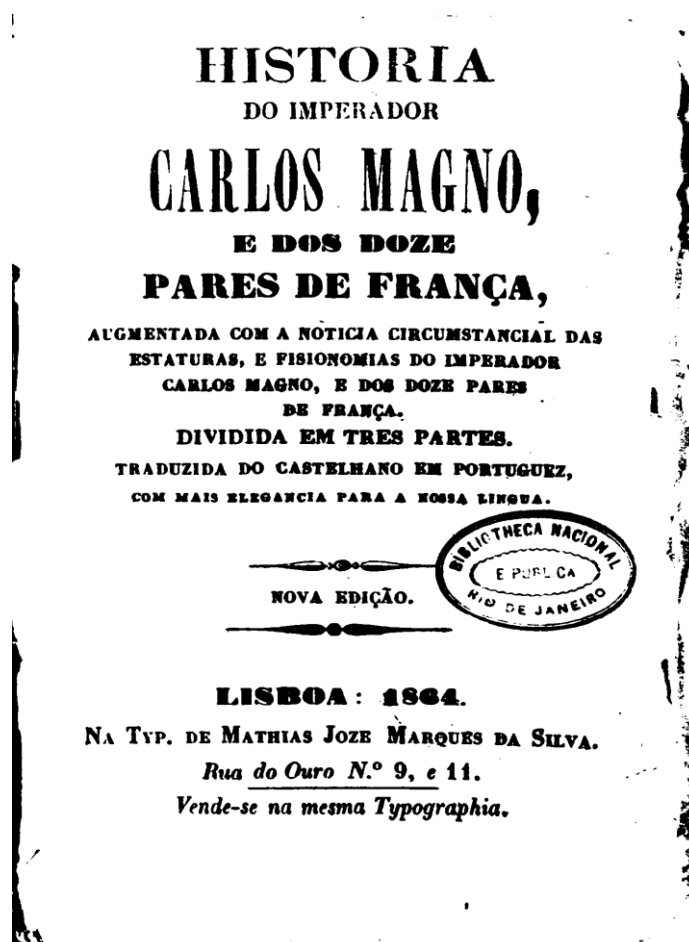


Figura 1 – *História do Imperador Carlos Magno*, Segundo historiadores da literatura de cordel, é a fonte em que

Leandro Gomes de Barros se debruçou visando à concepção de seus folhetos sobre Carlos Magno¹⁵.

Outra fonte expressiva em relação ao nomadismo da escritura da narrativa portuguesa para o nordeste brasileiro é observado na pesquisa realizada por Abreu (1999). Segundo a autora, os textos envolvendo Carlos Magno (suporte folheto português) iniciam seu processo de desterritorialização rumo ao Brasil por volta de 1769 e 1826¹⁶. De acordo com Abreu (1999), uma gama de folhetos portugueses foi enviada para o nosso país, e “os cordéis mais enviados ao Brasil narram as histórias de Carlos Magno (...)” (ABREU, 1999, p. 54). Têm-se então duas fontes primárias que servem de matriz para os textos carolíngios encontrados no nordeste. Neste caso, o nomadismo da escritura se dá tanto pelo viés do livro em prosa, quanto do folheto em verso¹⁷.

Vale destacar que os folhetos portugueses que chegaram ao Brasil diferem na forma, composição estrutural, dos folhetos produzidos no Nordeste. Ressalta-se a forma da escritura do folheto português, pois esse é produzido para ser lido ou declamado como um apoio mnemônico. Além disso, a composição textual do folheto português é deveras truncada (ABREU, 1999), enquanto em solo tupiniquim, a estrutura das rimas tem um caráter que favorece o canto, e por meio da *performance* do poeta, esse canto rimado favorecerá a fixação da narrativa na memória do público ouvinte.

1.2.4. O nomadismo dos gêneros: orais e escritos

O nomadismo da voz e da escritura contribuíram para que os textos carolíngios circulassem por diversos gêneros textuais, desde a primeira narrativa contida em *La chanson de Roland* até os cordéis nordestinos, essas narrativas que circularam em gêneros orais, foram fixadas na memória do povo, tornaram-se escrituras, muitas vezes declamadas, voltaram para o trato da voz e permanecem nômades.

¹⁵ Obra disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>. Acesso em 24/04/2012.

¹⁶ É importante destacar que esse processo de desterritorialização apontado por Márcia Abreu está ligado ao suporte escrito “folheto português”. Sobre, a narrativa oral, é praticamente um esforço sisífico sistematizar um mapeamento desse processo de desterritorialização.

¹⁷ Os folhetos portugueses, estruturalmente, eram compostos em quadras.

Bakhtin (1997) descreve que os gêneros do discurso podem ser “primários ou secundários”. Os primários estão relacionados aos gêneros orais, segundo o autor, esses gêneros preconizam às situações comunicativas cotidianas. Já os gêneros secundários são mediados pela escrita. Os gêneros primários são tidos como simples pelo autor, enquanto os secundários são complexos. Levando em consideração o nomadismo da voz e da escritura, a questão de simplicidade e complexidade bakhtiniana em relação à sua tipologia dos gêneros torna-se frágil. As narrativas carolíngias fixadas pela voz são extremamente complexas, pois envolvem as categorias de movência e circularidade da voz, assim como tudo que está imbricado nessas categorias.

Zumthor (1997) propõe que a forma do gênero está intrinsecamente relacionada ao local de circulação da narrativa. Em um ambiente em que a voz tem seu caráter de primazia sobre o escrito, a complexidade do gênero oral é flagrante, pois traz à baila o conceito de intervocalidade, arquétipo, mito e *performance*. Desse modo, os gêneros orais equivalem aos gêneros escritos no que diz respeito à complexidade, e por meio do câmbio entre gêneros orais e escritos essas narrativas chegaram ao conhecimento de copistas, escribas e do poeta popular que as reproduziram em diversos gêneros.

De forma diacrônica e desde a Baixa Idade Média, uma série de textos envolvendo as personagens carolíngias passou a circular em alguns países da Europa, partindo da França. Neste país, a narrativa é de suma importância para o desenvolvimento da literatura popular. Na obra *Literatura Popular em Verso* (1973) vislumbra-se sua importância; “Parece ter sido justamente a história de Carlos Magno a fonte de toda a literatura popular na França, daí se irradiando para a Europa; foi a observação feita pelo professor Raymond Cantel em Conferência em São Paulo”. Em solo Espanhol e principalmente em Portugal, Le Goff destaca o aparecimento de Carlos Magno em textos literários de composição medieval, “Um rei histórico da Idade Média conheceu no imaginário um sucesso prodigioso: Carlos Magno, que reinou nas canções de gesta”. (Le Goff & Schmitt, 2006). A partir desse estágio, as tramas que envolvem as personagens carolíngias percorreram um trajeto que abarcou vários gêneros textuais.

Abaixo, observa-se o nomadismo de Carlos Magno entre múltiplos gêneros textuais, o que indica essa outra vertente de nomadismo.

- Carlos Magno sai da história factual e adentra a ficção em *La Chanson de Roland*, poema épico, século XI.
- Le Goff e Schmitt descrevem que Carlos Magno reinou nas canções de gesta (século XII).
- Em 1478, *L'Histoire de Charlemagne* ou *Roman de Fierabras* obteve grande sucesso em Genebra, Lion e Paris. O editor dessa obra foi Jehan Bagnyon.
- Por volta de 1521 – 1525, um texto em prosa cujo título era *Historia do Emperador Carlos Magno y de los Dozes Pares de Francia* foi editado por Nicholas Piemonte.
- A partir da difusão de a *Historia do Emperador Carlos Magno y de los Dozes Pares de Francia*, houve adaptações para o gênero dramático, como o *Auto de Floripes*. Esse auto alcançou grande sucesso no Brasil, em *d'A Pedra do Reino*, há a representação desse auto. As personagens da trama de Suassuna (2006) representam/revivem as batalhas entre mouros e cristão quando representam o auto.
- Segundo historiadores e críticos da literatura de cordel, o texto matriz para produção de cordéis carolíngios no nordeste brasileiro foi a edição de 1864 de *História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França*, versão portuguesa e em prosa.
- Anterior à versão em prosa dos textos carolíngios, Abreu (1999) destaca que uma série de folhetos foram enviados ao Brasil via Portugal nos anos de 1769 e 1826, e os folhetos mais enviados contemplavam a história de Carlos Magno.
- Leandro Gomes de Barros foi um dos primeiros poetas a trabalhar com a temática carolíngia em seus folhetos. O folheto mais famoso que versa a temática corolingia é a *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*.

- Na cantoria, Carlos Magno também reinou, segundo Idellete Santos (2006), os cantadores nordestinos estudavam as tramas de Carlos Magno para que tivessem motes no momento do desafio.
- Na atualidade, Carlos Magno reina nas histórias em quadrinho no Brasil.

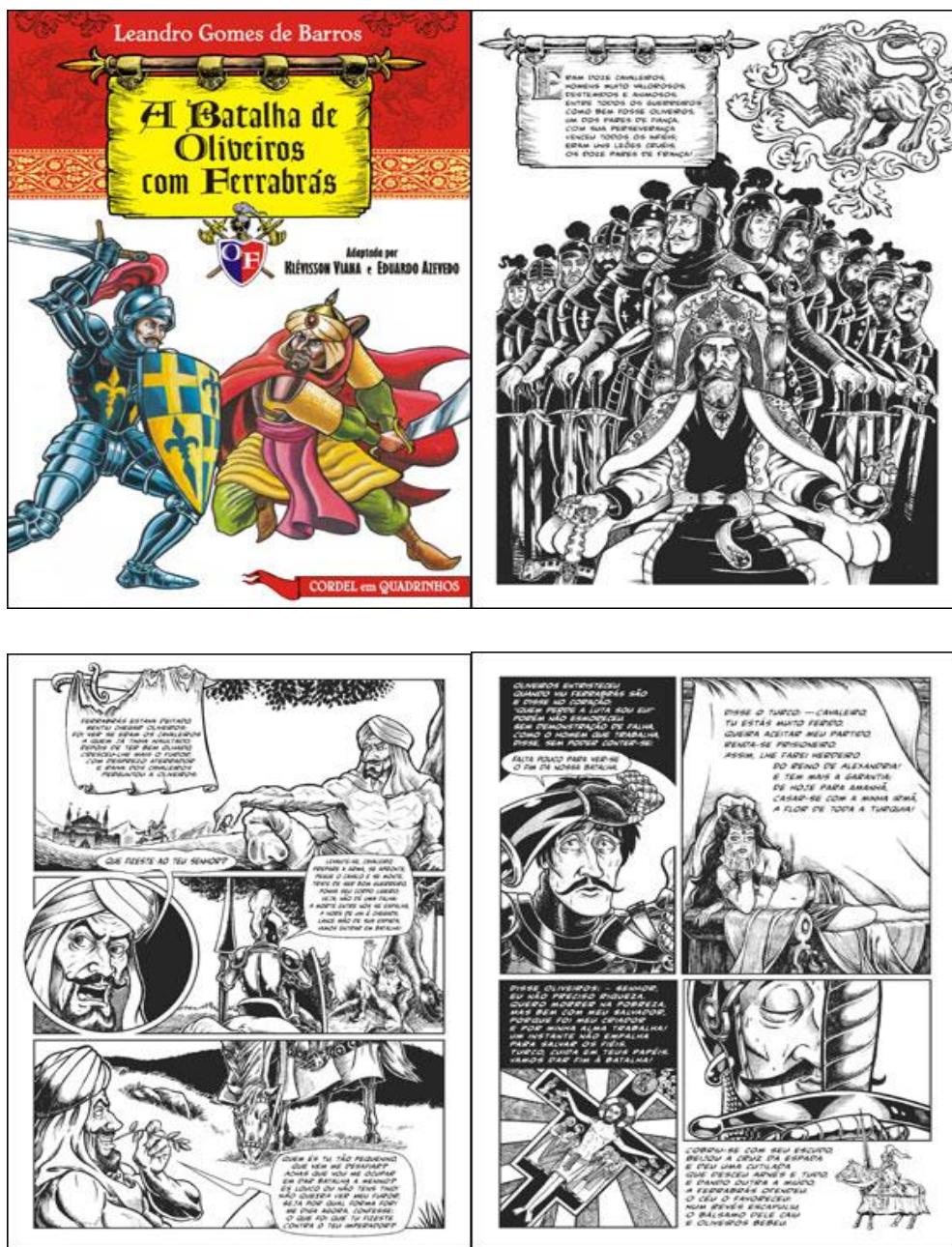


Figura 2 – Imagens retiradas da revista em quadrinhos *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*. Homônimo do folheto de cordel¹⁸

¹⁸ Imagens disponibilizadas em: http://www.universohq.com/quadrinhos/2011/n30062011_02.cfm: Acesso em 31/01/2012. A narrativa é a mesma concebida por Leandro Gomes de Barros, todavia adaptada aos quadrinhos.

Observando o nomadismo de Carlos Magno e o seus Doze Pares de França entre os vários gêneros textuais, haja visto a poesia épica, gesta, prosa, drama, folheto, cantoria, quadrinhos, se faz necessário destacar que, mesmo com esse nomadismo entre os gêneros textuais, a voz circula independente da escritura. Esses textos foram lidos, vocalizados, dramatizados, cantados, contados e recontados, processo desencadeado pelos nomadismos antropológico, da voz e escritura, que permitiram a Carlos Magno chegar a Portugal, primeiramente através da *verba volant*, antes do século XI, e nesse suporte vocal, Zumthor descreve que enquanto voz havia uma série de variantes de *La chanson de Roland*.

Enquanto escritura, uma vertente matriz foi fundamental para o poeta nordestino criar os seus folhetos, e gradativamente foi se distanciando de sua “pedra de toque” até dar início a uma nova tradição de narrativas. Nessa nova tradição discursiva, centrada em um signo da cultura nordestina, o cangaceiro, percebe-se a permanência de um fio condutor entre o herói carolíngio e o herói nordestino.

Após analisar a trajetória dos textos carolíngios por quatro tipos de nomadismo, constata-se que os textos que evocam a figura de Carlos Magno e seus Doze Pares de França pertencem a uma tradição discursiva milenar, tradição que conserva na memória dos ouvintes/leitores as figuras desses cavaleiros nômades. Segundo Zumthor (1993, p. 143), “a tradição é a série aberta, indefinidamente estendida, no tempo e no espaço, das variáveis de um arquétipo”.

1.3. Tradição discursiva

Após a sistematização de quatro conceitos de nomadismos que envolvem as narrativas de Carlos Magno, nomadismos que preconizam a movimentação do homem, vozes, escrituras e gêneros textuais, compreende-se que há uma tradição que promove a manutenção dessas narrativas, não só das narrativas, mas do conteúdo discursivo das mesmas. Segundo o dicionário Aurélio¹⁹, a palavra tradição aborda os seguintes significados:

¹⁹ <http://www.dicionarioaurelio.com/Tradicao.html>

- 1) Transmissão de doutrinas, de lendas, de costumes etc., durante longo espaço de tempo, especialmente pela palavra: a tradição é o laço do passado com o presente;
- 2) Transmissão oral, às vezes registrada por escrito, dos fatos ou das doutrinas religiosas.
- 3) transmissão de valores espirituais de geração em geração.

No sentido da palavra dicionarizada, há uma equivalência semântica e conceitual entre os termos tradição discursiva e nomadismo. Tomando como exemplo o nomadismo da voz, precisamente o contato “boca-ouvido-boca”, este caracteriza uma tradição expressiva da circularidade das narrativas no Nordeste do Brasil, pois a narrativa nesse local difunde-se pelo trato vocal, a palavra, a transmissão oral. Outra caracterização dicionarizada de tradição que remete a nomadismo concerne ao “laço do passado com o presente”. As duas primeiras definições de tradição demonstram a relação estreita com o conceito zumthoriano de nomadismo.

Na terceira definição, o termo “de geração em geração”, descreve a movência desses textos/ discursos no tempo e espaço. Desse modo, tradição é a transmissão de textos, discursos de geração em geração, e essa tradição movente envolve sujeitos diferentes, tempos diferentes, locais diferentes, o que corrobora com a transformação do texto. Nesse processo de transmissão, transformação de uma narrativa nômade, Santos (2006, p. 18) descreve que:

Estas vozes constroem uma memória que se afirma consensual, formadas a partir das memórias de grupos e comunidades bem como de alguns aspectos da memória “oficial”, uma memória, portanto movediça, às vezes disforme, desigual e desequilibrada, quase por obrigação. Uma memória coletiva que se transforma ao se transmitir de geração em geração.

Algumas considerações analíticas sobre tradição discursiva encontram pontos de intersecção nos pressupostos teóricos de Coseriu (1979), Kabatek (2006), Loureda (2006), Simões (2007). Os desdobramentos teóricos desses autores visam estabelecer um modelo de pesquisa que contemple a história cultural e social de uma comunidade e sua conexão com a língua a partir do padrão das tradições discursivas. Há determinados pesquisadores da linguística histórica que estabelecem equiparações entre as tradições discursivas e os gêneros textuais, o que necessariamente não condiz com a realidade.

Segundo as considerações de Kabatek (2006), as tradições discursivas não são sinônimas de gênero textual; as tradições discursivas são o “material composicional dos gêneros textuais”. Esta definição kabatekiana sobre gênero textual e material composicional dos gêneros textuais aproxima ainda mais os conceitos de tradição discursiva e nomadismo, pois, como analisado nas quatro categorias de nomadismos, as três primeiras categorias abordam o material composicional da narrativa, somente no quarto conceito de nomadismo o gênero textual é abordado, porém o material composicional é o mesmo.

Simões (2007) descreve os traços definidores das tradições discursivas por meio da evocação e da repetição. Esta representa a semelhança com outros textos, narrativas em um determinado momento da história. O autor assevera demonstrando que “uma tradição discursiva é sempre discursiva, embora pertença ao universo de outras tradições culturais”. Entre esses teóricos constata-se que uma tradição discursiva contempla sempre três particularidades, são elas: permanência ou evocação de algo, repetição de algo e atualização de algo, neste caso, de uma narrativa matriz. Objetivando entender este processo, se faz necessário uma análise de dois conceitos kabatekianos aproveitados da linguística estruturalista, ou seja, uma tradição discursiva apoiada sobre os eixos sintagmático e paradigmático.

1.3.1. Tradição discursiva e linguística: o eixo sintagmático

O texto teórico de Kabatek (2006) tem contribuído de forma substancial para a compreensão do conceito de tradição discursiva, juntamente relacionado a algumas categorias saussurianas de cunho formal presente no *Curso Linguística Geral*. Em *Tradição discursiva e linguística*, Kabatek (2006) faz uma releitura dos eixos sintagmáticos e paradigmáticos de Saussure, todavia, esses dois conceitos saussurianos são utilizados para comprovar a combinação e a seleção de estruturas textuais dentro de uma narrativa de uma tradição discursiva. No caso de Carlos Magno e os Doze Pares de França, e levando em consideração o nomadismo da voz e escritura, o poeta Leandro Gomes de Barros incide sobre o eixo sintagmático no processo de recriação dos textos de Carlos Magno no folheto de cordel.

Nos folhetos concebidos por Leandro Gomes de Barros sobre a temática carolíngia, entende-se que a partir de seus títulos – *Batalha de Ferrabraz com Oliveiros ou Batalha de Oliveiros com Ferrabras, A Prisão de Oliveiros, Roldão no Leão de Ouro* – há nos enredos uma permanência, uma repetição integral do texto em prosa *Historia do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França*. Essa práxis do poeta em recriar o texto da gesta medieval nos folhetos nordestinos de forma similar ao texto em prosa se enquadra naquilo que Kabatek (2004) entende como uma tradição discursiva. O autor assevera que:

O traço definidor das Tradições discursivas é, então, a relação de um texto em um momento determinado da história com outro texto anterior: uma relação temporal com *repetição* de algo. Esse “algo” pode ser a repetição total do texto inteiro. (KABATEK, 2006).

Em relação à narrativa em prosa, a matriz escrita para o folheto, no processo de composição dessa nova narrativa em verso, entende-se que os nomadismos da voz, escritura e de gênero textual influenciam na composição da nova narrativa, pois o poeta leva em consideração o enredo da prosa portuguesa integralmente. As permanências e repetições encontradas nos folhetos de Leandro Gomes de Barros, como descrito acima, visam um caráter sequencial da narrativa, há mudanças gradativas no enredo da trama, na forma do texto, assim os microenredos do texto em prosa são inseridos nos textos versados paulatinamente, ou seja, Leandro Gomes de Barros não foge ao que é concebido a partir da prosa portuguesa, pois este poeta segue rigorosamente em seus folhetos a sucessão dos fatos/acontecimentos encontrados no texto em prosa.

Cotejando os títulos e narrativas contidas em alguns folhetos de Leandro Gomes de Barros, tem-se:

- 1) Batalha de Ferrabraz com Oliveiros/Batalha de Oliveiros com Ferrabraz;
- 2) A derrota de Ferrabrás;
- 3) O batismo de Ferrabrás;
- 4) A prisão de Oliveiros e os Pares de França,

Comparando-os à matriz portuguesa, observa-se que há uma equivalência entre eles. O cabeçalho do texto em prosa que aborda o segundo capítulo da *História de*

Carlos Magno e os Doze Pares de França demonstra a combinação, ou continuidade dos eventos, assim como o poeta popular os reescreveu para o verso.

NO LIVRO SEGUNDO.

Trata dos doze Pares de França, da batalha do Gigante Ferrabraz com Oliveiros; como este o venceu, e fez baptisar; da formosa Floripes, filha do Almirante Balão; da prisão dos doze Pares, e proezas que fizeram contra o Almirante; do socorro de Carlos Magno; da morte do Almirante, dos Gigantes da Ponte de Mantible, e outros successos.

Figura 2 – Fragmento retirado da obra *História do Imperador Carlos Magno e os Dozes Pares de França*²⁰.

Como afirma Kabatek, a repetição de algo, ou uma repetição completa de um texto é importante para que se crie uma familiaridade com o enredo e com as personagens. Neste sentido, Leandro Gomes de Barros reeditou seus folhetos que versavam a batalha de Oliveiros com Ferrabrás durante dez anos, e paulatinamente acrescentava fatos – enxertos diegéticos – do texto português em seus folhetos. Ora, tem-se uma combinação “sintagmática” de elementos de um texto matriz sendo reeditado quase inteiramente nos folhetos nordestinos.

Considerando por outro prisma, essa relação sintagmática da evolução das ações do texto matriz – a batalha, a vitória de Oliveiros, o batismo de Ferrabrás, a prisão dos

²⁰ Obra disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>. Acesso em 24/04/2012.

doze pares, Roldão no leão de ouro – tornou-se famosa entre o povo nordestino devido a sua continuidade folhetinesca. Cascudo (1953) destaca que esses livros eram um dos mais famosos do Nordeste. Romero (1977) expõe que eles eram livros vulgares, pois eram facilmente encontrados. Desse modo, os folhetos carolíngios alcançaram essa popularidade devido ao seu caráter de folhetim.

1.3.1.1. Tradição discursiva e linguística: o eixo sintagmático e o folhetim do povo nordestino

É por isso que o texto é para o analista o que a camada é para o geólogo. (Louis-Jean Calvet).

Ressalta-se na exposição abaixo alguns textos da tradição discursiva do “ciclo de Carlos Magno” ou “carolíngio” disponibilizados de forma diacrônica, em que se notam alguns pontos relevantes das vertentes e enredos construídos pelos poetas do Nordeste brasileiro. O que traz à baila um questionamento sobre a confecção desses folhetos e se há uma relação causal com a tentativa de se criar uma espécie de folhetim do povo nordestino. A popularidade desses folhetos ocorre devido a um artifício desenvolvido pelo poeta popular, artifício este que permite uma continuidade das tramas nos folhetos subsequentes, dessa forma estruturando uma tradição.

Apresenta-se a seguir alguns folhetos do “ciclo de Carlos Magno” ou “carolíngio” para consolidar essa reflexão.

1ª Batalha de Ferrabrás com Oliveiros – 1909 – Leandro Gomes de Barros.

2ª Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – 1913 – Leandro Gomes de Barros.

3ª Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – 1920 – Leandro Gomes de Barros.

4ª A prisão de Oliveiros e seus companheiros – [s.d] – Leandro Gomes de Barros.

5ª O cavaleiro Roldão – 1958 – Antônio Eugênio da Silva.

6ª Roldão no Leão de Ouro – 1977/1980 – Leandro Gomes de Barros.

7ª A Morte dos 12 Pares de França – 1978 – Marcos Sampaio.

8ª As lágrimas de Antonio Silvino por tempestade – [s.d] – Leandro Gomes de Barros.

Como descrito anteriormente, o enredo de *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* – um dos primeiros folhetos da série, datado de 1909 – é “retirado” da versão em prosa do texto de Carlos Magno e seus paladinos. Esse folheto é composto de 102 estrofes com 10 versos cada uma. A trama é desenvolvida até a vitória de Oliveiros sobre Ferrabrás (assim como ocorre no texto em prosa), vitória que não implica somente no que tange à luta corporal entre os dois guerreiros, mas também há uma questão religiosa, pois o grande intento de Oliveiros não é somente derrotar seu oponente fisicamente, seu maior intento é o batismo de Ferrabrás. Quando Oliveiros alcança esses dois objetivos, o primeiro folheto chega ao fim da seguinte forma:

E Oliveiros andando,
 Por uma estrada que havia
 Viu que de um monte sahia
 A força que estava esperando,
 O turco foi se apeiando
 E Oliveiros se armou,
 Sobre uma sombra o deixou
 Foi de encontro aos inimigos,
 Um dos maiores perigos
 Que Oliveiros encontrou. (BARROS, 1909, p. 37).

A respeito desse final de certa forma “inconcluso”, Galvão (2000, p.184), descreve que:

Na última estrofe, o poeta afirma que Oliveiros deixa Ferrabraz escondido e vai ao encontro dos inimigos, em um dos maiores perigos que Oliveiros já enfrentou. O episódio, um dos vários narrados no livro de Carlos Magno fica, assim, sem um final explícito.

Como a batalha se deu homem a homem, os grupos de ambos os guerreiros (Oliveiros e Ferrabrás) ficaram à espreita, escondidos nas cercanias, desse momento em diante, o cavaleiro Oliveiros partirá para o combate contra o grupo de Ferrabrás. Entretanto, o final desse folheto que segundo Galvão, “sem um final explícito”, será o mote para a concepção de um prosseguimento para outra narrativa. Esse prosseguimento pode voltar-se para o texto em prosa, assim como pode seguir outra direção discursiva. Todavia, o poeta permanece atrelado à sequência escrita em prosa.

O segundo folheto datado de 1913 supera o primeiro (1909) em número de versos e também no que diz respeito ao enredo. Esse folheto é concebido em 135 estrofes de 10 versos cada. Nesse folheto percebe-se a inserção de novas estrofes, desse modo um aumento considerável do enredo, no entanto grande parte da primeira trama é conservada literalmente, pois o poeta reescreve toda a narrativa até o momento em que Oliveiros parte para enfrentar o grupo de Ferrabrás. As 33 novas estrofes caracterizam a continuação da trama, ou seja, as 27 estrofes finais dão um caráter de continuação da narrativa. O poeta, nesse caso, dá prosseguimento ao enredo do texto em prosa. Nesse folheto, o término da narrativa ocorre da seguinte forma:

Carlos Magno mandou
 Mais 4 dos cavalleiros
 Para ajudar Oliveiros
 Mas nada se aproveitou
 Um reforço que chegou
 De turcos exercitados
 Na lucta foram pegados
 Esses 4 cavalleiros
 Onde levaram Oliveiros
 Preso com os olhos tapados. (BARROS, 1913, p. 55).

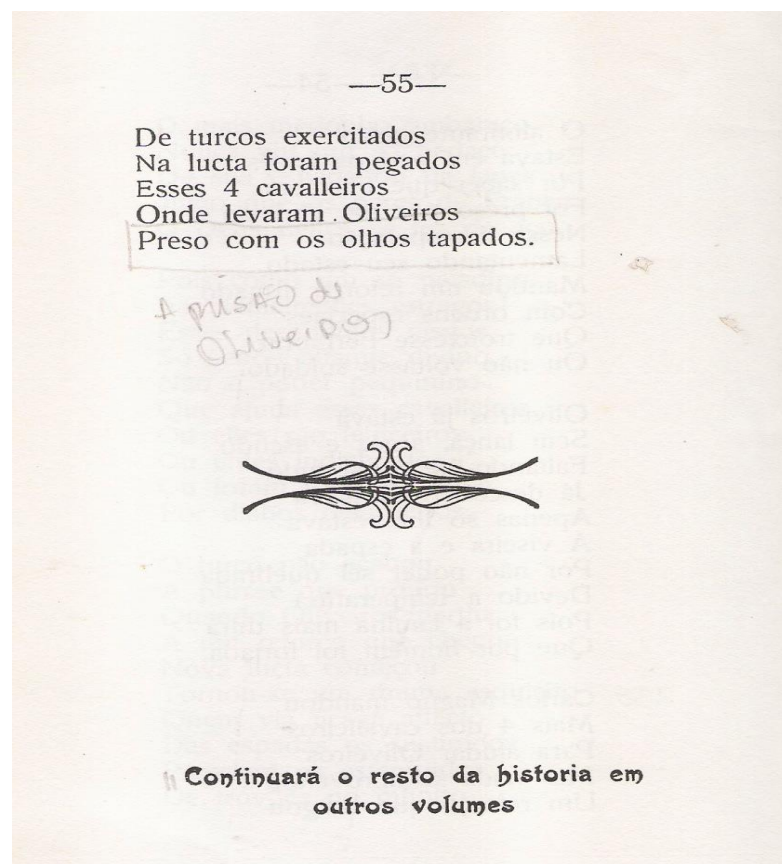
No epílogo dessa trama, Oliveiros é capturado com outros quatro cavaleiros, e tem-se “o mote” para o próximo folheto da série intitulado de *A Prisão de Oliveiros*. É importante elucidar que no terceiro folheto de 1920, não há inovações. Neste tem-se a retirada de uma estrofe, desse modo, pode-se relacionar o folheto de 1909 ao de 1920, em que há somente a ausência de uma estrofe, pois o enredo permanece o mesmo. Sobre o processo de repetições de textos e novas edições dos mesmos títulos antigos, Ribeiro (1987, p. 62), descreve que:

As obras repetidas e divulgadas sofrem uma série de refundições interligadas entre si, renovadas através de várias gerações, estando em estreito contato com a memória do povo.

Infere-se com as palavras de Ribeiro que repetir e divulgar, precisamente essas obras, há a concretização de um processo importante na comunidade em que o folheto circula, o processo de permanência, continuação, tradição. Além disso, a narrativa é integrada a uma tradição discursiva, pois elas são “renovadas através de várias gerações”.

No processo de interligar narrativas de uma mesma tradição ou dar continuidade a um folheto, uma característica significativa deixada por Leandro Gomes de Barros são os motes. No folheto de 1913, observa-se um mote que confirma o caráter de prosseguimento da narrativa contida no folheto, esse mote consta no “pé da página” do folheto. Nesse folheto tem-se a seguinte frase: “continuará o resto da história em outros volumes”.

Segundo o poeta Costa Leite, esse processo de repetição de bons folhetos é o que faz com que o público permaneça fiel a um ciclo de narrativas, e também contribui para a própria popularidade do poeta. Costa Leite afirma que: “O poeta só arranja pão em seus versos quando sabe agradecer o povo”. (CURRAN, 1973, p. 274).



(Figura 3) Registro no final da página do folheto de 1913. Mote para o prosseguimento da narrativa.

A partir desses rastros deixados pelo poeta, tanto no corpo da narrativa quanto aquele impresso no folheto, estes artifícios descrevem que a trama envolvendo Oliveiros tem seu prosseguimento com a criação de um novo título, *A prisão de Oliveiros*.

Em muitos folhetos de Leandro Gomes de Barros, a exemplo das obras: *Batalha de Ferrabraz com Oliveiros/Batalha de Oliveiros com Ferrabraz* e *A prisão de Oliveiros* que são agregadas em um mesmo folheto, percebe-se claramente o caráter de continuidade da narrativa, e assim, o prosseguimento da trama carolíngia, ou seja, esses folhetos podem ser caracterizados com um “folhetim do povo do nordeste” ou o “Sexto Livro do Povo”.

Se enquanto grandes autores do cânone literário brasileiro publicaram algumas de suas obras em partes, da mesma forma, o vate nordestino reescreveu as aventuras de Carlos Magno e o Doze Pares de França em trechos, dando a trama carolíngia um caráter de “folhetim do povo do nordeste”. Na introdução à obra de Leandro Gomes de Barros contida em *Literatura Popular em Verso*, pode-se conjeturar um fator proeminente no processo de criação textual de Leandro Gomes de Barros que caracteriza ou corrobora com a ideia de que os folhetos carolíngios podem ser entendidos como uma sequência, ou mesmo um “folhetim”.

Era de seu sistema deixar inacabados os poemas num folheto para dar continuidade noutro, com o que visava a manter preso o leitor. Assim fazia porque vivia do produto de sua obra. Enquanto lançava uma nova, reeditava outra das conhecidas, sendo ele próprio o autor, editor, o distribuidor. (LITERATURA POPULAR EM VERSO, 1976, p. 5).

A partir dessa explanação, vê-se que é autêntico conceber a ideia de que as narrativas carolíngias podem ser entendidas como um “folhetim do povo nordestino”, pois foi proposital a realização dos folhetos em série. Outra consideração remete à variação que ocorre nos folhetos que compreendem os anos de 1909, 1913 e 1920. Assim como citado anteriormente, era uma técnica de Leandro terminar um folheto e dar prosseguimento em outro, como também reeditar folhetos já conhecidos do público, como se vê nos anos de 1909 e 1920.

Outros poetas continuaram atrelados à tradição discursiva carolíngia, e escreveram novos títulos sobre a temática de Carlos Magno dando continuidade as

aventuras dos paladinos, haja vista, os seguintes títulos: *O cavaleiro Roldão, A Morte dos 12 Pares de França*. Esse prolongamento caracteriza a fama e a ideia de sequência da narrativa, entretanto, essas novas narrativas começaram a se afastar gradativamente da matriz portuguesa, pois como descreve o poeta Evaristo Geraldo da Silva (2004, p.16), “esta minha narrativa verte da imaginação”.

Retornando a teorização kabatekiana, este aponta um fator significativo sobre tradição discursiva que pode ser aplicado nas tramas carolíngias em solo nordestino. O autor assevera que:

(...) existe também uma composicionalidade “sintagmática”, na sucessão de elementos (ou de subtópicos) ao longo de um texto: muitos textos não são homogêneos, contêm uma série de textos diferenciados e diferenciáveis (KABATEK, 2006).

Neste momento, a teorização kabatekiana incide sobre a dicotomia saussuriana relativa aos eixos sintagmáticos e paradigmáticos. O autor demonstra as peculiaridades das permanências e mudanças de elementos em textos no decorrer do tempo a partir de um paralelo diacrônico. No eixo sintagmático tem-se a sucessão combinatória dos eventos e no eixo paradigmático têm-se a escolha. A partir dos eixos saussurianos, Kabatek (2006) demonstra os processos de permanência e mudanças em um texto.

Nos folhetos carolíngios tem-se uma trama em prosa ou mesmo em verso que é o “núcleo duro²¹”, matriz, “pedra de toque” para a composição dos folhetos nordestinos. Essa trama em prosa segue um padrão sintagmático de sucessão de eventos. São eles:

1º Batalha de Ferrabraz com Oliveiros;

2º Batismo de Ferrabraz;

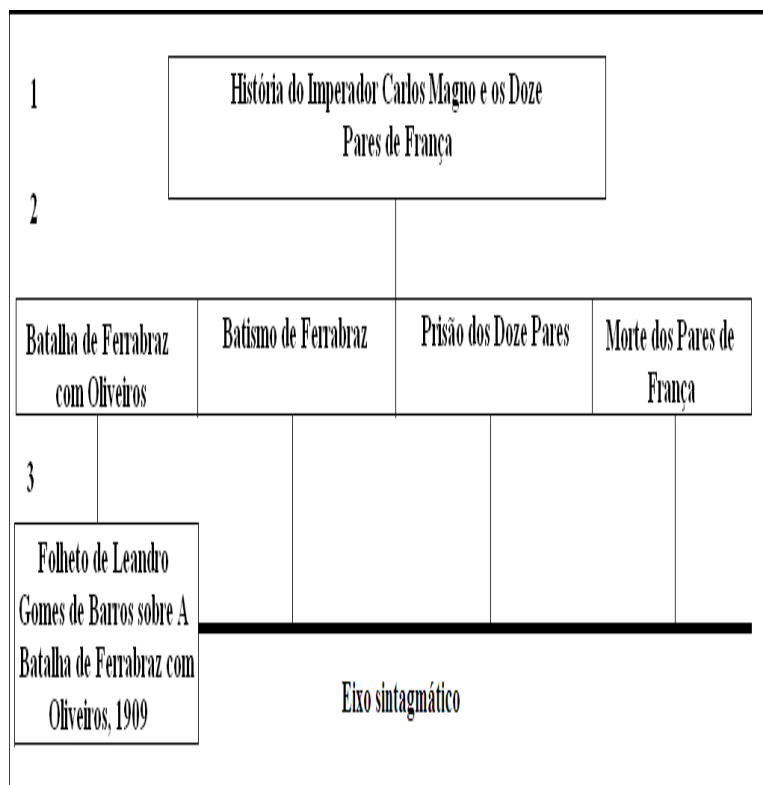
3º Prisão dos Doze Pares;

4º Morte dos Pares de França e assim sucessivamente.

O poeta Leandro Gomes de Barros segue essa ordem sintagmática em seus folhetos, precisamente na obra *batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, dando um caráter a essa obra de “folhetim do povo nordestino”. No quadro abaixo se tem uma visualização

²¹ Para Durand, o núcleo duro é a parte indivisível da narrativa.

de como o poeta popular concebeu seu texto. O momento número 1, representa a narrativa apresentada como “núcleo duro”, ou seja, a *História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França* (1864). O momento número 2, indica o processo de sucessão sintagmática (proposta de Kabatek) dos eventos da trama. No momento número 3, assinala à seqüência seguida pelo poeta popular. Nesse caso, percebe-se que há uma repetição literal da trama.



Esquema 1 – Eixo sintagmático proposto a partir da perspectiva teórica de Kabatek. Nesse caso, há uma pequena variação nos textos carolíngias, pois o poeta segue a sucessão/combinção dos fatos do texto em prosa na composição de seus folhetos sem verso.

1.3.2 Tradição discursiva e linguística: o eixo paradigmático

A transmissão do texto oral, como mostra a existência de diversas variantes de um mesmo texto, altera e deforma seu conteúdo inicial. (Louis-Jean Calvet)

Após a visualização de como ocorrem a variação de uma narrativa, tomando como exemplo o eixo sintagmático, ou da combinação de elementos proposto por

Saussure, Kabatek (2006) propõe que as maiores mudanças ocorrem em uma narrativa quando essa é observada através do eixo paradigmático, ou eixo da seleção dos elementos. Sobre o eixo paradigmático, Kabatek descreve que:

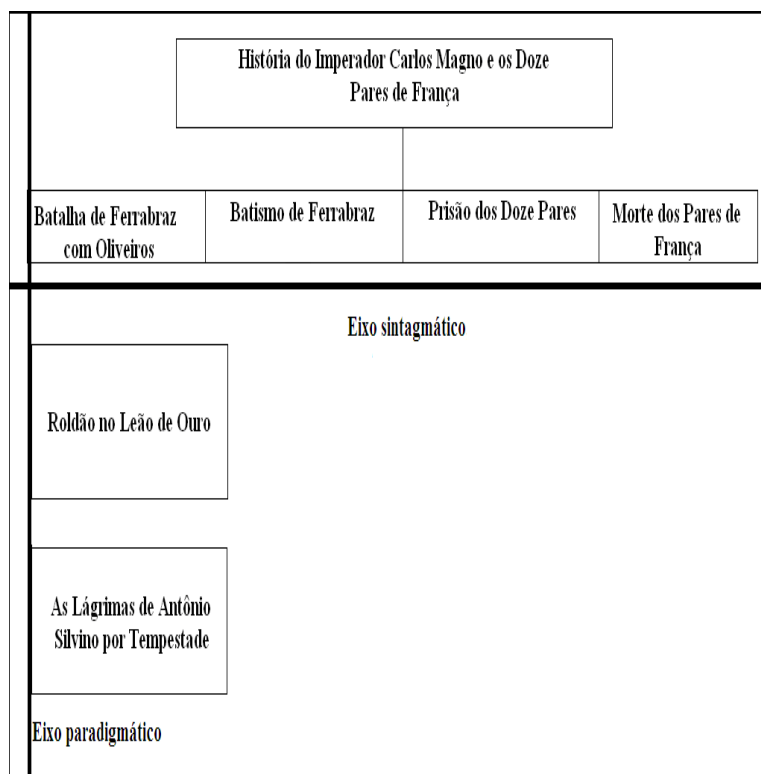
(...) Da composicionalidade paradigmática derivam diferentes possibilidades de *transformação* de uma TD. As TD são transformadas ao longo do tempo, e podem mudar totalmente até se converterem em outra realidade totalmente diferente da inicial. (KABATEK, 2006).

Considerando um texto através do eixo paradigmático, ou eixo da seleção, infere-se que é nesse estágio que as maiores transformações nas tramas/narrativas do ciclo carolíngio ocorrem, pois o signo francês será agregado a enredos, histórias famosas do povo nordestino, através da engenhosidade do poeta, textos e vozes que se entrelaçam na memória do poeta popular. Não somente isso, mas visando alcançar um impacto significativo na comunidade a que pertence, o vate atualiza as narrativas associando o signo Francês – Carlos Magno – a um signo da cultura nordestina, o cangaceiro. Todavia, para que essa permuta simbólica ocorra entre as personagens, se faz necessário um conhecimento prévio por parte os leitores/ouvintes das narrativas. No caso das narrativas carolíngias, a permanência e repetição provocada pelo poeta Leandro Gomes de Barros favorece esse câmbio simbólico entre Carlos Magno e o cangaceiro nordestino. Segundo Lopes (1981, p. 20), “uma sistema sígnico A só pode ser interpretado por outro sistema de signo B, quando o significado de B já é conhecido”.

Este processo de interação entre signos realizado pelo poeta popular encontra suporte na teoria bakhtiniana. Segundo o teórico russo, “compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos” (BAKHTIN, 2009, p. 34). Desse modo, tem-se a caracterização da ideia de tradição discursiva proposto por Kabatek, principalmente a que concerne ao eixo paradigmático.

Assim, o primeiro quadro sofre uma transformação, há uma inserção de um novo elemento, o eixo paradigmático. Esse novo elemento exemplificará dois tipos de mudanças que se observa nas tramas que envolvem as personagens carolíngias. A primeira mudança é observada no folheto *Roldão no Leão de Ouro*, e a segunda, uma

retomada simbólica de um evento da história de Carlos Magno, todavia reinventado em uma narrativa de cangaceiros. Vejamos:



Esquema 2 – Eixo paradigmático proposto a partir da perspectiva teórica de Kabatek. Nesse eixo da seleção, o poeta agrega um enredo conhecido do povo nordestino, todavia utilizando personagens da história de Carlos Magno. No segundo exemplo, tem-se um texto completamente diferente das tramas carolíngias, entretanto, no cerne do texto, um arquétipo aproxima o herói carolíngio do cangaceiro nordestino.

Tendo como referência o eixo paradigmático, a primeira referência destacada é o folheto *Roldão no Leão de Ouro*, pois este folheto pode ser associado aos dois eixos em questão. Essa narrativa está contida na matriz das tramas carolíngias, logo, se adequa ao eixo sintagmático. Porém, esse folheto também pode ser relacionado ao eixo paradigmático devido à sua associação a uma narrativa recorrente da cultura nordestina, *O pavão misterioso*²². Neste folheto, o enredo gira em torno de um pai que protege excessivamente a filha, desse modo, Evangelista – o rapaz enamorado – utiliza um artifício extraordinário para ter acesso à filha do rei. Evangelista, então, encomenda uma

²² Segundo Romero (1977), a narrativa *O pavão misterioso* é um dos maiores sucessos do cordel. A versão de José Camelo de Melo Rezende data o final dos anos 20.

máquina voadora com o intuito de chegar ao quarto da moça, o dito pavão. A descrição da máquina é a seguinte:

Movido a motor elétrico
 Deposito de gasolina,
 Com locomoção macia
 Que não fazia buzina
 A obra mais importante
 Que fez em sua oficina.

Tinha a cauda como um leque
 E as asas como pavão
 Pescoço, cabeça e bico
 Lavanca, cabeça e botão
 Voava igual ao vento
 Para qualquer direção. (RESENDE, 1980).

No caso de *Roldão no Leão de Ouro* ou *O Príncipe Roldão no Leão de Ouro*, um arquétipo é produzido, ao invés do pavão tem-se o leão, todavia o *plot* é o mesmo do citado acima. Em uma das sextilhas do folheto supracitado, pode-se ler o tema da história.

Leitores, matai o tempo
 Que é boa distração
 Saber como uma princesa
 Estava numa prisão
 E Roldão pôde roubá-la
 Escondido num leão²³.

Observando a composicionalidade da obra tem-se uma relação entre textos de uma mesma tradição como descreve Kabatek (2006), entretanto esse texto é recriado pelo poeta e agregado à tradição carolíngia. Nota-se que no eixo paradigmático ocorre uma seleção de elementos por parte do poeta que são pontuais nas duas narrativas. O mais significativo, no entanto concerne à utilização de um enredo assaz popular entre os nordestinos no início do século XX e que permanece até nossa época, juntamente associado a personagens do ciclo carolíngio. Essa associação descrita entre um enredo famoso e personagens populares, extremamente conhecidos do povo, nos remete as palavras de Costa Leite, “O poeta só arranja pão em seus versos quando sabe agradar o povo”. (CURRAN, 1973, p. 274).

²³ <http://editoraluzeiro.com.br/cordeis/81-roldao-no-leao-de-ouro-luzeiro.html>. Acesso em 15/02/2012.

Kabatek (2006) acrescenta que “uma Tradição Discursiva não é sempre um texto repetido sempre da mesma maneira”, pois como indica a palavra tradição, aquilo que é passado de geração para geração, e nesse processo nômade, algo sempre é transformado, atualizado. Segundo a descrição kabatekiana “pode ser também uma forma textual ou uma combinação particular de elementos” (KABATEK, 2006). O pensamento de Santos (2006) é compatível com a teorização kabatekiana, pois o ato de conceber um novo texto está intrinsecamente ligado ao presente, ou seja, a realidade do poeta. A autora propõe que:

Reviver o passado ou descobrir sua significação, não significa reencontrar ou recriar os fatos, as sensações ou as vozes tal qual foram vividos, ou ouvidos ou sentidos em algum momento do passado. Implica, pelo contrário, refazer, reconstruir e repensar as experiências do passado com as imagens, as palavras e as ideias de hoje. (SANTOS, 2006, p. 15).

Ao relacionar a conceituação kabatekiana sobre tradição discursiva e agregado ao pensamento de Santos (2006) sobre a composição de histórias pelo poeta popular, vislumbra-se que ambos os pensamentos convergem para o segundo exemplo demonstrado no eixo paradigmático, aquele em que há uma seleção e reelaboração de um texto em uma tradição discursiva. Um dos exemplos que será averiguado concerne precisamente ao folheto intitulado de *As lágrimas de Antônio Silvino por Tempestade* (s.d.), de Leandro Gomes de Barros.

É importante destacar nesse caso que, Leandro Gomes de Barros é um conhecedor da história de Carlos Magno, e nesse folheto, o poeta irá criar um texto a partir de uma passagem/trecho da narrativa de Carlos Magno – o momento da morte dos Pares, todavia completamente ambientado no sertão nordestino, contando com personagens locais, porém o enredo é um arquétipo de uma passagem da trama carolíngia²⁴.

Abaixo, observa-se o trecho do texto extraído da versão portuguesa da *História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França* (1864). Sobre a morte de

²⁴ Essa associação entre Carlos Magno e Antônio Silvino já foi descrita nas obras de Ferreira (1979) e Santos (2006), porém somente como ilustração de um fenômeno que visa a atualização do mito na literatura de cordel.

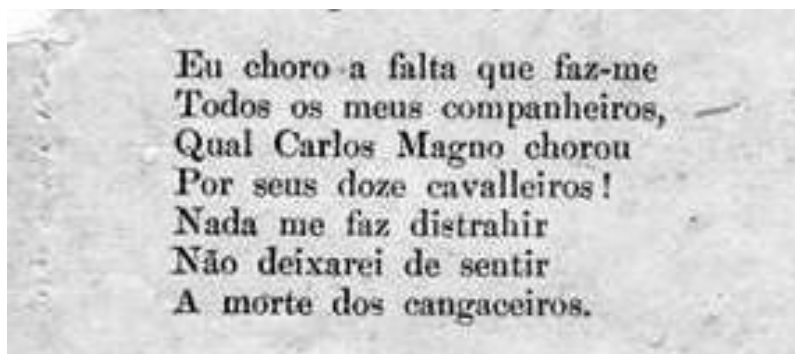
Roldão, tem-se a seguinte descrição encontrada no quarto capítulo da obra. O relato é o seguinte:

Carlos Magno foi o primeiro que chegou aonde estava Roldão, e como o viu morto, cahio sobre elle amortecido. Entrando em sí, começou a chorar, e dizer: — O' Roldão, meu amado sobrinho, Principe das batalhas, destruidor dos Turcos, asombro do Mundo, defensor dos Christãos, columna da Igreja, augmentador da Fé Catholica.

Ai desgraçado de mim, que te trouxe a morrer em estranhas terras, e que não morri contigo! Que farei! Ai desconsolado velho!

Figura 4 – Lamento de Carlos Magno sobre a morte de Roldão. A partir desse mote, o poeta Leandro Gomes de Barros tece uma aproximação simbólica com a morte de Tempestade²⁵.

Nota-se no trecho do texto extraído do folheto *As Lagrimas de Antonio Silvino por Tempestade*, de Leandro Gomes de Barros, uma construção discursiva ambientada nas narrativas nordestinas. Toda a argumentação exposta acima é retomada nessa composição do poeta paraibano, pois simbolicamente um elemento/evento da sucessão sintagmática da narrativa de Carlos Magno, precisamente a passagem em que um dos Pares de França é morto, é evocado, todavia centrada em um tempo e um espaço diferente, o sertão nordestino.

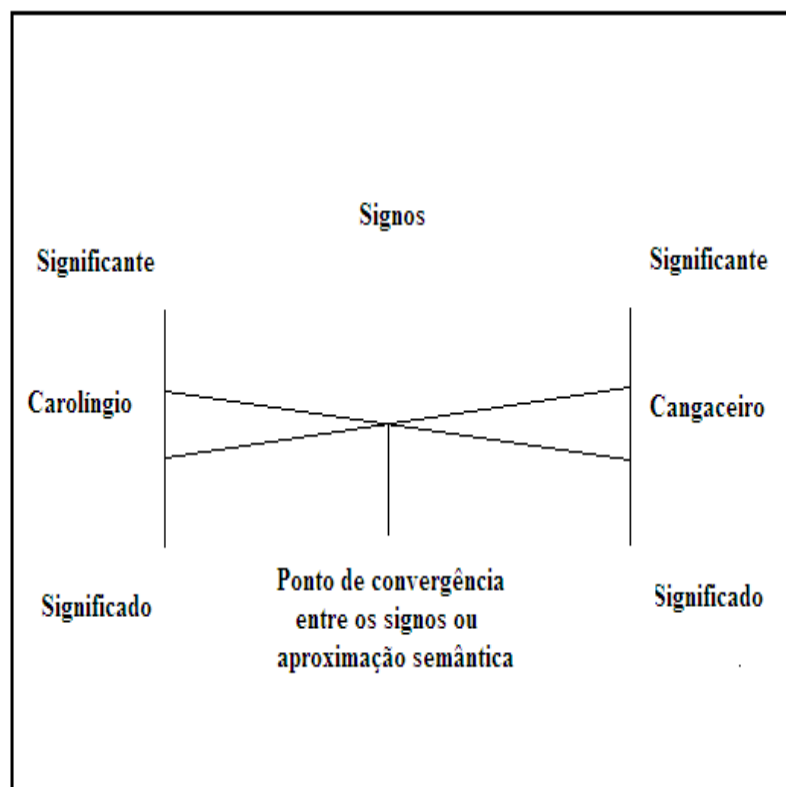


Eu choro a falta que faz-me
 Todos os meus companheiros,
 Qual Carlos Magno chorou
 Por seus doze cavalleiros!
 Nada me faz distrahir
 Não deixarei de sentir
 A morte dos cangaceiros.

²⁵ Obra disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>. Acesso em 24/04/2012

Figura 5 – Trecho do folheto *As lágrimas de Antônio Silvino por Tempestade*, de Leandro Gomes de Barros.

Partindo de uma relação arquetípica, ou uma espécie de palimpsesto entre um texto A e B, as duas personagens em questão – Carlos Magno e Antônio Silvino – dialogam pelo viés da aproximação semântica e de conduta. Todavia, é importante não olvidar que em uma equiparação simbólica entre signos de culturas distintas, se faz necessário um conhecimento das ações de um elemento A, para que ocorra uma aproximação semântica junto ao elemento B (LOPES, 1981). No quadro abaixo, há uma indicação ou ponto que interressão entre os dois signos que sofrem o processo de permuta simbólica.



Esquema 3 – O ponto de convergência entre o signo carolíngio e o cangaceiro nordestino. O extralinguístico como fator preponderante no processo de ressignificação do signo linguístico.

Neste esquema, há a disponibilização dos dois signos em questão, o carolíngio e o cangaceiro, e um ponto central, o ponto de convergência entre ambos, o ponto

denominado *aproximação semântica*. Esse ponto de convergência seria impensável em um estudo estruturalista, pois o modelo científico proposto por Saussure pautava um estudo imanente da língua, a língua pela língua, o extralinguístico era desconsiderado na análise. A respeito do processo de ressignificação do signo carolíngio na figura do cangaceiro, o extralinguístico será levado em consideração, pois no processo de confecção da narrativa nordestina, o poeta fará uma aproximação semântico-histórica entre os signos, aproximando-os. Curran (1973), já havia percebido essa equivalência semântica entre o cavaleiro carolíngio e o cangaceiro nordestino. O autor expõe que:

Este elo com o passado é importante em si mesmo, mas igualmente notável é a evolução de temas básicos, TOPOI, e ideias já vistas na literatura de cordel. A adaptação de personagens pelos poetas rústicos, adaptações destinadas a conformá-los à situação do povo e sociedade nordestinos, é interessante e importante como fenômeno literário. O cavaleiro andante cujas qualidades se vêem no “bom” cangaceiro, Antônio Silvino, é outro exemplo do mesmo processo. (CURRAN, 1973, p. 26).

Se em Saussure têm-se uma visão imanente dos estudos linguísticos, nessa abordagem a interação entre os signos ocorre pelo viés extralinguístico. Assim, a aproximação semântica entre os signos carolíngios e nordestinos ocorre por meio de suas ações como *cavaleiros (batalha)*, *o código de honra e conduta (fidelidade)* e *os títulos reais*.

Os folhetos carolíngios, para Curran (1973) destaca um fator singular em sua composição, “esses romances trouxeram as figuras clássicas do tradicionalismo medieval, cavaleiros andantes” (CURRAN, 1973, p. 26). Os cavaleiros errantes do medievo, como Carlos Magno e seus paladinos convertem-se em arquétipos para a movência e posteriormente transformam-se em narrativas míticas, segundo o conceito de Eliade. Ferreira (1979) justifica a recorrência dessas narrativas míticas no nordeste, pontuando que o povo nordestino não tinha um herói exemplar. Dessa forma, Carlos Magno signo, responde as necessidades ideológicas e sociais de uma cultura sem tradição heróica ainda. O poeta popular é o *traduttore* desse inconsciente coletivo. Em sua poesia há uma epifania de um herói popular mítico, Carlos Magno, que responde aos anseios culturais de uma coletividade.

O sujeito social nordestino vive em constante luta, assim como os cavaleiros carolíngios. Mesmo que essas batalhas travadas no sertão nordestino por cangaceiros,

ou mesmo a população em geral seja distinta socialmente daquelas travadas pelos paladinos na Europa. Enquanto os carolíngios lutam pela anexação de territórios e para disseminar a religião católica, no nordeste brasileiro, as batalhas travadas pelo povo dizem respeito à sobrevivência e as desigualdades sociais. O poeta, que tem em sua práxis criar novos mundos, torna com isso, a linha que divide os carolíngios e os nordestinos extremamente tênue. Desse modo, os paladinos que por meio da linguagem hipotético-ficcional estão no imaginário do nordestino por meio do nomadismo da voz e da escritura, através de Antônio Silvino e seu bando torna-se real, um mito regionalizado, porém anexo arquetipicamente às figuras dos paladinos.

Esses cavaleiros do sertão nordestino também se equiparam aos paladinos de Carlos Magno pelo viés do código de honra e conduta. Enquanto personagem histórico, Carlos Magno inculuiu em seus comandados o conceito de fidelidade. Segundo Mello (1980), Carlos Magno utilizou esses artifícios para facilitar seu governo. O historiador afirma que “para poder governar, o soberano contava com um forte elemento ético: a idéia de devoção, consubstanciada no juramento de fidelidade” (MELLO, 1980, p. 36). Essa idéia de fidelidade transpôs os liames entre História e ficção e pode ser observado em a *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, no momento em que o gigante mouro desafia os paladinos do rei francês. Nesta cena, Roldão desobedece à ordem de Carlos Magno de ir à luta contra o mouro que, em vários momentos escarnece dos cavaleiros carolíngios. Ferrabrás diz:

Sahirei daqui dizendo:
 - Carlos Magno se escondeu?
 Roldão não me apareceu
 Talvez ficasse tremendo...
 Estou só, como está se vendo
 Eles são doze guerreiros
 Como 12 cavalleiros,
 Não dão batalha a um só?
 Porque não vem uma mó
 Roldão, Ricardo, Oliveiros?

Eu sosinho nesta campanha
 Contra um exercito francez
 E matal-o de uma vez,
 Não digo que isso é façanha
 Um exercito não me ganha,
 Ainda eu mesmo doente.
 Como é que existe gente
 Que se atreve a exaltar
 E pelo mundo espalhar
 Que Carlos Magno é valente? (BARROS, 1909, p. 4)

Após o escarnecimento de Ferrabrás, um dos cavaleiros, o ferido Oliveiros parte para o combate contra o mouro. Esse ato é uma espécie de cumprimento ao código de honra e conduta, a fidelidade concordada tacitamente pelos cavaleiros que concerne em não permitir a ofensa. Oliveros age da seguinte forma nessa situação:

Guarim, podes descansar,
- Oliveiros respondeu.
Um soldado como eu
Não deixa seu rei chorar,
O turco há de acreditar
Que mil feras não me consomem
Minhas façanhas se somem
Mas enquanto eu não morrer
Ferrabraz há de dizer

Em França encontrei um homem. (BARROS, 1909, p. 8).

O código de honra e conduta também faz parte do ideário do cavaleiro nordestino. Após a morte de Lampião, Corisco tornou-se o seu vingador, um arquétipo de proteção da imagem de seu rei, assim como Oliveiros zela pela imagem de Carlos Magno. Todavia, o código de honra e conduta dos carolíngios e cangaceiros transcende a ideia de preservação mútua, o código de honra e de conduta tende a resguardar os direitos dos socialmente menos favorecidos. Historicamente, Carlos Magno pode ser entendido como um justiceiro social, pois contribuiu para o desenvolvimento social da França em seu exercício como rei. O cangaceiro tem o estigma de fora da lei, todavia conserva valores não observados pelos “homens da lei”. Em carta, Lampião descreve o procedimento da polícia em sua época e não concorda com prática dos ditos homens da lei.

SALVI – EU CAPm. VIRGULINO FERREIRA LAMPIÃO – Deixo esta Lça.
Para o officá qui aqui parçar Em minha perçeguição, apois tenho Gosto que
voceis me persigam, Desculpe as letras qui sou Um bandido como voceis me
chama pois eu não mereço, Bandido é voceis que andam roubando e
deflorando as famias aléia porem eu não tenho este costume todos me desculpe
a gente a quem odiar? – Aceite Lças. Do meu irmão Ezequiel vulgo Ponto Fino
e de meu cunhado Virgínio vulgo Moderno²⁶ (MELLO, 1993, p. 142-143).

Lampião expõe, seguindo o código de honra e conduta do cangaceiro, que não rouba nem deflora o povo, age de forma contrária aos “homens da lei” que no

²⁶ Mensagem reproduzida por MELLO, Frederico Pernambucano de. **Quem foi Lampião**. Recife/Zurich: Editora Stahli, 1993, p. 142-143.

entendimento de Lampião deveria resguardar esses valores. Dessa forma, o poeta Leandro Gomes de Barros conhecedor desses valores compartilhados por carolíngios e cangaceiros tem mais um subterfúgio para a regionalização e atualização do mito.

Outro quesito que aproxima semanticamente carolíngios e cangaceiros é uma terminologia real peculiar na cultura nordestina. Carlos Magno adentrou a ficção em *La Chason de Roland* preservando a mesma patente de rei, assim, tanto na história factual quanto na ficção, o rei carolíngio conserva sua indumentária e autoridade real. No nordeste os títulos militares e de realeza são comuns entre a população. Os grandes proprietários de terras no passado eram conhecidos pelos títulos de coronel, major, o próprio Lampião se intitulava capitão.

Desde o sucesso de romances como o *Pavão Misterioso* entre a população nordestina, narrativa em que há as figuras da realeza, como o rei, a princesa, segundo Ferreira (1979), houve no nordeste uma equiparação regional entre o coronel = rei, filha do coronel = a princesa e assim sucessivamente. Um exemplo ficcional dessa recursividade de uso da terminologia real é encontrado em *d'A Pedra do Reino*. O narrador “Dom” Dinis Quaderna usa terminologia real para todas as outras personagens da narrativa, tais como o rei, príncipe, a princesa, o duque, isso é um indício dessa nomenclatura real no nordeste.

Entretanto, a terminologia do código da realeza também foi associada à figura do cangaceiro e uma das primeiras figuras a receber essa condecoração foi Antônio Silvino, a personagem principal do folheto *As lágrimas de Antônio Silvino por Tempestade*. Um folheto famoso no Nordeste é *Antônio Silvino: O rei dos cangaceiros* (1910-1912), de Leandro Gomes de Barros. A questão social é relevante no que tange aos títulos de reais, pois o cangaceiro torna-se o rei do povo, o ungido do oprimido, o vingador social. O arquétipo entre Carlos Magno e o cangaceiro Antônio Silvino não se equiparam somente por suas ações, outras relações aproximam esses reis miticamente. Carlos Magno ficou conhecido historicamente como o rei da barba florida. Segundo o jornal *A província* de 1906, em uma reportagem sobre o cangaço há uma descrição sobre a figura de Antônio Silvino. Segundo a reportagem, o cangaceiro “não dispensava um bouquet de flores na lapella de sua blusa²⁷”, eis o rei mítico nordestino. Assim, as

²⁷ A Província, 28 de janeiro de 1906.

características compartilhadas e evidenciadas entre carolíngios e cangaceiros permitem o cotejo do extralinguístico, considerando também a aproximação semântica como característica proeminente no processo de ressignificação de signos tão distantes historicamente.

Além da aproximação semântica e de conduta entre as personagens francesas e nordestinas, o arquétipo e o mito também corroboram com o processo de aproximação simbólica entre Carlos Magno e o cangaceiro Antônio Silvino. Observando a caracterização de arquétipo proposta por Zumthor (1993) e Frye (1973), associado ao conceito de mito, de Eliade (1978), pode-se relacioná-los ao conceito de tradição discursiva kabatekiano, devido ao processo de atualização de uma narrativa ou um signo linguístico em outro contexto histórico.

Há uma interseção conceitual entre os estudos dos teóricos supracitados. Frye (2000, p. 46) discorre sobre a questão dos arquétipos da seguinte forma:

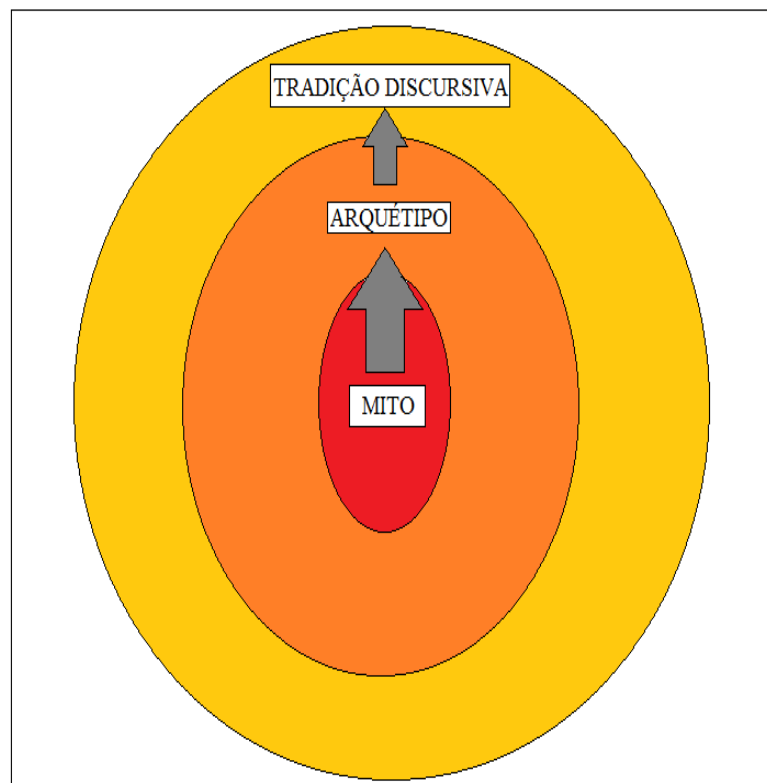
A literatura é uma mitologia reconstruída, com seus princípios estruturais derivados daquele mito. Então podemos dizer que a literatura é, num cenário complexo, aquilo que a mitologia é, num cenário simples: um corpo global de criação verbal.

Os termos “reconstruída” e “um corpo global de criação verbal” são significativos para que se possa entender o conceito de arquétipo proposto por Frye. Segundo o teórico canadense, essa “reconstrução” se dá a partir da atualização do mito, neste caso, uma reinvenção de uma narrativa. O poeta popular utiliza esse artifício mencionado por Frye, pois a partir de um texto matriz (cenário simples), o poeta popular atualiza o mito, porém deslocando-o no tempo e no espaço, nesse caso no sertão nordestino. A movência do mito, por diversas culturas, como é o caso de Carlos Magno, encontra no sertão nordestino um signo que o poeta popular aproxima simbolicamente, ou seja, o cangaceiro, através de sua equivalência semântica.

Kabatek (2006) expõe que uma tradição discursiva é a uma narrativa que se repete, todavia não necessariamente sempre da mesma forma. No caso dos folhetos carolíngios, conjectura-se os dois casos descritos na teoria kabatekiana, pois nas produções de Leandro Gomes de Barros percebe-se a utilização do enredo da versão em prosa, sem que haja uma fuga do enredo da trama (eixo sintagmático). Todavia em

outros folhetos, há uma reconfiguração do enredo principal, ou seja, como descreve Frye (2000) há “um corpo global de criação verbal”, pois outros textos/vozes são agregados ao folheto criando um novo enredo, um cenário complexo (eixo paradigmático).

Frye (2000) aborda a categoria de mito para analisar o texto literário. É significativo destacar que o mito está centrado no tempo cíclico, ou *in illo tempore*, em um tempo indeterminado, uma espécie de “vai e volta”, Zumhtor (1993) utiliza os termos cíclico, circular quando aborda essa problemática. Nesse processo de nomadismo da voz e escritura, o mito é atualizado por Leandro Gomes de Barros, quer seja na escritura do folheto, ou na vocalidade que o constitui em arquétipo. O mito é definido por Eliade (1978) com uma “narrativa dos primórdios”, dessa forma, essa narrativa nômade dos primórdios é reterritorializada no Nordeste com uma nova configuração, a dinâmica do herói nordestino. Assim sendo, pode-se entender essa narrativa a partir do conceito de bacia semântica de Durand (1996), ou seja, novos resíduos formam um novo leito.



Esquema 4 – Através de três visões teóricas, visa-se entender a circularidade do texto/voz, assim como a atualização do mito carolíngio na figura do cangaceiro.

Compreende-se que o poeta popular une ao seu fazer artístico elementos tradicionais da cultura nordestina, personagens de uma tradição carolíngia, um enredo conhecido do povo, com isso é dado um prosseguimento a uma tradição discursiva, mesmo que as tramas do novo folheto se afastem gradativamente/paulatinamente da narrativa primordial, porém como propõe Kabatek (2006), o que vai caracterizar uma tradição discursiva são os elementos nômades que os textos irão compartilhar.

A partir discussões estabelecidas é relevante a relação tênue entre os seguintes conceitos: nomadismo e tradição discursiva. Estes conceitos teóricos estabelecem uma interface com o conceito de arquétipo e a intervocalidade, características da movência zumthoriana, e circularidade da voz que permitem a rotação do mito. Essa equação conceitual é importante para que se entenda o processo de ressignificação/atualização do signo carolíngio na cultura nordestina, assim como os resquícios ideológicos presentes nas narrativas carolíngias publicadas no início do século XX, no Nordeste. Nessas primeiras edições das narrativas carolíngias havia uma fidelidade ao texto matriz conforme discutido anteriormente, todavia pautada por um discurso recorrente da cultura nordestina: o discurso religioso. A segunda etapa dessa pesquisa está focada na funcionalidade da temática religiosa nos folhetos carolíngios.

CAPÍTULO II

A temática religiosa nos folhetos carolíngios: a outra batalha de Oliveiros com Ferrabrás:

- Nobre e grande cavalleiro!
Disse o turco arrependido,
Agora estou convencido
Que teu Deus é verdadeiro,
Grande, bom e justiceiro
Ente de grande mister,
Faz tudo quanto quizer
Só ele tem heroísmo
Te peço daí-me o baptismo
Depois faça o que quizer.

*Batalha de Ferrabraz com
Oliveiros, Leandro Gomes de Barros.*

2.1. A questão dos ciclos temáticos: a consagração da fragilidade

As discussões desenvolvidas no capítulo precedente tinham como objetivo evidenciar a popularidade dos folhetos que abordam a temática carolíngia, além de avaliar o processo de nomadismos ora como tradição discursiva, ora como ressignificação do signo carolíngio no folheto nordestino.

Neste segundo capítulo, busca-se analisar a construção do discurso religioso em a *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* visando apreender se esse discurso também funciona como uma espécie de propaganda para a popularidade desse folheto. É importante destacar que, o folheto *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* foi o primeiro de uma longa série de folhetos que versam sobre a temática carolíngia que circula no Nordeste. Assim, foi a partir desse folheto que uma tradição discursiva carolíngia sedimentou-se em solo nordestino.

Antes das considerações sobre a questão discursiva dos folhetos carolíngios, se faz necessário inicialmente observar a questão dos ciclos temáticos na literatura de cordel. Esta questão é relevante, pois, a partir da releitura crítica dos ciclos temáticos arquitetados até o momento, pode-se questionar o processo de associação de um folheto qualquer a um ciclo temático. O número de ciclos constituídos por pesquisadores, até o momento, é deveras volumoso e arbitrário. No caso da *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, até o momento, esse folheto só foi/é associado aos ciclos que versam guerras, heroísmos e etc, mesmo contendo em seu enredo formações discursivas e enunciados que supervalorizam a fé e o discurso católico. O que corrobora para essa associação do folheto a outros ciclos que não seja o religioso é uma ausência de parâmetro ou categoria definida que possa assinalar um folheto a “um único” ciclo temático.

É notório em uma pesquisa sobre títulos de folhetos de cordel no nordeste, uma presença significativa de referências às personagens e textos que versam sobre a trama carolíngia de Carlos Magno e os Doze Pares de França. Alguns estudiosos observaram a presença maciça de folhetos que abordam a temática supracitada, então buscaram elencá-los em um ciclo de produção de folhetos, todavia entende-se que elencar um folheto a um único ciclo temático torna-se uma tarefa difícil devido ao hibridismo temático contido no enredo dos folhetos.

Procurando entender qual a característica basilar de um ciclo temático, ressalta-se abaixo a conceituação de Santos (2006). Segundo a autora, o termo ciclo refere-se a:

“um conjunto de folhetos (e/ou de romances) que tem como centro de interesse o mesmo acontecimento (por exemplo, o ciclo das enchentes ou da seca), ou mesmo (ciclo de Lampião, de Getúlio Vargas, etc)” (SANTOS, 2006, p. 138).

Ponderando sobre a conceituação descrita acima, entende-se que no momento da associação de um folheto a um ciclo temático o que é levado em consideração é o enredo, pois a pesquisadora destaca como núcleo associativo “o centro de interesse” do folheto. No caso de *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, o centro de interesse do folheto é a batalha entre o cavaleiro cristão e o cavaleiro mouro, todavia essa batalha não ocorre somente pelo viés da força física, mas também há uma batalha discursiva, uma batalha ideológica cujo foco principal recai sobre a divulgação da salvação por meio da crença na fé católica. Desse modo, se a análise dos folhetos for reduzida às características das personagens envolvidas na narrativa, iconografia – zincogravura, xilogravura – presentes no folheto ou pela historicidade do tema, o folheto será sempre associado a qualquer outro tipo de ciclo menos o religioso, pois o eixo discursivo que concentra a mensagem religiosa é olvidado em detrimento de outras características dessa narrativa de Leandro Gomes de Barros.

Entretanto, se “o centro de interesse” do folheto for estabelecido pelo pesquisador, este terá como meta revelar outra arqueologia do texto que seja relevante em seu estudo. Um exemplo plausível para essa discussão é o estudo realizado por Kunz (2000). Em seu estudo sobre os folhetos que versam sobre as narrativas de Carlos Magno, a autora exemplifica como os folhetos que discorrem sobre Carlos Magno podem ser associados ao ciclo por ela intitulado como carolíngio: uma referência aos ciclos das novelas de cavalaria medieval, classificados em três níveis: ciclo bretão ou arturiano, ciclo clássico e o ciclo carolíngio. A pesquisadora define que:

A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás, A Prisão de Oliveiros, O cavaleiro Roldão, A Morte dos Doze Pares de França... Os títulos de folhetos evocam a presença do ciclo carolíngio da canção de gesta francesa na literatura de cordel. (KUNZ, 2000).

Um primeiro questionamento levantado a partir do exposto acima é a do parâmetro utilizado pelo pesquisador para elencar um folheto a um determinado ciclo temático. Foi levado em consideração nessa apreciação a intitulação dos folhetos, uma forma reducionista de definir a classificação de um folheto pelo simples título, ou historicidade de uma obra. Dessa maneira, *a Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* pode ser elencada não somente no ciclo carolíngio, como também em um ciclo heróico, de guerra, de batalha, de Carlos Magno.

O pesquisador ao enveredar na busca de classificações fixas que remetam um folheto a um único ciclo de produções estará entrando em uma senda tortuosa, pois dezenas de categorizações podem ser apresentadas com o intuito de abarcar um folheto. Observando-se as classificações de vários pesquisadores, nacionais e internacionais, constata-se uma sistematização um tanto falha, visto que não há uma definição que revele com clareza ao leitor-pesquisador o parâmetro associativo e a sua relação com um ciclo temático. Pode-se constatar essa problemática em algumas célebres classificações:

- Classificação da literatura de colportage (Bibliothèque Bleue de Troyes),
- Classificação da literatura de cordel espanhola,
- Classificação Orígenes Lessa,
- Classificação Ariano Suassuna,
- Classificação de Roberto Benjamin,
- Classificação de Manuel Diégues Júnior,
- Classificação de Carlos Alberto Azeredo,
- Classificação de Raymond Cantel²⁸,

A partir de cada classificação disponibilizada acima, há diversas subdivisões, categorias associativas, e/ou ciclos temáticos, entretanto, nesses ciclos não há parâmetro estabelecido cujo objetivo seja alocar um folheto em um ciclo determinado, isso possibilita ao pesquisador a liberdade necessária para uma leitura aberta de um folheto,

²⁸ Para ter acesso à classificação na íntegra, ver (SANTOS, 2006, p. 130 – 136)

romance, outorgando ao pesquisador a preferência ao ciclo temático que lhe seja apropriado em seu estudo.

Uma outra discussão diz respeito à ação do poeta na ocasião em que se cria uma narrativa. No momento da fabulação de uma trama, o poeta recorre ao imaginário local, à memória coletiva e experiências individuais, o poeta popular rompe com esta cadeia paradigmática ao incluir múltiplas vozes e temas em uma narrativa, algo que pode levar o leitor neófito a remeter o folheto a um único ciclo temático.

Entende-se a partir da apreciação desses ciclos temáticos, que é extremamente complexo elencar um folheto a um único ciclo, pois os folhetos de cordel são assaz moventes. Os estudiosos do cordel propõem ciclos, porém não é explicitada a forma de associação de um folheto a um ciclo determinado, dessa forma, não há um critério claro de distinção que possa agregar um folheto a “um único” ciclo temático, que possivelmente extrapola os níveis referenciais normativos. O que Santos (2006, p. 138) propõe em sua conceituação de ciclo temático, “um conjunto de folhetos (e/ou de romances) que tem como centro de interesse o mesmo acontecimento”, esta definição também é frágil no que tange a esclarecer o modo de associação de um folheto a um ciclo de produções, pois, muitos folhetos são intitulados de uma forma (algo que o anexaria a um ciclo determinado), sem considerar a movência e a circularidade dos discursos, caso este do folheto *A batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, que permite inclusões em vários ciclos temáticos.

Uma visão da recursividade da criação de ciclos temáticos, sem um parâmetro de associação entre folheto e ciclo está disponível na dissertação de Jahn (2011). Em sua pesquisa intitulada de *A literatura de cordel no século XXI: Novas e velhas linguagens na obra de Klévisson Viana*, a autora propõe uma nova tipologia que consiste em uma atualização dos ciclos temáticos já evidenciados. A intenção da autora é “criar” novos ciclos visando abrigar folhetos que versem temas contemporâneos. Observe-se como explicita a autora:

Levando em consideração, assim, a interação da literatura de cordel com a mídia (TV, Cinema, Rádio, Internet), com a sociedade de consumo (propaganda) e com a própria situação política do país e as inovações que aproximam a literatura de cordel do ensino fundamental e da alfabetização nas escolas do nordeste. Nessa classificação também utilizamos o canônico e o popular, distinguindo uma forma de registro da outra. (JAHN, 2011, p. 28).

A partir da justificativa acima, a autora acrescenta novos ciclos temáticos, pois sua ideia é a criação de novas categorias de ciclos que abarquem as novas linguagens ou temas dos cordéis contemporâneos. Desse modo, é realizada uma releitura das classificações propostas por Suassuna e Diéguas Júnior e são instituídos novos ciclos como se pode constatar:

- Ciclo histórico político (dividido em personagens históricos, folhetos políticos, folhetos de crime, folhetos sobre ecologia);
- Ciclo da cultura de massa e Artistas populares (divididos em folhetos de artistas populares, folhetos sobre cinema, folhetos sobre programas de TV, folhetos sobre programas de rádio, folheto de propaganda);
- Ciclo de costumes (dividido em folhetos de putaria, folhetos de moralidades, folhetos religiosos);
- Ciclo de temas e personagens regionais (dividido em folhetos de bois e vaqueiros, folhetos sobre cangaceiros, folhetos sobre anti-heróis e pícaros regionais, folhetos de pelejas e cantorias);
- Ciclo maravilhoso (dividido em histórias maravilhosas, histórias populares européias, histórias populares brasileiras, histórias infantis, narrativas canônicas européias). (JAHN, 2011, p. 29).

Observando-se este novo rol de ciclos temáticos, apreende-se como foi destacado anteriormente, um avanço, pois novas categorias foram concebidas, entretanto também ressalva-se que a pesquisadora não define um método para que se possa associar um folheto a um único ciclo temático. Portanto, há uma perpetuação da fragilidade de associação de um folheto de cordel em um único ciclo temático.

Outro ponto que é observado no processo de classificação dos cordéis diz respeito à posição de pesquisadores e acadêmicos, em criar ciclos temáticos, todavia, nesse processo criativo não é levado em consideração as classificações realizadas pelos poetas do cordel. Uma série de terminologias são inventadas, visando facilitar a maneira de classificar os folhetos pelo ponto de vista do pesquisador, mas nessas novas

categorizações dos ciclos, mais uma vez é silenciada a voz dos poetas. Entende-se que os ciclos temáticos criados pelos poetas devem ter o seu destaque nesses compêndios de classificação.

Em *d'A Pedra do Reino*, obra ficcional de Suassuna, apreende-se a partir da voz de Melchíades – personagem de ficção – a classificações propostas pelos poetas populares, o que corrobora com os ciclos estabelecidos pelos poetas cordelistas. A voz dessa personagem revela a presença dos ciclos temáticos conhecidos pelos poetas nordestinos. Esses ciclos são elencados da seguinte forma:

“entre os romances versados, havia **sete**²⁹ tipos principais: os romances de amor, os cangaceiros e cavalarianos, os de exemplo, os de espertezas, estradeirices e quengadas, os jornaleiros, os de profecias e assombração, e os de safadezas e putaria” (SUASSUNA, 2004, p. 70).

Pode-se notar que Suassuna aponta várias formas para classificar os folhetos de cordel e romances. Essas duas classificações podem ser identificadas como sendo uma de cunho pessoal – aquela que circula nos compêndios científicos – e outra, uma classificação ficcional – aquela que versa a voz do poeta popular, a classificação do povo –, pois essa classificação é feita pela voz de uma personagem. Assim, Suassuna outorga ao poeta a autoridade de classificar as narrativas a partir de experiências empíricas populares.

Um outro estudo que traz à baila os gêneros temáticos da poesia popular é a *Classificação Popular da Literatura de Cordel* (1976), de Liêdo Maranhão de Souza. Neste levantamento, observam-se ciclos temáticos que dialogam semanticamente com a classificação ficcional de Suassuna, ou seja, a classificação do poeta cordelista.

Após essas considerações sobre os ciclos temáticos, entende-se que não há uma especificação bem definida no que concerne à associação ou o acantonamento de um folheto a uma única categorização determinada. Urge a necessidade de se trabalhar com novas classificações considerando a circularidade das vozes em movências contínuas como lembra Paul Zumthor. Uma solução para essa problemática seria a composição de ciclos temáticos deveras abrangentes, pois a lógica interna das narrativas contidas nos

²⁹ Grifo nosso

folhetos de cordel transcende a idéia de fixação de um folheto a um único ciclo temático, pois isso seria um reducionismo temático.

Levando-se em consideração essa tipologia abrangente e observando-se um dos “centros de interesse” contido em *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, e suas associações com a religiosidade popular que sinaliza o caráter exemplar recorrente no cordel como destaca a classificação da personagem/poeta João Melchíades e Maranhão (1976), busca-se compreender a força discursiva dessa narrativa no nordeste. As discussões a serem desenvolvidas a partir de agora concernem à utilização do conceito de tradição discursiva visando ponderar o porquê da consolidação e recorrência da temática carolíngias e suas ligações com a religiosidade do povo nordestino.

2.2. Religiosidade: *leitmotiv* do cenário dos folhetos carolíngios

Como foi observado no capítulo anterior, os folhetos de Carlos Magno fazem parte uma tradição discursiva, segundo o conceito kabatekiano ou o nomadismo de vozes arquetípicas, de acordo com o pensamento zumthoriano. Kabatek (2006) propõe que tradição discursiva é um texto que pode ser repetido na íntegra no eixo sintagmático, ou completamente transformado no decorrer do tempo, no eixo paradigmático.

O eixo sintagmático pode ser associado à “letra” zumthoriana, pois a narrativa que é fixada pela escritura conserva uma estabilidade no enredo. O eixo paradigmático dialoga com a “voz” zumthoriana, pois essa voz atualiza-se e sofre mutações compreendendo uma nova vertente de uma narrativa. O que favorece esse câmbio diegético são dois elementos que compõem a movência, ou seja, intervocalidade e o arquetipo.

No caso de *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, o poeta Leandro Gomes de Barros concebeu o folheto seguindo o mesmo padrão, centro de interesse do texto em prosa. Observa-se que o poeta segue rigorosamente o eixo sintagmático kabatekiano, pois o núcleo da narrativa ou enredo permanece inalterado. Segundo Ferreira (1979), nesse trajeto da prosa para o verso, no verso há uma síntese do texto em prosa, ou seja, há uma avaliação de toda a história e o que adentra no enredo do folheto é o cerne dos

fatos. Assim, o que deveria conter no enredo desse folheto seria a batalha física entre Oliveiros e Ferrabrás, todavia, a batalha religiosa alçou um destaque considerável em meio à batalha física, pois esta é a provocadora da “guerra entre as personagens”.

Visando entender essa característica do discurso religioso presente no folheto *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, ressalta-se a ideologia cristã medieval e o local da cultura em que essa história tem seu nascedouro. Na Idade Média, a ideologia católica dominava a Europa e a arte foi uma das ferramentas utilizadas para a propagação da fé católica. Em comunidades desprovidas da leitura e escrita, uma série de artifícios foram utilizados para o convencimento do fiel. A pintura facilitou a visualização de passagens bíblicas (MANGUEL, 1997), porém por meio da oralidade muitas histórias exemplares foram divulgadas em meio à comunidade medieval, favorecendo o nomadismo e a duração de uma voz exemplar.

O estudo de Robert Darnton (1986) sobre os contos populares franceses medievais demonstra a capacidade de permanência da voz exemplar na memória do povo. Darnton evidencia que:

Os pregadores medievais utilizavam elementos da tradição oral para ilustrar argumentos morais. Seus sermões, transcritos em coleções de “Exempla” dos séculos XII e XV, referem-se às mesmas histórias que foram recolhidas, nas cabanas dos camponeses, pelos folcloristas do século XIX. (DARNTON, 1986, p. 31).

Observa-se no estudo de Darnton que por meio do nomadismo, da movência e circularidade da voz, valores e crenças foram transmitidos pelos pregadores medievais e permaneceram na memória do povo de geração em geração preconizando uma tradição. Pode-se considerar também que, esses textos tinham uma característica deveras singular, eles eram exemplares. O *locus* em que esses textos foram recolhidos no século XIX é conhecido pelos estudiosos de literatura oral como as bordas sociais.

Destaca-se que, no período medieval, “a narrativa de *exemplum*” é classificada pela função prática e, sobretudo, mediadora entre o popular e o erudito. Pode-se defini-la como uma narrativa breve, que facilita a memorização (CURTIUS, 1952, p. 92), porque um dos seus objetivos é mostrar o paradigma do *modus* convenientemente ao contexto focalizado. Deste modo, a sua realidade é a imaginação material, como indica Le Goff (1994, p. 267). Segundo Golberg (1938, p.76), a palavra exemplo contém na sua etimologia o seu principal significado, *exemplum* do latim que significa: “tudo que

pode ou deve ser imitado como modelo”, equivalente ao léxico grego paradigma. O “exemplum” é ancorado em arquétipos que se encarregam de produzir e transmitir uma simbiose entre o texto e o receptor, a função do *imitatio*. Desse modo, é um recurso retórico que possibilita uma total credibilidade na recepção do texto.

Mello (1999, p. 121-122) destaca a funcionalidade da narrativa de exemplo nas narrativas populares. A autora assevera que:

Os “exempla” das narrativas populares seguem o imaginário estrutural dos “exempla” medievais muito numerosos, especialmente, na literatura da Península Ibérica em que se entrecruzam “topoi” da realidade judaica - cristã extraídos da Bíblia com “topoi” do imaginário da antiguidade pagã e principalmente da tradição árabe-islâmica. Esta combinação garante ao receptor um recrudescimento na crença no que é dito, reforçando a preocupação do emissor em usar códigos do sistema ideológico para assegurar o seu objetivo.

Segundo o estudo realizado pela revista *História*³⁰, a histórica batalha de Roncevalles, que deu início à ficcionalização de Carlos Magno e seus paladinos não contou com nenhum elemento exemplar, muito menos foi uma batalha entre cristãos e mouros. Segundo esta matéria, a batalha ocorreu após um ataque surpresa dos povos bascos habitantes do norte da Espanha, quando os cavaleiros de Carlos Magno regressavam para França, após uma batalha anterior. Todavia, no momento da ficcionalização, a batalha converteu-se em uma “luta mítica ideológica”, alicerçada pela expressividade de um discurso maniqueísta entre cristãos (o bem) e mouros (o mal). Por meio dessa batalha discursiva, arquétipos bíblicos, o enredo da luta entre Oliveiros e Ferrabrás alçou um caráter exemplar e religioso.

O termo “mítica luta” está relacionado com a circularidade da voz, como ao que Eliade (1999, p. 7) entende por mito, “el mito no habla de lo que há sucedido realmente, de lo que se há manifestado plenamente”. O mito para Eliade é uma história do princípio, ela busca explicar algo, desse modo não tem vínculo com a “verdade”, porém sua “função mais importante é, pois, “fixar” os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas” (ELIADE, 1992, p. 87). Isso corrobora com a mudança observada no trajeto História-ficção. Diversos textos que foram concebidos a partir da matriz, *La chanson de Roland*, privilegiaram o caráter exemplar

³⁰ Revista publicada em agosto de 2011.

do tema, assim como o discurso extremamente religioso de uma ideologia cristã católica.

Por meio dos nomadismos antropológicos, da voz e da escritura, essa trama chegou ao nordeste brasileiro, local que se aproxima por diversas junções histórico-econômicas com a do imaginário medieval, sobretudo pelas marcas da oralidade e da religiosidade.

No que concerne a oralidade, ela foi à porta-voz da memória e imaginário do povo no final do século XIX e início do século XX, pelas características socioculturais dos habitantes, em geral ágrafos. E, nessas sociedades de “oralidade-primária”, como classifica Zumthor (1993), o fundamento motor é a voz. Algumas manifestações artísticas nordestinas como a cantoria, o canto do folheto de cordel, os serões, os saraus burgueses ou encontros das festas ocorriam majoritariamente pelas vozes. Evidente, conforme Mello (1999), a tradição das narrativas revela uma poética de tradições exemplares, estruturas pertinentes e recorrentes nas narrativas orais, pois evocavam duas categorias basilares da teoria zumthoriana: a intervocalidade e o arquétipo. Esses dois conceitos pertencentes ao universo conceitual de Zumthor promovem a composição de novas narrativas.

A religiosidade torna-se então, uma marca indelével do nordestino. Desde o século XVII, missões da Igreja católica adentraram o nordeste brasileiro com o objetivo catequizar. Isso influenciou decisivamente constituição do *ethos* do povo nordestino em relação à religiosidade. Após essas missões, beatos famosos circularam no nordeste outorgando o catolicismo popular. Dois nomes são significativos nesse processo, o Padre Cícero primeiramente, e logo depois Frei Damião. A influência desses religiosos foi tão relevante que seus feitos adentraram as páginas dos folhetos de cordel, dessa forma, há uma série de folhetos que tem como tema e personagens o Padre Cícero e Frei Damião, o que contribuiu para a formação de ciclos temáticos que são intitulados com os nomes desses dois beatos.

Sobre a expressividade da dinâmica religiosa no nordeste, a pesquisadora Antonacci (2001) destaca os seguintes pontos:

Além da evidência da presença da bíblia no nordeste, há indícios de que uma impressão popularizada do seu texto – Missão Abreviada –, depois de introduzida em Portugal, circulou nos sertões nordestinos, na segunda metade

do século XIX, tendo sido o livro de cabeceira de Antônio Conselheiro e outros beatos. As formas de leituras coletivas de evangelhos e outras passagens bíblicas, assim como a cantoria de benditos – oração tradicional da Igreja Católica levada a regiões por missionários capuchinhos e divulgadas em latim pelas Santas Missões, visitas pastorais efetivadas desde o século XVII em uma verdadeira Babel de línguas –, eram acompanhadas de grandes rituais, que envolviam fortes encenações e gestualidades, para incutir palavras e valores do cristianismo nos corpos e mentes de sertanejos visitados. (ANTONACCI, 2001, p. 117).

Essa tradição das vozes da Igreja Católica contribuiu para uma popularização da fé católica na memória e imaginário do nordestino, principalmente nos habitantes das áreas rurais no século XIX e XX, que tinham uma relação escatológica e messiânica com a religião.

2.3. Da influência religiosa no poeta de cordel

O poeta cordelista não está isento dos discursos e vozes que circulam na sociedade, pois este sujeito produz suas obras a partir do que ouve e no ambiente em que vive. Essa é uma das grandes características dos poetas nordestinos: ser um repórter do povo. Inserido em uma comunidade em que o catolicismo está arraigado no *ethos* da população, segundo a caracterização de Brandão (1990), o poeta popular é tido como um “católico ortodoxo” e daí o autor define o poeta popular da seguinte forma:

O poeta cordelista é, antes de tudo, um espírito religioso; se não, profundamente impregnado de religiosidade. Regra geral, o poeta popular nordestino é católico ortodoxo. (...) Seria imperdoável ao pesquisador se ele ignorasse o minimizasse os efeitos da mensagem e dos valores veiculados pelos folhetos na conduta social. (BRANDÃO, 1990, p. 31, 35).

Brandão destaca alguns quesitos que são relevantes na configuração do poeta popular. O poeta popular é “um espírito religioso, profundamente impregnado de religiosidade”. Esta característica do poeta está relacionada ao local em que essa personagem vive, “cenografia” que provoca a epifania de rituais religiosos do catolicismo popular, como romarias, novenas, terços, procissões, acontecimentos que potencializam o caráter de espírito religioso do poeta.

Além de ser um “católico ortodoxo”, Brandão alerta aos pesquisadores que se deve observar o “efeito da mensagem e dos valores veiculados pelos folhetos na

conduta social”, pois o que irá circular no discurso presente nos folhetos cujo “centro de interesse” seja a religiosidade, é uma mensagem exemplar, carregada de valores cristãos.

Bosi (1993) é contundente em uma reflexão sobre a força da mensagem contida nos folhetos de cordel. No prefácio da obra *Narrativas Populares: Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo*, de Xidieh (1993), Bosi destaca a importância e função da literatura oral na expansão e solidificação de crenças recorrentes na memória coletiva e observa que:

A “literatura oral” nunca é gratuita como pode ser a literatura culta. Ela tem uma função, ou mais de uma: preserva as crenças, os valores, os comportamentos dos grupos rústicos que as produziram. Qualquer elaboração oral por mais que pareça simples divertimento encerra sempre algo de utilidade, de preceito e de etiqueta. (BOSI, 1993, p.19).

Embora “o centro de interesse” de a *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* não seja a religiosidade em princípio, o poeta articula o tema da religiosidade presente em outros gêneros textuais para ser o tema dos folhetos, recurso fundante nas estruturas das narrativas orais. Dessa forma, além do ambiente propício para a circulação de um discurso religioso, o poeta, “católico ortodoxo”, é um sujeito que conhece bem a realidade da população à sua volta e no momento de fabulação irá se “alimentar” das tradições da memória coletiva, embrionária da poética das vozes.

Outros autores discutem sobre a religiosidade recorrente no nordeste, vale ressaltar Fragoso (1985), que descreve como ocorrem os atos religiosos católico na comunidade nordestina:

Os atos religiosos em que comumente se expressava a piedade autônoma do povo eram as romarias, as promessas, as novenas, os terços, os ofícios. É, porém, de notar que esses atos religiosos nunca eram colocados como ‘oposição’ à Igreja oficial. Pelo contrario, eram tidos como supletivos, e neles o povo procurava o mais possível imitar a seu modo os atos oficiais da Igreja. (FRAGOSO, 1985, p. 221).

Nos folhetos de Leandro Gomes de Barros, principalmente a *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, observa-se uma certa sutileza do poeta, que realiza a circularidade de gêneros textuais para estruturar um outro gênero textual: o cordel, nada mais próprio das poéticas orais; assim como nas romarias, novenas, terços, benditos. O

discurso do folheto traz essa aproximação ao discurso estabelecido pela Igreja oficial: um discurso monológico e horizontal que não entra em atrito com o discurso oficial da igreja. O poeta lança mão de uma característica do *ethos* da população nordestina para a divulgação e sucesso de sua obra. “O centro de interesse do folheto” que é primeiramente a batalha física, paulatinamente permite a emersão da batalha religiosa, esta tem um destaque relevante no que concerne ao caráter discursivo.

A tradição discursiva carolíngia iniciada por Leandro Gomes de Barros nos folhetos de cordel tem como ponto de partida a utilização de um discurso/voz vigente em meio à comunidade nordestina no início de século XX. Agregado a esse discurso que confronta visões de mundo, está o caráter religioso que estigmatiza o poeta cordelista. Além disso, tem-se a astúcia do poeta, pois em uma cultura imersa na religiosidade, o poeta concebe um folheto que trata de cavalaria, batalha física e a temática religiosa, isso favoreceu a comercialização do folheto de forma pujante entre a população nordestina, no início do século XX.

Uma das primeiras versões do folheto *Batalha de Ferrabraz com Oliveiros* data do ano de 1909, concebida por Leandro Gomes de Barros, a partir do segundo capítulo do famoso livro português *História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de Fraça* (1864).

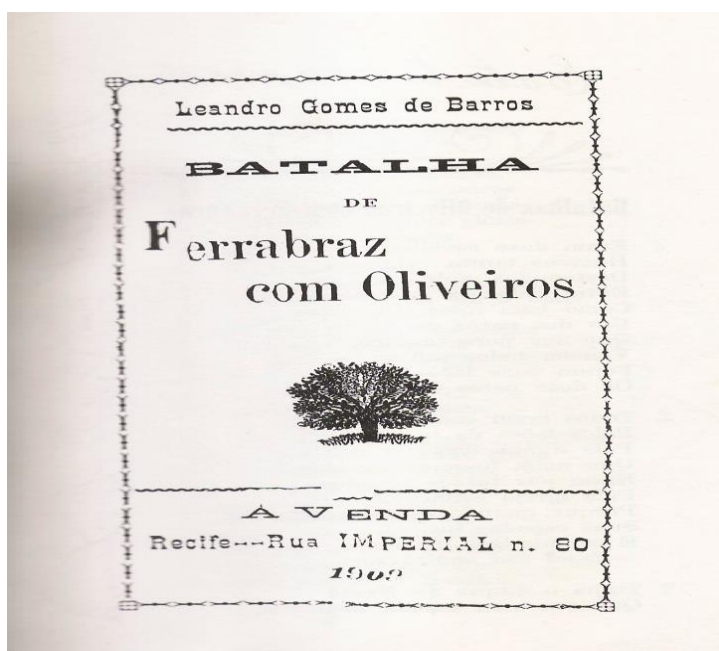


Imagem acima foi retirada da obra *Literatura Popular em Verso*, Fundação Casa de Rui Barbosa. Página 135, 1976.

Desde o início da narrativa, até o epílogo da mesma, as cenas do embate físico entre as personagens de Oliveiros e Ferrabrás, a luta em si, passa para um plano secundário, dessa forma, percebe-se uma emersão do discurso religioso, por meio de uma mensagem religiosa relativa à fé católica. O tema conversão do guerreiro mouro ao cristianismo torna-se argumento principal do texto, de tal modo, tem-se a prevalência de um discurso pautado pelo maniqueísmo/dialógico, o bem (o guerreiro cristão-católico) e o mal (o guerreiro mouro).

2.4. A configuração do discurso religioso no folheto *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*

A “religião” fornecia à imensa maioria dos homens o único sistema acessível de explicação do mundo e de ação simbólica sobre o real. Sem dúvidas, na prática social a poesia se distinguiu bem pouco da “religião” nesse papel. (Zumthor)

O folheto em questão discorre sobre a batalha física entre Oliveiros e Ferrabrás. O título provoca no leitor/ouvinte dessa narrativa uma associação factual ao prélio físico entre os dois cavaleiros. Esta característica fez com que esse folheto fosse agregado a diversos ciclos temáticos, ciclos relacionados a atos heróicos, batalhas e etc. Entretanto, o ato de linguagem não esgota as significações explícitas contidas no folheto *Batalha de Ferrabrás com Oliveiros*, pois gradativamente, uma outra batalha emerge; a discursiva vem a tona através da enunciação do guerreiro carolíngio.

O discurso religioso do folheto de Leandro Gomes de Barros encontra no local em que circula uma acolhida favorável, pois o contexto pragmático e histórico do povo nordestino favorece essa natureza de discurso, tanto no que diz respeito à práxis religiosa dominante, como à afeição da população ao catolicismo. Segundo Michel Pêcheux (2008), o discurso não deve ser necessariamente observado como um sistema

de enunciados sem vínculo causal com o externo, o discurso deve ser percebido a partir do ambiente em que circula, ou seja, o contexto histórico, pragmático, ideológico dos indivíduos que participam da produção e da interpretação desses enunciados. De acordo com as considerações de Pêcheux, e no caso do Nordeste, esses três elementos: o poeta, os receptores e o local de circulação da narrativa estão imerso na religiosidade e na ideologia católica. Desse modo, o que é produzido discursivamente nesse local é influenciado pelo discurso e pela ideologia católica.

Agregado ao discurso que supervaloriza a fé católica presente no folheto de Leandro Gomes de Barros, observa-se também uma simbologia cristã em relação à personagem de “Carlos Magno e os doze pares de França”, assim como a recorrência de um famoso arquétipo bíblico no cerne da narrativa carolíngia. Essa complexa teia de combinações de temas, agregada ao discurso direto de Oliveiros em relação ao catolicismo corrobora com a popularidade desse folheto. A seguir, analisar-se-á o discurso do folheto em questão, observando os seguintes pontos:

- 1) o discurso religioso e a equivalência da simbologia de Carlos Magno a Jesus;
- 2) a recorrência do mito de Davi e Golias em *Batalha de Ferrabraz com Oliveiros*;
- 3) o discurso católico de Oliveiros.

2.4.1. O discurso religioso e a equivalência da simbologia de Carlos Magno a Jesus Cristo

Carlos Magno reinou na França no final do século VIII e no início do século IX. Duas características são pontuais durante o governo de Carlos Magno. A primeira está relacionada à expansão territorial empreendida pelo exército carolíngio em solo europeu. A segunda está associada à primeira, pois, com o aumento territorial, Carlos Magno buscou alcançar uma posição assaz relevante no cenário europeu. Além de ser rei, ele tentava ser a personagem de maior poder no cenário medieval, Carlos Magno objetivava ser superior à autoridade papal.

Mello (1980) descreve como ocorre a elevação do poder em relação ao rei carolíngio. Após um período de franca decadência do Papa Leão III, este pede apoio

militar a Carlos Magno, o rei carolíngio impõe condições para que a aliança seja realizada. O pesquisador observa que:

Leão III estava numa situação extremamente delicada em dezembro de 800; acusado de graves faltas pelos inimigos, agredido fisicamente por eles e forçado a pedir proteção ao rei dos francos. Este atendeu prontamente ao apelo; mas, em compensação, resolveu arbitrar a questão, assumindo (coisa inédita) o papel de juiz do chefe supremo da cristandade, do herdeiro de S. Pedro. (MELLO, 1980, p. 29).

A ousadia de Carlos Magno em arbitrar tal questão, coloca-o em grau de superioridade em relação ao Papa, nesse caso, ele torna-se inatingível, passa a agir como o representante de Jesus Cristo na terra, pois o Papa, daquele momento em diante, está subordinado à autoridade eclesiástica de Carlos Magno.

Após alçar o ápice da pirâmide eclesiástica, Carlos Magno preocupou-se com os fiéis e com a preparação dos clérigos para a difusão da mensagem do cristianismo. Mello (1980) alista essa preocupação do rei carolíngio.

A preocupação essencial residia no cumprimento de sua missão de governante; a correta preparação do povo de Deus, confiada à sua guarda, para a salvação eterna. Para tanto era mister fosse o clero bem-instruído, afinal este era o pastor efetivo do rebanho cristão. (MELLO, 1980, p. 44).

O signo *Carlos Magno* concentra em si uma forte marca de religiosidade no que tange à personagem histórica, pois encarna a figura do Messias, sendo ele o juiz do Papa, e ainda se envolve no processo de divulgação da mensagem em um ambiente pautado pela fé católica, objetivando a salvação de almas, ou a volta de ovelhas desgarradas ao redil.

Estabelecido como rei e autoridade espiritual na Europa, no processo de ficcionalização da temática carolíngia para diversos gêneros textuais, no cordel, este rei conservou essas duas vertentes cunhadas da personagem histórica de Carlos Magno, o título de rei e o título de autoridade espiritual. Em *História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França*, 1864, o texto matriz para a confecção dos folhetos nordestinos, tem-se a configuração de Carlos Magno como líder legislativo e religioso. Desse modo, no folheto, ele apresenta essas duas categorias portadas pela personagem

histórica, pois o poeta Leandro Gomes de Barros seguiu rigorosamente o eixo sintagmático proposto por Kabatek (2006) em relação ao texto em prosa.

Carlos Magno, como signo literário, passa a ser um signo motivador, pois está prenhe da simbologia medieval e ideológica. Segundo Bakhtin (2009), todo signo carrega uma ideologia. Consta-se que a personagem Carlos Magno, tomada como enunciado e signo principal do folheto, é compatível com a personagem histórica do rei medieval: o grande justiceiro de causas sociais e religiosas. Em nada difere da tese de Foucault (2011), sobre o discurso motivado, segundo ele, aquele que traz algo embutido em seu cerne.

As coisas murmuram, de antemão, um sentido que nossa linguagem precisa apenas fazer manifestar-se; e esta linguagem, desde seu projeto mais rudimentar, nos falaria já de um ser do qual seria como uma nervura (FOUCAULT, 2011, p. 48).

A nervura descrita no estudo foucaultiano tem uma relação intrínseca com a questão ideológica do signo bakhtiniano, pois ambas as teorias convergem para uma historicidade ou significação prévia contida em um signo ou um discurso. Devido à historicidade atrelada à figura de Carlos Magno, este pode ser comparado à figura de Jesus Cristo.

Simbolicamente, Carlos Magno pode ser associado a Jesus, pois foi o líder espiritual do catolicismo desde a sua nomeação enquanto “Papa” até sua morte, todavia outros elementos contribuem para essa associação. No início do folheto, *A Batalha Ferrabraz com Oliveiros*, em sua primeira *estanza*, há a apresentação dos cavaleiros de Carlos Magno.

Eram doze cavalleiros
Homens muito valorosos,
Destemidos, animosos,
Entre todos os guerreiros,
Como bem fosse Oliveiros
Um dos pares de fiança
Que sua perseverança
Venceu todos infiés,
Foram doze leões crués
Os doze Pares de França. (BARROS, 1909, p. 1).

Nessa primeira estanza, através da figura de retórica denominada quiasma, observa-se uma descrição dos cavaleiros de Carlos Magno. Vários adjetivos são elencados demonstrando a bravura, valentia desses cavaleiros, além disso, constata-se dois fatores singulares em relação à religiosidade presente nessa estanza, um fator explícito e outro implícito. O fator explícito está conexo ao verso em que se entende que os cavaleiros da guarda de Carlos Magno “venceu todos infiés”. Esse verso da proposição do folheto é singular, pois, denota que as batalhas travadas pelos carolíngios não significavam unicamente confronto físico, mas, também um embate religioso que visava angariar almas para Deus. No decorrer da leitura crítica do folheto, percebe-se a força do discurso católico.

O fator implícito está relacionado ao número doze, “Os doze pares de França”. Carlos Magno já havia sido astuciosamente condecorado pelo Papa como “juiz” religioso da igreja, ou seja, o rei carolíngio estava no topo da pirâmide religiosa medieval, tendo o Papa como seu subordinado, fato este que o associa à figura de Jesus Cristo. Os doze pares de França, simbolicamente, representam os doze apóstolos, guerreiros prosélitos do catolicismo. Oliveiros, um componente do quórum dos doze, durante a batalha com Ferrabrás não tem como meta unicamente vencer Ferrabrás fisicamente, pois se Ferrabrás fosse aniquilado, estaria à mercê do sofrimento no inferno. Portanto, Oliveiros intenta converter Ferrabrás ao catolicismo por meio da alteridade, assim como, utilizando uma retórica carregada ideologicamente de referências que abordam a fé católica.

Desse modo, na ficção, o objetivo discursivo do folheto se confunde com o objetivo de Carlos Magno histórico, “a salvação eterna dos fiéis”. A popularidade dos doze pares de Carlos Magno é deveras relevante que, na segunda estanza do folheto, observa-se o temor dos inimigos e a deferência prestada pela igreja aos doze pares de França. Segundo o discurso do folheto, “eram por turcos temidos, pela igreja estimados” (BARROS, 1909, p. 1).

Outra aproximação simbólica cristã entre Carlos Magno e Jesus Cristo é o tema da traição. Na Bíblia, Cristo é traído por Judas Iscariotes, o caso de Carlos Magno, a traição foi perpetrada por um dos doze pares, seu nome é Galalão (Ganelon). Em A

morte dos Doze Pares de França, de Marco Sampaio (1941, p. 4-5), o poeta registra a ação traiçoeira de Galalão da seguinte forma:

Oh! maldito Galalão
 Mau desventurado homem
 Nascente de sangue nobre
 A avareza te consome
 Sendo rico te vendeste
 Botando em lama teu nome!

Tu sendo um príncipe nobre
 De tão alta distinção
 Foste escolhido entre todos
 Para tão fina missão
 Porém com tua vileza
 Usaste a negra traição

A missão dada a Galalão era cristianizar dois reis turcos que habitavam o reino de Saragoça na Espanha. Galalão é recebido pelos reis truchos, entretanto esse cavaleiro carolíngio é convencido a trair Carlos Magno e seus companheiros. O plano criado pelos turcos visava a um ataque surpresa ao grupo dos cavaleiros carolíngios que marchavam na retaguarda de Carlos Magno, pois Galalão havia voltado para França com a notícia de que os turcos na Espanha haviam aceitado a mensagem cristã, logo Carlos Magno parte para Espanha para batizá-los. O plano foi bem sucedido, e no ataque surpresa Roldão e Oliveiros foram mortos. Ao descobrir a traição de Galalão, este é amarrado pelos membros em quatro cavalos que, ao partir por direções diferentes, esquartejam Galalão (CURRAN, 2011).

Nessa primeira temática analítica de *Batalha de Ferrabraz com Oliveiros*, a historicidade religiosa contida no signo “Carlos Magno”, os elementos arquetípicos disponibilizados na diegese do folheto, por si só, já associariam esse mito deslocado para a cultura nordestina e o elencaria no rol de folhetos que versam sobre o ciclo religioso. Segundo Bakhtin (2009), “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 2009, p.31). Assim, Carlos Magno carrega em si uma gama de significados religiosos, uma nervura primordial, assim como a ideologia católica.

Além do elo pragmático que une Carlos Magno ao catolicismo, um arquétipo bíblico é observado na batalha entre Oliveiros e Ferrabrás, algo que atrai o público para a história do folheto como se discutirá a seguir.

2.4.2 A recorrência do mito de Davi e Golias em *A batalha de Oliveiros com Ferrabrás*

Essa narrativa carolíngia dá início a tradição discursiva dos folhetos de Carlos Magno no nordeste e privilegia uma gama de vozes e discursos que amalgamados potencializam uma mensagem exemplar. Os leitores/ouvintes menos atentos dificilmente identificam a recorrência de vozes e escrituras bíblicas nos folhetos nordestinos. Não é por obra do acaso que enunciados bíblicos freqüentam as páginas dos folhetos. Santos (2006) elenca um série de fontes em que os cantadores e o poetas cordelistas buscavam inspiração para a confecção de suas obras. Segundo a autora, os livros estudados pelos poetas eram: “Lunário perpétuo, Bíblia, Chave da interpretação dos sonhos, História de Carlos Magno e dos Pares de França” (SANTOS, 2006, p.36). Ressalta-se no estudo de Santos que a Bíblia e a *História de Carlos Magno* são materiais deveras estudados pelos poetas, nesse caso, a intervocalidade zumthoriana desponta como conceito pontual na narrativa.

Na batalha entre Oliveiros e Ferrabrás, um tema bíblico é apresentado de forma deslocada na diátese, simbolicamente, observa-se a batalha mítica entre Davi e Golias nas páginas desse folheto. Tendo em mente o conhecimento do poeta de ambas as narrativas, a representatividade do texto bíblico reforça o caráter religioso do folheto nordestino, além de chamar a atenção do público. Vislumbra-se nesse caso o processo de movência (intervocalidade e arquétipo) zumthoriano, além da circularidade da voz (mito) nessa narrativa, pois destaca-se que no processo de atualização diegética e formal do folheto carolíngio, esse elemento da trama não é olvidado, pelo contrario, ele é amplificado, pois o mito bíblico é uma narrativa recorrente no nordeste e como diz Costa Leite: “O poeta só arranja pão em seus versos quando sabe agradar o povo”. (CURRAN, 1973, p. 274).

A primeira alusão à desterritorialização é assinalada quando Ferrabrás escarnece de Carlos Magno e o doze pares de França, pois quando o antagonista do catolicismo

chega ao campo de batalha, nenhum dos cavaleiros carolíngios ousam lutar contra ele. Ferrabrás está sozinho e zomba da valentia dos doze pares.

Sahirei daqui dizendo:
 - Carlos Magno se escondeu?
 Roldão não me apareceu
 Talvez ficasse tremendo...
 Estou só, como está se vendo
 Eles são doze guerreiros
 Como 12 cavalleiros,
 Não dão batalha a um só?
 Porque não vem uma mó
 Roldão, Ricardo, Oliveiros?

Eu sosinho nesta campanha
 Contra um exercito francez
 E matal-o de uma vez,
 Não digo que isso é façanha
 Um exercito não me ganha,
 Ainda eu mesmo doente.
 Como é que existe gente
 Que se atreve a exaltar
 E pelo mundo espalhar

Que Carlos Magno é valente. (BARROS, 1909, p. 4).

Apreende-se que há um jogo de simetria na enunciação da narrativa do folheto com o texto bíblico. O quadro a seguir demonstra essa regularidade enunciativa.

A simetria enunciativa entre o texto bíblico e a narrativa carolíngia	
Texto bíblico	Arquétipo no folheto
O gigante Golias escarne do rei de Israel Saul e dos guerreiros em geral.	O gigante Ferrabrás escarnece de Carlos Magno e dos doze Pares de França.
O pedido de Davi para lutar com Golias.	O pedido de Oliveiros para lutar com Ferrabraz
A permissão de Saul	A permissão de Carlos Magno.
O menosprezo de Golias em relação ao pequeno Davi	O desprezo de Ferrabrás em relação ao pequeno Oliveiros.
A vitória de Davi sobre Golias.	A vitória física e discursiva de Oliveiros sobre Ferrabraz.

Essa harmonia enunciativa configura a presença do arquétipo bíblico nas paginas do folheto carolíngio.

Na perspectiva de Frye (2000), essa relação enunciativa entre o texto bíblico e a narrativa carolíngia é caracterizada como um mito deslocado, pois existe uma relação

com uma narrativa matriz, todavia deslocada e ressignificada em outra circunstância discursiva. Para Zumthor (2010), a regularidade enunciativa é descrita como macroforma. O autor assevera que:

A macroforma constitui, por oposição à matéria primeva e distante do discurso poético, sua matéria aproximada, e já parcialmente informada, que a letra vai formalizar de maneira definitiva, atualizando-a. (ZUMTHOR, 2010, p. 87).

Destaca-se nessas duas perspectivas teóricas, duas argumentações sobre a problemática da afinidade entre texto matriz e texto atualizado. Frye (2000) parte do mito e avança estabelecendo relações semânticas até chegar à narrativa atualizada. Zumthor (2010) descreve o caminho contrário, parte da macroforma, a narrativa em voga, e aporta no mito. Porém, na concepção zumthoriana, a macroforma está alicerçada na “função social preenchida pela performance”, logo, essa narrativa será estruturada de acordo com a recepção dos ouvintes/leitores, assim como, pelo entrelaçamento das vozes míticas que sejam significativas no *locus* em que a trama foi atualizada. No caso do Nordeste, a atualização desse mito bíblico cumpre a função social de demonstrar que, o aparentemente desprovido de força física pode sobrepujar o mais forte. Assim como faz reverberar o dito euclidiano sobre força do sertanejo nordestino.

A primeira relação à macroforma zumthoriana foi o escarnecimento perpetrado por Golias. Sendo Golias um único soldado, nenhum dos homens do exército israelita ousa combater o campeão filisteu. Golias escarnece das forças israelitas assim como Ferrabrás o faz em relação aos Pares de França. Porém, no enredo carolíngio, um dos soldados de Carlos Magno, cujo nome é Oliveiros, se predispõe a lutar contra Ferrabraz após todos os insultos do gigante mouro, como se pode constatar no enxerto do cordel.

Carlos Magno ficou
Certo de que ninguém ia
Disse que mesmo queria
Ver quem o desafiou;
Quando a notícia chegou
Aos ouvidos de Oliveiros
Que soube que os cavalleiros
Não tinham lhe obedecido,
Ficou bastante sentido

Desta acção dos companheiros. (BARROS, 1909, p. 7).

Em seguida, Oliveiros pede ao rei a chance de lutar contra Ferrabrás.

Disse-lhe o imperador

- Pode Oliveiros dizer
 Eu juro o satisfazer
 Seja que pedido for.
 Disse-lhe Oliveiros: Senhor!
 Não quero cousa de mais;
 E não serei capaz
 Para tanto pedir
 Porem, o que quero é ir
 Dar batalha a Ferrabrás. (BARROS, 1909, p. 9).

Após o pedido de Oliveiros, Carlos Magno permite a ida desse cavaleiro ao combate com Ferrabrás. Do mesmo modo, como Oliveiros reage ao ver que nenhum dos pares se predispõem a batalhar em favor de seu rei, de sua fé, o menino Davi faz o mesmo em relação a Golias. Segundo o texto bíblico, Davi pede ao rei de Israel Saul, a oportunidade de lutar contra Golias.

E Davi disse a Saul: Não desfaleça o coração de ninguém por causa dele; teu servo irá e pelejará contra este filisteu. Porém Saul disse a Davi: Contra este filisteu não poderás ir para pelejar com ele; pois tu ainda és moço, e ele, homem de guerra desde a sua mocidade. Disse mais Davi: O senhor me livrou da mão do leão e da do urso; ele me livrará da mão deste filisteu. Então disse Saul a Davi: Vai-te embora, e o senhor seja contigo. (I SAMUEL 17: 32 – 33, 37).

Ambos os guerreiros, Davi e Oliveiros, partem para o campo de batalha. Os seus adversários ao verem, reagem da mesma forma, com imprecações. Golias diz a Davi:

E, olhando o filisteu e vendo a Davi, o desprezou, porquanto era mancebo, ruivo e de gentil aspecto. Disse, pois, o filisteu a Davi: Sou eu algum cão, para tu vires a mim com paus? E o filisteu amaldiçoou a Davi pelos seus deuses. Disse mais o filisteu a Davi: Vem a mim, e darei a tua carne às aves do céu e às bestas do campo. (I SAMUEL 17: 42 – 44).

Na fala de Oliveiros há uma pertinência simultânea arquetipológica, que segundo Durand (1996) “trata-se de encontrar o consenso de toda inter-relação de toda comunicação humana, a fim de erigi-lo em um verdadeiro indicador antropológico” (Durand, 1996, p. 150). Assim há um consenso na sintaxe arquetipal, uma espécie de configuração estrutural de tradições discursivas. Desse modo, a atitude de Ferrabrás é análoga a de Golias.

Quem és tu tão pequenino
 Que vem me desafiar?
 Achas que vou me ocupar
 Em dar batalha a menino?

E's louco, tu não tens tino,
 Disse o turco com furor.
 Seja por qual forma for,
 Me diga agora, confesse,
 E me diga o que fizesse
 Contra a teu imperador?

O turco disse afinal:
 Oh! Cavalheiro, lhe digo,
 Só pode lutar commigo
 Se for de sangue real,
 Porque se não for igual
 Recusarei a empreza
 Fallo com toda franqueza...
 Então Oliveiros disse:
 Pode crer como que visse

Minha origem é de nobreza. (BARROS, 1909, p. 11-12).

É neste nível que as grandes imagens vão se aglutinando numa grande teia ou no *sensorium commune* antropológico³¹. O arquétipo bíblico aparece como uma grande matriz das “grandes imagens fundantes”, é o que Durand (1996, p. 153) classifica como *sermo mythicus*, assim corroborando com o texto bíblico. Na batalha física entre os guerreiros, Golias é derrotado por Davi, assim como Ferrabrás é vencido por Oliveiros. Todavia, o epílogo dessas duas narrativas é diferente, pois Davi mata Golias, já Oliveiros derrota fisicamente Ferrabrás e converte o mouro ao catolicismo. No caso do folheto, o final da narrativa é deveras relevante para o contexto pragmático em que está inserido, pois a derrota de Ferrabrás está relacionada à salvação de uma alma, porém o que é supervalorizado nessa narrativa é a vitória do discurso católico.

Neste sentido, instaura-se uma sintaxe discursiva quando:

O sujeito da enunciação cumpre dois papéis narrativos: o de sujeito pragmático da ação de criar o texto, seu objeto, como ‘casa sintática’ de seus valores, crenças e aspirações; o de destinador, que instala no discurso seu destinatário (BARROS, 2012, p. 28).

Nesse caso, acrescenta a autora:

A enunciação se desdobra em enunciador e enunciatário, e cabe ao enunciador exercer o fazer persuasivo por meio de estratégias e procedimentos do texto, para convencer o enunciatário a aceitar seus valores e crenças e agir de acordo com ele. (op. cit, p. 28).

³¹ Expressão de Durand (1996).

As discussões sobre a simbologia e a ideologia provocadas pelo enunciado Carlos Magno e o arquétipo bíblico presente na narrativa do folheto são apêndices discursivos para caracterização do discurso de Oliveiros. Entrementes, o fator explícito, a interação verbal entre Oliveiros e Ferrabrás, irá configurar a força expressiva da mensagem contida no folheto em apreciação.

2.4.3. O discurso católico de Oliveiros

O signo Carlos Magno e o arquétipo de Davi e Golias estão amalgamados no que concerne ao sucesso da recepção do folheto em foco, e ao longo do texto, vem-se discutindo o *sermo miticus* do folheto *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* e as marcas de similitudes entre Carlos Magno, símbolo de bondade na mitologia medieval, e a luta arquetípica de Davi e Golias. Isto leva a entender as relações de comunicação e procedimentos de persuasão. Obviamente, os sujeitos envolvidos na narrativa tem uma estreita relação de interação com a memória coletiva e imaginário do Nordeste do final do século XIX e início do século XX.

Como cenografia histórica é preciso relembra que a República do Brasil havia sido proclamada em 1889. Nesse ambiente republicano, proliferava em São Paulo o espiritismo, ligado ao positivismo francês. Em 1882 é fundada a Primeira Igreja Batista do Brasil, em Salvador. Quatro anos mais tarde, outra igreja foi fundada em Pernambuco. A literatura sobre o protestantismo no Brasil revela com riqueza de exemplos as perseguições e as lutas travadas entre os protestantes batistas e os católicos. Os protestantes batistas eram tratados de forma semelhante aos combates da época de Calvino em 1541 (ANJOS e CARVALHO, op. cit. p. 55). Proliferavam os conflitos entre o clero católico e os batistas, ora em Pernambuco, ora na Bahia. Os protestantes eram identificados com marcas diabólicas. Vale lembrar que em 1940, a situação dos protestantes não era confortável; os embates ou “batalhas” continuavam. O poeta, por habitar nessa região, também é participe do mesmo imaginário: “um católico ortodoxo”. Dessa forma, um texto milenar, nômade, como a história de Carlos Magno encontrou um local favorável para ser reterritorializado, pois o discurso exemplar dessa narrativa é compatível com a mensagem da igreja oficial e o contexto pragmático dos nordestinos.

Tomando por base o quadro comunicacional de Jakobson, o alinhamento horizontal entre emissor (sujeito que produz a mensagem), mensagem, receptor (aquele que interpreta a mensagem) e o contexto histórico e pragmático favorecem a transmissão de uma mensagem, pois mesmo Jakobson sendo um participante de estudos formalistas, em seu quadro comunicacional, observa-se a referência ao “contexto” em que um enunciado é produzido. Martelotta (2010, p. 32) expande o entendimento do termo contexto descrito por Jakobson.

Ampliando um pouco mais a noção de contexto, podemos dizer que o termo abrange todas as informações referentes às condições de produção da mensagem: o emissor, o destinatário, o tipo de relação existente entre eles, o local e a situação em que a mensagem é proferida, entre outras coisas.

Pêcheux (2008, p. 56) expõe que o discurso tem vínculo com o externo (contexto histórico-pragmático), não é somente estrutura. O autor expõe que:

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe. (...) todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação.

Segundo o autor, o discurso encontra filiação nas agitações sócio-históricas, ou seja, o externo influencia a estrutura e a significação do discurso. No contexto nordestino, final do século XIX e início do século XX, a religiosidade assume um destaque relevante na vida da população. Dessa forma, o externo (o contexto histórico) irá influenciar decisivamente o discurso do folheto, e assim, a relação entre fator externo (contexto) e interno (discurso) pode ser observado no primeiro folheto da série das tramas carolíngias.

O poeta Leandro Gomes de Barros utilizou um tema conhecido do povo nordestino para dar início a um folheto no nordeste. O contexto histórico/religioso nordestino, como visto anteriormente, favorece a circulação de tal discurso, pois, emissor – mensagem – receptor estão em harmonia discursiva no que concerne à religiosidade. Desse modo, o poeta dá início a uma série de folhetos, partindo de um discurso vigente entre a população, uma espécie de prédica. Paraibano de Pombal, homem do século XIX, esse poeta tem então, uma relação dialógica com todas as referências históricas e imaginário do seu tempo. Em outras palavras, a poesia não é

uma carta de conversão, mas um “exemplum” de efeitos de subjetividade do eu – lírico, ou seja, do poeta aliado um tempo de “batalhas” religiosas.

É importante destacar que a voz zumthoriana é diferente do termo discurso. Para Zumthor, a categoria voz está relacionada ao ser humano concreto, ao contrário do termo discurso, pois a escritura, o enunciado literário é uma voz que se encontra imersa em uma base escrita, portanto mediado, assim o discurso/enunciado é compreendido como uma representação de uma voz.

O folheto em foco aponta em seu início a recusa dos cavaleiros mais experientes de Carlos Magno em lutar contra o gigante turco. Ferrabrás é descrito da seguinte forma:

O almirante Balão
 Tinha um filho – o Ferrabraz
 Que entre os turcos, era o mais
 Que tinha disposição
 Mesmo em nobreza e acção
 Era o maior que havia
 Então em toda a Turquia
 Onde se havia fallar,
 Tudo tinha de respeitar
 Ferrabraz de Alexandria. (BARROS, 1913, p. 2).

Nessa descrição do guerreiro mouro Ferrabrás, a relação entre o nome da personagem e a sua genealogia funciona de maneira antagônica em relação ao catolicismo, pois essa personagem concentra em sua nervura uma historicidade contrária ao catolicismo. De acordo com a circularidade da voz zumthoriana, o mito reaparece em uma nova narrativa, semanticamente descrito como na narrativa primeira. Um exemplo desse antagonismo é observado nas cantigas de Santa Maria, pois quando a figura do mouro surge na diegese, esse é adjetivado de forma negativa.

Porque ajan de seer
 Seus miragres mais sabudos
 Da virgen, deles fazer
 Vai ant’ omees *descreudos*³²

 Aquel mouro astragou
 As terras u pod’ entrar
 E todo quanto *robou*³³
 Feze-o sigo levar. (AFONSO X, 1979 , p. 234).

³² Grifo nosso.

³³ Grifo nosso.

Essas duas características, “descrente e ladrão” são também demonstradas no decorrer da narrativa do folheto em análise, assim como, elas são exploradas no discurso de Oliveiros, pois o intento de cavaleiro carolíngio é afastar Ferrabrás de uma práxis que seja contrária ao cristianismo. Desse modo, a personagem do mouro carrega em si uma marca, um simbolismo contrário ao catolicismo, e mesmo no processo de atualização da narrativa não perdeu esse estigma. Após a descrição de Ferrabrás, e este vendo que nenhum dos doze pares de França sai para a luta, o guerreiro turco inicia um protesto galhofeiro em relação aos paladinos franceses.

Sahirei daqui dizendo:
 – Carlos Magno se encondeu?
 Roldão não me apareceu
 Talvez ficasse tremendo...
 Estou só, como está se vendo
 Elles são doze guerreiros
 Como 12 cavalleiros,
 Não dão batalha a um só?
 Porque não vem uma mó
 Roldão, Ricardo, Oliveiros? (BARROS, 1913, p. 4).

Depois do desafio proposto por Ferrabrás aos homens de Carlos Magno, e o rei francês vendo que nenhum de seus pares sairia para batalhar com o guerreiro turco, Carlos Magno chora, porém um de seus homens, Oliveiros, mesmo ferido em outros combates, responde positivamente ao embate com Ferrabrás.

Guarim, podes descançar,
 – Oliveiros respondeu.
 Um soldado como eu
 Não deixa seu rei chorar,
 Pois o turco há de acreditar
 Que mil feras não me comem
 As minhas façanhas se somem
 Mas enquanto eu não morrer
 Ferrabraz há de dizer
 Em França encontrei um homem. (BARROS, 1913, p. 9).

Entretanto, o cerne da mensagem religiosa do folheto, somente emerge a partir da estanza número 50, em que vê-se a materialização do discurso católico, quando Oliveiros parte para a batalha física, tem-se uma das primeiras indicações da sua crença, ou melhor, de sua fé.

Beijou a cruz da espada
 Prosseguiu uma oração!
 Oh! Virgem da Conceição!
 Maria pia e sagrada,
 Mãe de Deus immaculada,
 Esposa Casta e fiel
 Pelo vinagre e fel
 Que Christo bebeu na cruz,
 Rogae por mim a Jesus,
 Nessa batalha cruel. (BARROS, 1913, p. 24).

A oração de Oliveiros é repleta de simbologia católica. Têm-se nesses enunciados do folheto, a caracterização religiosa do cavaleiro carolíngio, assim como uma equiparação entre o herói da narrativa e o fervoroso fiel nordestino. Segundo Bosi (1993), nada é por acaso na configuração discursiva dos folhetos de cordel. Essa oração de Oliveiros funciona como um exemplo de conversa com seus protetores celestiais. Tudo que é descrito na prece de Oliveiros está relacionado ao contexto pragmático dos receptores, além disso, não há uma assimetria entre o discurso do folheto e as prédicas católicas que circulavam no nordeste. Nesse momento da batalha, os enunciados do folheto adquirem uma funcionalidade exemplar, pois o leitor/ouvinte da narrativa é o fiel católico, desse modo, o guerreiro nordestino também pode rogar a seus protetores celestes. Oliveiros, no final de sua oração, pede a intercessão de Maria, pois na liturgia católica, Maria é a intercessora junto a Jesus. Vislumbra-se também no teatro nordestino Maria com a mesma função de “a intercessora” do povo nordestino em o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, precisamente no epílogo da peça, na cena do julgamento.

Após essa demonstração de fé antes da batalha, durante todo o combate, Oliveiros busca de forma contundente converter o guerreiro Ferrabrás. Se faz necessário observar que, o duelo físico entre Oliveiros e Ferrabrás é suspenso, o leitor/ouvinte percebe gradativamente o silêncio na descrição do embate físico, logo observa-se a emersão da interação verbal constante entre os guerreiros. Nessa batalha tecida através de um diálogo dialógico, o paladino francês abusa da retórica com o intuito de trazer uma alma desgarrada para o redil do bom pastor.

Disse Oliveiros comsigo,
 Meu Deus – se vós concedesse
 Que esse turco conhecesse
 Que é feliz viver contigo,
 Livraria-o do perigo
 De su'alma se perder,

O céu havia de colher
 Um'alma quase perdida
 Que depois de arrependida
 Podia se converter. (BARROS, 1913, p. 36-37).

A tentativa de Oliveiros no processo de conversão de Ferrabrás é similar à preocupação de Carlos Magno histórico, pois Oliveiros (apóstolo guerreiro) temia que a alma de Ferrabrás fosse para o inferno. O rei carolíngio tinha a mesma preocupação de seu “apóstolo” da fé. Durante seu mandato de autoridade eclesiástica, Carlos Magno tinha como meta “a salvação eterna” dos fiéis (MELLO, 1980). Essa vertente do discurso histórico foi absorvida pelo texto ficcional e amplificada no discurso de Oliveiros, pois assim como na questão da oração de Oliveiros, essa parte da “prédica” torna-se exemplar, pois indica implicitamente que o leitor/ouvinte também deve se arrepender. Essa mensagem exemplar é assaz conhecida da população nordestina, não pelo verso do poeta, mas pelas vozes dos beatos da região. Além disso, os enunciados proferidos por Oliveiros não fogem do padrão postulado pela igreja oficial. Essa voz exemplar é uma polifonia medieval repercutindo no nordeste.

Levando em consideração o discurso exemplar medieval e a sua repercussão no contexto nordestino, infere-se que o poeta permanece atrelado a essa ideologia do discurso exemplar do medievo. O poeta não rompe com o padrão estabelecido pela igreja oficial, pois o contexto pragmático é convidativo para a circulação de tal discurso, o poeta simplesmente disponibiliza-o para a população.

Oliveiros prossegue em sua luta proselitista contra o gigante Ferrabrás:

Jesus Filho do Eterno,
 Exemplo da Redempção
 Livrai a este pagão
 Do abysmo do inferno,
 Daí-lhe um desejo moderno,
 Um intuito que o avise
 Nessa miserável crise,
 Daí-lhe isso como prenda,
 Que de tudo se arrependa
 Creia em vós e se baptise.

Deixe estes ídolos que adora,
 Crea na Virgem Maria,
 Crea que um Deus nos cria
 Julga tudo em uma hora,
 Bote estas ilusões fora,
 Que o demônio não lhe pise
 Peça a Jesus que o avise,

Abrace a religião
Peça das culpas perdão
Crea em Deus e se baptise. (BARROS, 1913, p. 39, 41).

Ressalta-se nesse trecho do discurso de Oliveiros que há uma vigorosa imposição do cristianismo-católico por parte do guerreiro carolíngio, fé que poderia conceder ao guerreiro mouro um melhor lugar após essa vida, ou seja, a salvação eterna. A dialética maniqueísta presente nessa estanza é substancial para que se visualize a distinção entre a recompensa do fiel católico e a do não-católico. Nota-se essa problemática nos seguintes versos; “que é feliz viver comtigo, livraria-o do perigo de su'alma se perder, o céu havia de colher uma alma quase perdida”. Entretanto, se Ferrabrás não obedecesse a esse chamado, poderia ser conduzido ao inferno. A funcionalidade dessa mensagem extrapola a ficção e serve de alerta ao fiel católico, pois de acordo com a ideologia medieval do catolicismo, o descrente teria como legado o inferno.

Além disso, é significativa a questão do abandono dos ídolos proposta por Oliveiros. O cavaleiro carolíngio diz: “Deixe estes ídolos que adora, Crea na Virgem Maria”. Ressalta-se que há um processo de conversão em andamento. É proposto ao turco abandonar todos os seus objetos de crença, em compensação, ele deve aderir a uma nova série de componentes que lembrem o catolicismo, tais como: a cruz, Nossa Senhora e etc. A questão do abandono dos ídolos em relação à população nordestina é deveras pontual, pois essa proibição indica que qualquer outro culto que não seja o católico está relacionado ao diabo. Observa-se que essa voz maniqueísta do discurso medieval ainda repercute no folheto nordestino, pois se equipara com a mesma ideologia da igreja no presente.

Infere-se também nos enunciados acima, uma marca de permanência do discurso exemplar medieval. No período em que o texto matriz que aborda as campanhas carolíngias foi concebido, a devoção ao catolicismo era sinônimo de aprovação de Deus. No enredo de *Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, o fato da conversão do turco ao cristianismo-católico torna-se mais importante do que a batalha física, pois vislumbra-se essa peculiaridade a partir do discurso de Oliveiros, “creia em vós (Jesus) e se baptise e crea em Deus e se baptise”, sem esse rito, a alma de Ferrabrás estaria perdida. Essa ordenança prescrita por Oliveiros é até hoje tradicional entre os fiéis católicos, após o

nascimento de uma criança, alguns meses depois, o batismo da mesma é realizado, pois acredita-se que “o pagão” não tem espaço no céu. O discurso apresentado nesse trecho da obra condiz com as prédicas prescritas pela igreja católica, ou seja, há uma horizontalidade entre o discurso da narrativa e o discurso da igreja.

Após tentar convencer Ferrabrás por meio do diálogo e percebendo que o mouro não respondia positivamente a sua mensagem religiosa, têm-se um momento de luta franca entre o cavaleiro carolíngio e o gigante turco. Depois de muitos golpes desferidos e Ferrabrás percebendo que fora atingido em partes vitais, este toma uma decisão que surpreende o leitor/ouvinte. Ferrabrás diz:

Assim que Ferrabraz viu
 Se ultimando sua vida,
 Pôz a mão sobre a ferida
 A Oliveiros pedio
 Julga-se que o turco sentiu
 Uma emoção tanto ou quanto
 Que disparou nesse pranto
 Sentindo e tão magoado,
 Como se fosse tocado
 Do Divino Espírito Santo

- Nobre e grande cavalleiro!
 Disse o turco arrependido,
 Agora estou convencido
 Que teu Deus é verdadeiro,
 Grande, bom e justiceiro
 Ente de grande mister,
 Faz tudo quanto quizer
 Só ele tem heroísmo
 Te peço daí-me o baptismo

Depois faça o que quizer. (BARROS, 1913, p. 43-44).

Após todos os argumentos utilizados por Oliveiros, as últimas palavras de Ferrabrás convergem para a aceitação da pregação do cavaleiro carolíngio. A mensagem contida no folheto é estabelecida como um ato de pregação, uma espécie de catequização para a comunidade em que a narrativa circula. Um folheto como *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* sendo lido em um serão, numa praça, numa feira, surtiria um efeito similar ao de uma pré-dica, tal é o teor da mensagem.

Observado pelo viés discursivo, o maniqueísmo observado nas palavras de Oliveiros é extremamente significativo para a configuração dialógica do discurso da narrativa. Por meio dessa categoria bakhtiniana, o dialogismo, ressalta-se que o guerreiro mouro não cede discursivamente aos argumentos de Oliveiros, logo, nesse

processo de interação verbal entre os interlocutores não há uma equiparação entre os discursos, ou seja, nenhum dos dois guerreiros se submete ao discurso do outro, todavia, até o momento do arrependimento de Ferrabrás. A partir do arrependimento do mouro, essa dialética maniqueísta e discursiva que tem como representantes (tese) Oliveiros = o bem e (antítese) Ferrabrás = o mal, contempla uma síntese exemplar, o arrependimento e a conversão de Ferrabrás.

A força argumentativa de Oliveiros no intuito de converter Ferrabrás também pode ser visualizada como um apelo à salvação da comunidade nordestina. Oliveiros pode ser entendido como o beato, Ferrabrás pode ser associado à figura do sujeito que ignora a fé católica. Todavia, a força argumentativa de Oliveiros leva a ovelha desgarrada de volta ao redil, ou seja, na comunidade nordestina, *locus* em que a religiosidade está extremamente arraigada na voz do povo, a mensagem de Oliveiros surte um efeito de esperança e possibilidade de arrependimento, pois, em uma comunidade desprovida dos elementos básicos para a sobrevivência, a esperança maior está relacionada à fé em Nossa Senhora e Jesus.

Na batalha entre o cristão Oliveiros e o turco Ferrabrás, o maniqueísmo torna-se relevante, pois a figura do carolíngio é sempre relacionada ao bem, enquanto Ferrabrás é tido como o mal. Dessa forma, mesmo Ferrabrás tendo aceitado o catolicismo como sua religião, no discurso dos folhetos nordestinos, ou no imaginário do nordestino, Ferrabrás permanece sendo uma figura relacionada à oposição, o mal, o enviado do demônio. No folheto intitulado de *A chegada de Lampião no céu*, o mesmo Ferrabrás que havia aceitado a fé católica, nessa narrativa volta a ser representado como inimigo da fé católica. Em um trecho do folheto, há a seguinte descrição:

Disse-lhe a virgem mãe suprema:
 Vai-te pra lá Ferrabrás,
 A alma que eu pôr a mão
 Tu com ela nada faz,
 Arrenegado da cruz
 Na presença de Jesus
 Tu não vences, Satanás! (CALCANTI, 1948, p.12).

Mesmo com o processo de conversão de Ferrabrás, o estigma da batalha maniqueísta presente no folheto *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* proporcionou ao signo Ferrabrás o estigma de aliado da oposição religiosa. Assim como Carlos Magno é relacionado à figura de Jesus devido às características arquetípicas que ambos

compartilham, no imaginário nordestino, o signo Ferrabrás tem sua associação com a figura de Satanás, através de dois fatores:

- (1) Adversário do guerreiro católico no primeiro folheto da tradição;
- (2) popularidade do folheto que apresenta Ferrabrás como inimigo da igreja oficial.

A influência da “igreja oficial” no Nordeste se estende sobre o poeta, sobre a população, assim como influenciou as formações discursivas do folheto em análise. O povo nordestino por comungar do simbolismo da fé católica propiciou a notoriedade das narrativas de carolíngias, pois o discurso do folheto relacionava-se à voz da igreja, desse modo, mais uma hipótese que ratifica que essas tramas carolíngias, principalmente o primeiro folheto da tradição, *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* tenham alcançado tal sucesso entre o povo nordestino. Por contemplar um enredo que aborda reis, guerreiros e luta armada, assim como o papel religioso do discurso do folheto, essa narrativa alcançou um destaque significativo entre os leitores e ouvintes dos folhetos.

O discurso vinculado no folheto em análise tem a função de “catequizar” a população por meio do exemplo. Se Ferrabrás quiser ir para o céu, ele terá que aceitar o catolicismo, assim como o leitor/ouvinte do folheto. Dessa forma, a narrativa em apreciação é expressiva, pois, cumpre uma função social na época de sua veiculação, função que está associada à conservação da ideologia católica no nordeste brasileiro, pois como descreve Bosi (1993), nos folhetos de cordel nada é por acaso.

Considerações finais

Essa pesquisa, como foi destacado desde o início, teve como objetivo investigar os fatores que potencializaram a popularidade dos folhetos carolíngios no Nordeste brasileiro, por meio de um aporte teórico da linguística. Uma série de estudos destacou a equiparação simbólica entre as personagens carolíngias e os cangaceiros nordestinos, porém essa equivalência arquetípica foi somente descrita superficialmente, nessa oportunidade buscou-se um aprofundamento teórico com o intuito de delinear esse câmbio entre os carolíngios e os cangaceiros.

Por meio do conceito zumthoriano de nomadismo e o conceito kabatekiano de tradição discursiva foi possível apreender o processo de desterritorialização da narrativa carolíngia para o Nordeste brasileiro. Neste *locus dramaticus*, o poeta popular Leandro Gomes de Barros criou, a partir da narrativa carolíngia, um folhetim para o povo nordestino, dessa forma, ele preparou os leitores/ouvintes para uma associação semântica entre o signo europeu com o signo tupiniquim. Apreende-se que esse engenhoso artifício realizado pelo poeta popular é um dos pilares ou contributo para a popularidade dos folhetos carolíngios no nordeste.

O segundo passo dessa pesquisa convergiu para uma questão pouco discutida em relação aos folhetos carolíngios, a estruturação do discurso religioso presente no primeiro folheto da série, *Batalha de Ferrabraz com Oliveiros*. As prédicas do catolicismo popular ecoaram no Nordeste brasileiro monopolizando o discurso católico. Fixado de forma substancial nas bordas sociais nordestinas, o discurso religioso contido também nos folhetos carolíngios desponta como algo que atrai o público para esse tipo de narrativa. Os folhetos carolíngios sempre foram analisados pelo viés da historicidade da narrativa ou mesmo das personagens, enquanto, o quesito discursivo foi pouco considerado pelos pesquisadores. Por conservar um discurso que está simetricamente em nível de igualdade com os discursos católicos que circulavam em solo nordestino no final do século XIX e início do século XX, esse fator também contribuiu para uma popularidade significativa dos folhetos carolíngios.

Entretanto, o que se torna significativo nesse estudo é a sapiência e engenhosidade do poeta popular. Segundo Costa Leite, o poeta só ganha dinheiro se souber agradar o ouvinte/leitor/receptor. A partir dessa consideração de Costa Leite,

infere-se toda a astúcia de Leandro Gomes de Barros. Este poeta criou uma tradição discursiva carolíngias, pois segundo Ferreira (1979), o nordestino era carente de um herói, após o que, atualizou essa narrativa na figura do cangaceiro. Além disso, atualizou a narrativa carolíngia sem olvidar o imaginário da mensagem católica presente no cerne do texto matriz. Esses dois fatores amalgamados contribuíram de forma decisiva para a popularidade dos folhetos de Carlos Magno em solo nordestino.

Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ALFONSO X, el Sabio. **Cantigas de Santa María**: edición facsímile Del códice T.I.1 de la Biblioteca de San Lorenzo el Real de El Escorial, siglo XIII, 2 vols. Madrid: Edilan, 1979.

ANTONACCI, Maria Antonieta M. Oralidade, Estrutura e Literatura Iconográfica na Literatura de Folhetos: Nordeste do Brasil, 1890-1940. In: **Projeto História**: Revista do programa de estudos Pós-Graduados em História. PUC, São Paulo, v. 22. 2001.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso In: **Estética da criação verbal**. Tradução (do francês) por PEREIRA, M.E.G, 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. (V. N. VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARROS, Diana Pessoa. Algumas reflexões semióticas sobre a enunciação. In: **Enunciado e discurso**. Org: Maria da Glória di Fanti e Leci Borges Barbisan, São Paulo: Contexto, 2012.

BENJAMIN, W. **O narrador**. In: BENJAMIN, W. (Ed.). *Magia e técnica, arte e política* : ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BÍBLIA SAGRADA. (Trad. João Ferreira de Almeida). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRANDÃO, Adelino. **Crime e castigo no cordel**. Rio de Janeiro: Presença, 1990.

CASCUDO, Luis Câmara. **Cinco livros do povo**: introdução ao estudo da novelística no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

CHAUCER, G. **Os Contos da Cantuária**. Apresentação, tradução direta do inglês médio e notas de Paulo Vizioli. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma e fala. In: **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1979

CURRAN, Mark J. **A literatura de cordel**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1973.

_____. **Retrato do Brasil em Cordel**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

CURTIUS, E. R. **A comédia humana**. Tradução de Gomes da Silva e Vidal de Oliveira. Rio de Janeiro: Globo, 1952.

- DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- Deleuze, G. Guattari, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- ELIADE, M. **Mito e Realidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1978.
- _____. **Mito y Realidad**. Barcelona: Editorial Labor. S.A., 1991.
- _____. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, Jerusa Pires. **Cavalaria em cordel – o Passo das Águas Mortas**. São Paulo, Hucitec, 1979.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- FRAGOSO, Hugo e outros. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- _____. **Fábulas de Identidade: estudos de mitologia poética**. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- KABATEK, Johannes. Tradições discursivas e mudança lingüística, In: Lobo, Tânia (org.) **Para a História do Português Brasileiro VI**, Salvador: EDUFBA, 2006.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1981.
- LOUREDA, Oscar. Fundamentos de uma lingüística del texto real y funcional. In: Coseriu, Eugenio / Loureda, Oscar. **Language y discurso**. Pamplona: EUNSA, 2006.
- LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude. Universidade. In: Dicionário Temático do Ocidente Medieval. São Paulo: EDUSC, 2006.
- _____. “Realidades sociais e códigos ideológicos no início do século XIII: um *exemplum* de Jacques de Vitry sobre os torneios”. In: **O imaginário medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LESSA, Origenes. **A voz do poeta**. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Ruy Barbosa, 1984.
- LITERATURA POPULAR EM VERSO**: antologia. Tomo 2. MEC/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Campina Grande: Fundação Universidade Regional do Nordeste, 1976.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTELLOTA, Mário Eduardo. (org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELLO, Beliza Áurea de Arruda. **Redemoinhos na encruzilhada do imaginário ibero-paraibano: pactos da mulher com o diabo nos folhetos de cordel**, Tese doutorado:cchla, ufpb, 1999.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Quem foi Lampião**. Recife/Zurich: Editora Stahli, 1993.

MELLO, José Roberto. **O império de Calos Magno**. São Paulo: Ática, 1980.

MEYER, Marlyse. **Autores de Cordel**. Coleção Literatura Comentada. São Paulo: Abril Educação, 1980.

NEMER, Sylvia. **O ideal cavaleiresco entre o romancero medieval, o cordel e o cinema**. In: Revista Intermédias, v 9, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

RIBEIRO, Lêda Tâmega. **Mito e poesia popular**. Rio de Janeiro: Funarte Instituto Nacional do Folclore, 1987.

ROMERO, Silvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. **Memória das Vozes – Cantoria, romancero e cordel**. Salvador: Secretária da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SIMÕES, José da Silva e KEWITZ, Verena (no prelo). **Tradições discursivas e organização de corpora**. In: Vanderci Aguilera (Org.). **Para a história do português brasileiro**, VI Seminário do PHPB. Londrina: Uel, 2007 (digitado).

SOUZA, Liêdo Maranhão de. **Classificação popular da literatura de cordel**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SUASSUNA, A. **Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2004.

XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas pias populares. Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo**. (Belo Horizonte) Itatiaia, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaio**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

_____. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

BIBLIOGRAFIA DIGITAL

Galvão, Ana Maria. **Ler/Ouvir folhetos de cordel em Pernambuco** (tese), 2000. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-84NPAE/2000000017.pdf?sequence=1> Acesso em: 22/03/2012.

JAHN, Livia Petry. **A literatura de cordel no século XXI: Novas e velhas linguagens na obra de Klévisson Viana** (dissertação), 2011. Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32886/000787302.pdf?sequence=1> Acesso em: 01/05/2011.

Casa Rui Barbosa:

http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_colecao_docpro_lista_ctd.html

Acesso em: 11/05/2011

Projeto Memória de Leitura, coordenado pelas professoras Márcia Abreu e Marisa Lajolo: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/> Acesso em: 25/08/2012

Fundação Joaquim Nabuco:

<http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/home/index.php> Acesso em: 25/08/2012

Coleção Sebastião Nunes Baptista:

<http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=RuiCordel&pagfis=64&pesq=&url=http://docvirt.no-ip.com/docreader.net#> Acesso: 11/05/2011.

Dicionário Aurélio Buarque de Holanda: <http://www.dicionariodoaurelio.com>

Acesso em: 11/12/2012.

<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>. Acesso em 24/04/2012.

<http://editoralzeiro.com.br/cordeis/81-roldao-no-leao-de-ouro-luzeiro.html>. Acesso em 15/02/2012.